

O MONSTRO atrás DA
PORTA

LANDERSON
RODRIGUES





Todos os direitos desta edição reservados à Editora PenDragon
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Marcus Pallas

Revisão
Susana Silva

Diagramação
Rafael Sales

Editor Gráfico
Ricardo Gonçalves

Coordenação Editorial
Graci Rocha
Priscila Gonçalves

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte.
Renata Brito dos Santos CRB-8/9773

869.9 Rodrigues, Landerson
P963c O monstro atrás da porta / Landerson Rodrigues_ Rio de Janeiro: Pendragon, 2018.

ISBN
978-85-9594-040-6
1. Literatura brasileira 2. Policial I. Título.

CDD: 869.9

869.9 Rodrigues, Landerson
P963c O monstro atrás da porta / Landerson Rodrigues_ Rio de Janeiro: Pendragon, 2018.

ISBN
978-85-9594-040-6
1. Literatura brasileira 2. Policial I. Título.

CDD: 869.9

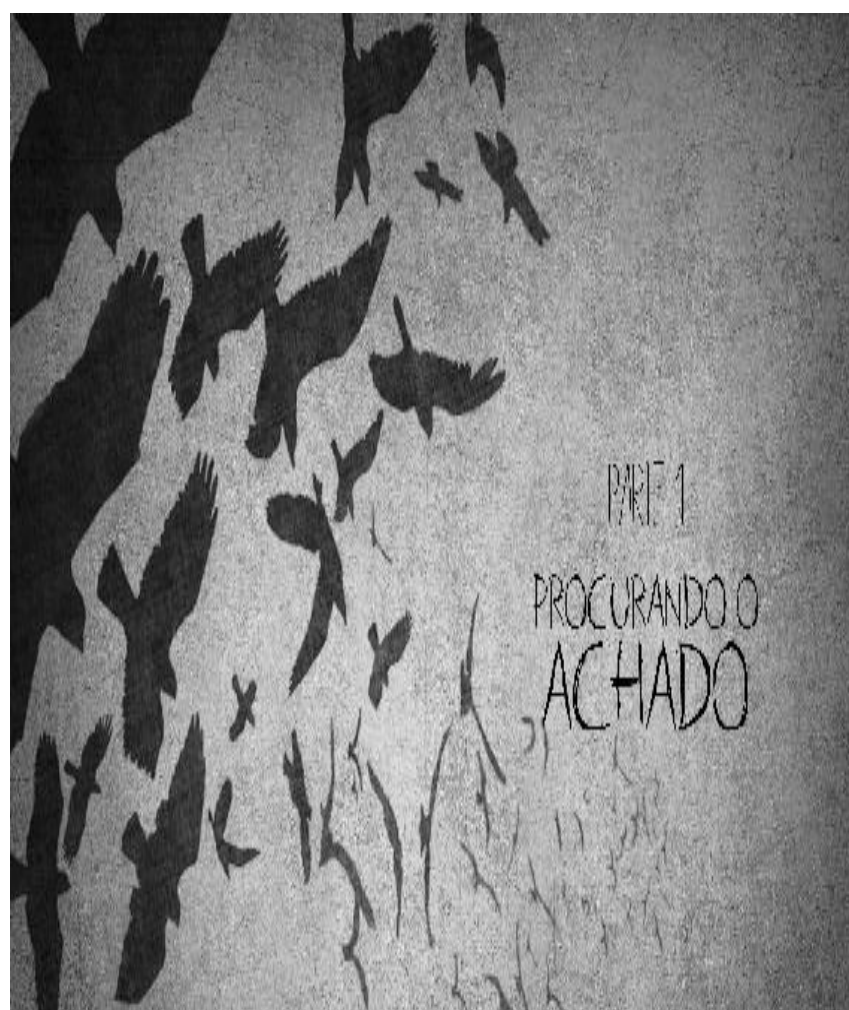
Rio de Janeiro – 2018, Rio de Janeiro.

É proibida a cópia do material contido neste exemplar sem o consentimento da editora. Este livro é fruto da imaginação do autor e nenhum dos personagens e acontecimentos citados nele tem qualquer equivalente na vida real.

Direitos concedidos à Editora Pendragon. Publicação originalmente em língua portuguesa. Comercialização em todo território nacional.

Formatos digitais e impressos publicados no Brasil.

Para Hemilly e sua incrível habilidade psicológica.





RODRIGO MONTIBELLER

DETETIVE CIVIL

31 DE OUTUBRO
HALLOWEEN

Quando penso no motivo que me levou a escolher ser um detetive, penso no quão importante é minha profissão para a sociedade. Descobrir o motivo, o porquê, qual a justificativa, ir atrás dos culpados, investigar, e por fim prender. No Brasil, a profissão de detetive não é tão empolgante como em alguns países de primeiro mundo, onde a polícia é bem estruturada e trabalha para um bem em comum. Não posso negar que amo o que faço e acho que não seria feliz se tivesse escolhido outra profissão. No departamento onde trabalho as coisas podem ser bem interessantes, principalmente quando temos um grande incidente, exatamente como agora. Estou no carro da polícia a caminho da cena do crime, são três horas da madrugada. Para ser sincero, eu queria estar na minha cama assistindo um filme de terror, esperando que o sono me levasse para outra dimensão, mas não é possível.

Um detetive nunca trabalha só, eu costumava trabalhar, mas o fardo está ficando pesado demais para uma única pessoa. O meu parceiro, Alexandre, é um recém-detetive. Passou no último concurso que teve do ano e foi chamado para ingressar na minha equipe. Recém-formado em direito, é um jovem bem prestativo. Embora me irrite algumas vezes por querer comer as pastas de arquivo, mania de novato. Eu sempre digo: “*vá com calma, garoto*”.

Estou sentado do lado dele neste momento enquanto ele nos leva para o local do crime.

Alexandre é um rapaz alto, branco, de cabelo liso e espetado. Creio que quando estava na faculdade deve ter namorado bastante. Poderia ser modelo se quisesse, mas a sua paixão era prender bandidos e ir para as ruas investigar os homicídios. Em contrapartida, eu sou um coroa alto e malhado, já tive meus dias de glória, mas sempre chega um dia em que temos que nos aposentar dos tempos em que éramos jovens. Se eu fosse rico poderia ser comparado a um astro de cinema, eles nunca aparentam ter a idade que têm. Afinal temos que pôr nossa autoestima sempre para cima.

— Estamos quase chegando – diz Alexandre.

— Para onde estamos indo mesmo? – pergunto, confirmando o que eu já sabia, para testar o garoto.

— Um corpo foi encontrado em um terreno abandonado no município de Camaragibe, mais precisamente em Aldeia – responde ele sem tirar os olhos da estrada –, mas estão achando que se trata do mesmo cara que você investigou ano passado nesta mesma data. Por isso solicitaram que investigássemos o que de fato aconteceu.

— Droga! – digo passando a mão no cabelo e soltando uma certa quantidade de ar. – Esse cara de novo não! Você leu os arquivos que eu te passei sobre ele?

— Li sim. Enigmático é seu sinônimo, e ele deixa sempre um bilhete endereçado ao senhor.

— Eu já disse para você parar de me chamar de senhor.

— Desculpe.

— Se for o mesmo assassino, deixou um bilhete para a polícia, endereçado a minha pessoa, na cueca da vítima.

O ano passado neste mesmo dia, no dia das bruxas, feriado pouco lembrado no Brasil, recebi um chamado da polícia sobre um homem que tinha sido estuprado e mantido em cativeiro por um tempo, até que um dia conseguiu fugir do seu agressor, mas foi achado e morto antes que conseguisse pedir ajuda. A polícia achou o corpo três dias depois, em estado de putrefação. Quem quer que fosse, tinha pensado muito bem antes de cometer o crime, sabia o que estava fazendo, e boa parte do material necessário para análise tinha ido embora. Com certeza não era um amador.

Às vezes fico muito irritado quando penso o quão rápidos esses bandidos são. E fico intrigado como eles conseguem informações privilegiadas e confidenciais. Mas isso não vem ao caso no momento, o que importa é que esse cara sabe meu nome, onde trabalho, meu cargo e que estou sempre nas investigações. Fiquei com medo o ano passado, por receber, na cena do crime, um bilhete com recortes de jornal, endereçado a mim e onde dizia:

“Na caça pelo rato, o gato sempre leva a melhor!”

Para: Sr. Montibeller”

A chuva começa a cair lá fora e a impaciência me consome aos poucos, fazendo meu rosto se retrair. Não consigo disfarçar quando estou sem saco e estressado, diferente de Alexandre que está sempre de bom humor. Numa hora dessas, tudo o que eu mais queria era minha cama.

Depois de algumas curvas e rodovias desertas, por causa da hora, finalmente chegamos à cena do crime. A polícia tinha isolado o local com fitas zebradas em preto e amarelo. As famosas fitas com o letreiro: *“Cena do crime – Mantenha Distância”*. O chefe do departamento está lá de pé, andando de um lado para o outro. Ao ver a nossa chegada, o velho gordo vem em nossa direção.

— Rodrigo! – grita para mim acenando com a mão, eu apenas aceno de volta e faço um movimento com a cabeça para Alexandre me acompanhar. – Ainda bem que você chegou Rodrigo, estávamos só esperando você e o Alexandre. – Isso faz meu parceiro ajeitar a roupa e empinar o nariz, ele adora se sentir importante.

— Certo, vamos acabar logo com isso – falo sem ânimo.

— Me acompanhem – diz o superintendente.

João Barbalho é um velho barrigudo e tagarela, nem parece ser da alta patente da polícia, passou no concurso da polícia quando ainda era necessário apenas o ensino médio, faz muitos anos. A falta de conhecimento era um atraso para manter um diálogo com ele. João é uma pessoa altamente qualificada por ter anos de experiência, mas no geral e teoricamente falando, deixa muito a desejar. Porém, chefe tem que ser respeitado.

O local em que estamos é um vasto terreno verde com vários tipos de plantas e árvores, a chuva e a escuridão não me deixam ter uma visão clara das coisas, mas sei que Aldeia, um dos maiores bairros de Camaragibe, cidade vizinha do Recife, possui muito desses terrenos. O corpo foi achado numa casinha de madeira, no terreno de uma casa de verão de uma poderosa família pernambucana. A pequena casa estava aos pedaços e cheirava mal. O corpo do homem encontrava-se jogado no chão, com o braço esquerdo escondendo o rosto. Tinha marcas de arranhões e estava apenas de cueca cinza, com sangue seco na parte dianteira.

O homem parecia ter lutado por dias contra uma cilada. O cenário parecia uma cena do filme *Jogos Mortais*. Doía ter que imaginar tudo o que este cidadão enfrentara.

Com uma luva e uma máscara cirúrgica, Alexandre agacha-se ao lado do homem e puxa o elástico da cueca para ver de onde vinha o sangue. Tudo estava no lugar, aparentemente.

— Bem, a genitália está intacta – diz Alexandre, com a voz abafada, por trás da máscara e continua a examinar o corpo.

— Rodrigo – começa João em um tom de preocupação –, achamos que se trata do mesmo assassino do ano passado no caso daquele rapaz que achamos na mata em São Lourenço. Os indícios sugerem ser a mesma pessoa. O crime está mais uma vez muito bem arquitetado. Você é um dos que possui mais experiência neste setor e como ficou à frente do caso ano passado, passarei este caso para você também.

— João, eu agradeceria muito se este caso fosse para outra pessoa... – Tento convencê-lo de que já estou sobrecarregado demais para continuar.

— Muitos gostariam de estar em seu lugar. Um caso desses é pra poucos, e tem que ser bom o suficiente. Estou pondo minha confiança e expectativas em você.

— Eu sei, só estou um pouco velho e cansado para esse desgaste, eu só...

— Pessoal – interrompe Alexandre –, achei uma coisa dentro da boca da vítima!

Alexandre se levanta com um pedaço de papel ressecado e estende o braço na minha direção. Meus olhos se abrem e fico sem reação por alguns segundos, depois coloco uma luva de látex para pegar o bilhete.

“O veneno da cobra mata em horas, o veneno do homem permanece em sua mente.

Para: Sr. Montibeller”

— Acho que não estou em posição de recusar, não é? – falo sem expressar nenhuma reação.

— Não – responde João. – Mais tarde enviarei todos os arquivos pertinentes para você e para Alexandre – diz tirando o celular do bolso e saindo de perto.

— Você acha que é o mesmo assassino do ano passado? – pergunta Alexandre me encarando com aqueles olhos negros, tão fascinados com o primeiro caso da sua vida policial.

— Sim – falo secamente. – O modus operandi aparentemente é o mesmo. Esse idiota está querendo fazer joguinho de gato e rato. Vamos voltar para o escritório e verificar o que temos. Peça ao departamento de homicídios que sejam realizados os exames necessários. Vou deixar uma cópia dos arquivos na sua mesa. E esteja pronto, pois estamos lidando com alguém bastante perigoso.

— Eu gosto de perigo – responde Alexandre.

— Outra coisa. Está vendo aqueles repórteres se aglomerando ali fora? – aponto para que ele os veja. – São todos seus, aproveite – digo dando um tapa de leve no seu ombro esquerdo e saindo de cena.

ALEXANDRE BELARMINO

DETETIVE CIVIL JÚNIOR

31 DE OUTUBRO
HALLOWEEN 2

Quando tinha dezessete anos meus pais queriam que eu fosse um médico ou engenheiro, coisa bem *clichê* no Brasil, acho que os pais temem que se você não escolher uma dessas profissões não ganhará dinheiro. Eu nasci em Santa Maria, uma pequena cidade no interior do Rio Grande do Sul, conhecida por ser uma cidade universitária. E mais conhecida ainda por ter ênfase em áreas biológicas. Mas foi em Recife, capital do estado de Pernambuco, que me formei em direito. Viemos morar em Recife faz alguns anos. Meu pai passou no concurso da orquestra do Recife. Sem puxar saco por ser meu pai, mas ele era um dos melhores pianistas que já vi na vida. Minha mãe apenas o acompanhou, ela já estava planejando pedir demissão do escritório onde trabalhava. A adaptação foi difícil. Nós estávamos acostumados com as roupas de frio e com a falta de suor. Recife é totalmente o oposto, a cada passo dado, uma gota de suor escorre do rosto. É muito quente, mas não deixa de ser uma cidade linda.

Desde sempre gostei muito dos tiras, os *caras* que perseguem os bandidos. Meus seriados favoritos são: *CSI*, *Law and order*, *Bones* e principalmente *Cold case*. Embora este último seja o menos conhecido mundialmente, é meu preferido. Acho que é porque eu tenho uma queda pela personagem principal.

Eu me formei há dois anos e prestei o concurso da polícia logo em seguida. Fui chamado no início do ano e agora que estamos chegando ao final já sou um detetive concursado.

Assisti de casa a toda a movimentação da polícia nas poucas pistas do caso no ano passado. Nenhum indício na balística, nada de vestígios humanos, nem material genético deixado no local, a não ser o da própria vítima. Um crime de mestre. O Jornal Nacional, principal veículo de informações no horário nobre, fez a cobertura durante dias, mas as provas e evidências ficavam cada vez mais escassas. Depois de quase dois meses sem muitas informações para passar ao público, o caso foi sendo esquecido pela mídia e pelo grande público. E aqui estou eu, diante do mesmo assassino, provavelmente.

Dinheiro para a vida toda é o que todos dizem quando você é empregado em um cargo público. Pensamento pequeno e pobre. Uma pena que seja “para a vida toda”, porque sou a favor que, se um funcionário público não estiver rendendo, tem que ser demitido. No Brasil as coisas não funcionam assim. E embora alguns governos tentem mudar isso, privatizando as empresas públicas, acho que é algo para longo prazo.

Fiquei ainda mais feliz, quando soube quem seria meu parceiro, Rodrigo Montibeller, um

dos maiores investigadores do estado, conhecido por ter desvendado vários crimes. Quem não se lembra da mãe que matou o filho e culpou a irmã? Ou da dona de casa que esquartejou três crianças, porque jogaram pedras em seu telhado? Nesses e em muitos outros casos, quem estava à frente, era “Rodrigo, o Grande”.

Ele se parece com aqueles tiras americanos que vemos em filmes, com a cara amarrada e o cigarro de lado na boca, enquanto interroga alguém, mesmo não fumando. Lembro que o ano passado, enquanto estava passeando no shopping, vi uma reportagem, através do monitor de uma dessas lojas de eletroeletrônicos, de uma pessoa que matou e estuprou um cara sem deixar vestígios, e quem era o policial responsável? Montibeller. O próprio. E agora aqui estou eu, tempos depois, dividindo o mesmo caso com o imensurável.



Às três da madrugada meu telefone corporativo toca veementemente, alarmando e acordando qualquer um que estivesse no mais profundo sono. “*Nunca coloque seu celular corporativo no silencioso*”, era o que Montibeller me dizia. Sempre. Porque a qualquer momento pode ser necessária a minha presença, isso me faz sentir um policial útil, pronto para resolver qualquer crime. Eu realmente gosto do que faço. E faço com prazer, orgulho e satisfação. Ainda estou me adaptando aos modos do Rodrigo, afinal é meu chefe e, como ele sempre diz, *chefe deve ser respeitado*.

— Alô! – pego o telefone o mais rápido que posso, tentando disfarçar a voz grave de sono.

— Belarmino – começa Rodrigo do outro lado da linha – temos trabalho a fazer. Foi encontrado um corpo em um terreno nas bandas de Aldeia e estão nos chamando para o local. Já estou a caminho da polícia, te espero lá.

— Mas a polícia que você está falando é o departamento centro, né? – falo confuso e de imediato fico envergonhado pela pergunta estúpida que fiz. Lógico que ele estava falando do prédio da polícia. Espremo os olhos de vergonha.

— Você conhece outra polícia sem ser onde você trabalha, meu jovem? – pergunta Rodrigo ironicamente. – Não se atrase – e encerra a ligação.

Como disse anteriormente, ainda estou me acostumando ao ritmo de um policial. As pessoas costumam ser bem diretas e as relações são bem frias, pelo menos no meu departamento. Depois de receber esse chamado pulo da cama, tomo uma ducha para espantar o sono, pego meu distintivo, a arma, o colete da polícia e parto para a minha primeira missão.

No caminho que tracei para o prédio da polícia pelo GPS daria mais ou menos uns quinze minutos. Como estava de madrugada, provavelmente a Avenida Norte estaria livre de trânsito. Algo que me estressa muito no decorrer dos dias. O céu ameaça mandar uma chuva digna de filme, ou melhor, digna de uma investigação. Porque sempre chove em histórias de investigação.

Pobre Hollywood, presa nos clichês.

A chuva dá um “quê” a mais numa cena de suspense ou terror, sempre reparo isso nos filmes de terror. Enquanto o personagem principal se levanta e corre, naquele momento de tensão final, sempre tem aquele maldito raio que acende o cômodo, deixando a cena macabra.

Eu tenho que parar de ficar comparando a minha vida real com as ficções dos livros e filmes. Não estou interpretando, essa é minha vida agora. Preciso focar. Estou dirigindo neste momento para uma missão que pode, e deve agregar valor à minha carreira. *Vamos Alexandre! Foco!*

Uma das coisas que acontece é que todos dentro da polícia têm o costume de chamar pelo segundo nome, eu particularmente gosto bastante disso, sinto-me mais policial.

Assim como tinha previsto, o caminho pela Avenida Norte está livre. Apenas pouquíssimos carros passam no sentido da Avenida Agamenon Magalhães. O prédio está mais perto, quando percebo que sou seguido por alguém. Uma Chevette preta com vidros fumê vem me seguindo desde que peguei a Cruz Cabugá. Para ter a certeza, eu tenho que mudar o caminho. De quinze minutos, a minha jornada teria um acréscimo de cinco. Teria que cortar algumas ruas para confirmar minha suspeita.

Após isso, entro pela direita, então minhas suspeitas são confirmadas, a Chevette continuava a seguir-me. Continuo seguindo a rua, dobro à esquerda na Rua Felizardo, com a Chevette ainda atrás de mim. Pouco antes de pegar novamente a Avenida Cruz Cabugá, paro o carro, olho pelo retrovisor e vejo as luzes ofuscantes da Chevette. O ronco do carro aumenta e diminui como se estivesse me chamando para uma luta. Agora era hora de pôr em prática parte do treinamento que tive antes de ganhar meu distintivo. Eu tenho que interrogar quem é esta pessoa. Preciso saber por que alguém me segue.

Abro a porta do meu carro e pego meu distintivo, a arma e uma lanterna pequena que estava no porta-luvas. A Rua Machado de Assis é bastante arborizada, e à noite fica bastante escura, mesmo com as luzes opacas da rua. Meu coração começa a acelerar. O carro tinha parado a uns cinco metros de distância do meu, bem no meio da rua.

“Que estranho! Por que essa pessoa está me seguindo? Deve ser apenas um idiota querendo tirar onda com minha cara.”

Olho para o relógio e vejo que já era para eu estar, pelo menos, perto do prédio da polícia.

As casas da rua são grandes e abertas, como nos filmes americanos. “Bem, se acontecer alguma coisa, pelo menos vou poder gritar por socorro ou correr para a porta de alguém”, penso. Na pequena caminhada até aquele carro preto, observo que o veículo está bastante desgastado. Quando passo rapidamente a luz pela placa, percebo que o carro é da Paraíba, o estado vizinho. Isso faz com que eu arqueie uma das sobrancelhas.

Quando estou perto do carro, o motorista desconhecido dá uma arrancada com o veículo,

me jogando em um dos gramados do meu lado esquerdo. Ainda bem que eu estou em forma e alerta, se não, no mínimo, teria uma fratura radial. Graças a minha memória fotográfica, consigo pegar a placa do desgraçado. POYA-12345. Levanto-me, e sem pestanejar, corro de volta para o meu carro, pego um pedaço de papel, na verdade um dos muitos panfletos que estão jogados no carro. Anoto a placa, giro a chave e continuo meu caminho pela madrugada.

O centro do Recife estava calmo, quieto e sombrio. De madrugada nem parecia ser aquela cidade agitada. A maré baixa do rio Capibaribe revela a sujeira que as pessoas daqueles edifícios jogam nele todos os dias, deixando o rio com um aspecto escuro e com mau cheiro. Às vezes queria voltar no tempo e ver Recife antigamente, deveria ser exuberante a visão em épocas passadas.

Atravessando a ponte Buarque de Macedo, sinto a brisa fria invadir o meu carro. A lua iluminando o Rio Capibaribe, visão que os recifenses têm todos os dias e muitos não dão o devido valor. A Veneza brasileira é exuberante, para quem sabe apreciar.

O edifício da polícia é no bairro do Recife antigo. Aquela caixa retangular com tiras azuis divididas em três partes iguais e com o brasão da polícia gigantesco na frente, parecia estar precisando de uma reforma urgente. Estaciono o meu carro, podendo escolher a vaga, coisa que geralmente é difícil de acontecer e adentro no prédio.

Quando chego ao departamento, encontro Rodrigo me esperando.

— Então, quer dizer que sempre que tivermos um incidente – ironiza – vou ter que esperar isso tudo por sua causa?

— Alguém me seguiu – falo engolindo em seco e passo a mão na testa tentando enxugar as gotículas de suor.

— Como é que é? – pergunta ele contraindo as sobrancelhas.

— Eu estava saindo de casa, quando percebi que um Chevette preto me seguia. Então, tive que contornar por outras ruas para ter a certeza que estava de fato atrás de mim. E realmente estava. Então eu desci do carro com meu distintivo, disposto a interrogá-lo. Mas quando estava chegando perto, o louco deu uma arrancada com o carro e quase me atropelou. Tive que me jogar no gramado de alguém para não perder minha perna.

— Você pelo menos pegou alguma informação para que possamos identificar essa pessoa? – questiona colocando as mãos no quadril, típica pose de detetive.

— Sim – falo mostrando um pedaço de papel com a placa do carro. Rodrigo pega-o e dobra a perna esquerda por cima da quina do meu birô, se inclinando para a frente e analisando-o com atenção.

— Ótimo! Depois verifique quem é e então poderá tomar alguma providência – fala calmamente. – Alexandre, nesse ramo que vivemos você deve se acostumar de certa forma com essas coisas. Lembre-se, combatemos o crime, e claro que o crime vai querer nos combater.

Agora vamos, pois já estão nos esperando na cena do crime. – Dá meia volta e me encara. – Trouxe os arquivos que te dei sobre o caso?

— Trouxe sim.

— Se importa de dirigir? – questiona ele dando um sorriso forçado como se eu não tivesse escolha.

— Claro que não! Vamos.

RODRIGO MONTIBELLER

DETETIVE CIVIL

01 DE NOVEMBRO
O CORPO

Quando a esposa da vítima, acompanhada de mais três familiares, chega ao Instituto Médico Legal para o reconhecimento do corpo, está tão desolada que parecia ter sido espancada. Seu rosto se encontra inchado por conta do choro, ainda assim dá para notar a sua beleza. Alta, magra e com uma postura elegante, Larissa da Silva e seus parentes chegam depois do crepúsculo. Alexandre ligara para ela um dia antes, mas ela não se encontrava no estado. Teve que pegar o próximo voo de Florianópolis para Recife.

O Instituto Médico Legal está localizado na Rua do Pombal no bairro de Santo Amaro, próximo ao cemitério, um bairro razoavelmente perigoso e indiscreto, com certeza não é o tipo de local frequentemente visitado por pessoas do porte daquela família.

— O que aconteceu? – pergunta ela rompendo em lágrimas.

— Sra. Larissa...

— Pode me chamar só de Larissa... – diz enxugando as lágrimas, mas em vão.

— Encontramos seu marido morto no município de Aldeia. E gostaríamos que a senhora...

– Alexandre pigarreia, se desculpando pelo erro – reconhecesse o corpo. Pode nos acompanhar, por favor?

Ela abraça uma senhora, que acredito ser a sua mãe. Alexandre permanece o tempo todo com a cabeça baixa, acho que está desconfortável com a situação. Infelizmente terá que se acostumar e o mais rápido possível, esse processo é sempre doloroso, mas é preciso.

Elas nos acompanham pelos corredores, ouvem-se apenas os estalos dos sapatos contra o concreto e as duas mulheres choramingando.

O médico legista de plantão explica para elas, em breves palavras, o que aconteceu. Elas ficam de frente para as gavetas de alumínio onde se encontram vários defuntos. Dr. Macedo puxa uma das gavetas e abre o zíper do saco plástico.

As mulheres ficam desesperadas quando veem que o morto é de fato o marido de Larissa. Alexandre continua com a cabeça baixa e dirige-se para a porta. Eu sigo-o enquanto o médico revela mais detalhes sobre a morte do homem para a esposa.

— Você está bem? – pergunto enquanto saímos da sala.

— Estou... É que...

— Acostume-se, meu jovem. É disso para pior.

— Eu fico apenas pensando na dor que esta mulher está sentindo. Não sei o que faria se

isso tivesse acontecido com meu pai, entende?

Noto que seus olhos estão marejados.

— Olha... — chego mais perto dele — não sei o que seu pai passou e nem me interessa, mas se você não se recompuser agora, pode pegar suas coisas e sumir daqui.

— Desculpe, eu estava tentando ser empático.

— Eu entendo, mas aquelas mulheres...

Larissa, seguida da sua mãe, sai correndo em direção à recepção. Seguimos as mulheres às pressas.

Enquanto a senhora mais velha conforta outro senhor gordo, chamo a atenção de Alexandre com um gesto de cabeça para que se aproxime de Larissa.

— Larissa... — digo tocando nas costas dela com as pontas do dedo indicador, começando um diálogo. — Eu sei que a situação é difícil, mas preciso de um depoimento seu para que possamos avançar com a investigação.

— Eu... A-a-a acabei de saber da morte do meu marido — diz ela entre lágrimas e soluços. — E você ainda vem me pedir depoimento? Nesta situação?

— Entendo que a situação é complicada...

— Entende? — pergunta ela numa ironia tão grande que me faz respirar fundo clamando por paciência. — Eu tenho duas filhas adolescentes em casa me esperando para dizer que o pai delas morreu. Melhor, que foi brutalmente assassinado.

— Creio que a senhora, assim como eu e meu parceiro, queira saber quem fez isso com seu marido. E para isso precisamos do depoimento das pessoas mais próximas.

Ela fecha os olhos com tanta força que faz as lágrimas escorrerem por ambos os lados do rosto. Enterra o mesmo na palma da mão e fica choramingando baixinho.

Quando olho para Alexandre os olhos dele estão tão marejados que a qualquer momento as lágrimas iriam descer. Estreito os olhos para ele e faço uma careta amarga de quem não gosta nada daquela atitude. Profissionalismo sempre, ele precisa aprender isso.

— Vá ao banheiro e dê um jeito nesse seu rosto, agora! — ordeno baixinho entredentes.

Alexandre sai apressado. Fico observando ele sair quase que correndo para que ninguém visse seu choro. Ele é um bom rapaz, mas é uma falta de ética tremenda e isso não aceito. Eu continuo de pé em frente à mulher, que senta no sofá da recepção.

— Três dias... — Sibila ela, quase inaudível.

— Desculpe Larissa, não ouvi.

— Me dê três dias e eu posso falar com você.

— Não posso esperar muito, quanto mais rápido você nos ajudar, mais ágil seremos. Preciso disso o quanto antes.

— Três malditos dias! — expele ela entre saliva e choro. — Eu tenho um velório para

organizar e não vou, nem quero responder nada até que isso acabe.

Aquela cena corta meu coração, mas permaneço sem expressar nenhum sentimento.

— Ok. Três dias. Você prefere algum horário específico?

— Pode ser pela tarde.

— Certo Larissa. Marcado então. Gostaria de dar meus pêsames. Vamos encontrar quem fez isso com seu marido. Trabalharemos duro para isso. Desculpe-nos o transtorno.

Quando saímos do local já passava das oito da noite. O céu estava negro, com certeza choveria e logo em seguida ficaria seco e abafado deixando mais calor do que já está. Vou ao encontro de Alexandre, que já estava ligando o motor do carro para ir embora.

— Você quer me explicar o que foi aquilo lá dentro?

— Olha... – diz ele tentando se explicar. As suas mãos já estão no volante. – Eu não consegui lidar com o sofrimento daquela mulher. Quando eu...

Faço um sinal para que se cale.

— Imagina se o médico que foi dar a notícia da morte do seu pai chegasse para toda a família no *hall* do hospital já em prantos e lágrimas – ele faz uma expressão de espantado –, você se sentiria confortável?

Demora quase meio segundo para que os olhos dele se encontrem com os meus.

— Como você sabe que meu pai morreu, se eu não te contei nada?

— Você acha mesmo que eu não procurei saber a respeito da sua vida? Somos detetives, filho. Esperava um pouquinho mais de você. Mas tudo bem, no início é sempre difícil. Depois piora.

Dou uma batida em cima da porta do carro dele. Ele sai com tamanha pressa que os pneus cantam. Fico observando-o desaparecer na esquina.

A chuva começa a cair em gotículas tão finas que pequenas bolinhas ficam no cabelo e na roupa. Sento em frente ao volante do meu carro e observo a família ir embora. Seria uma noite triste, infelizmente.

A chuva engrossa de tal forma que as gotas fazem barulho no teto do carro. Ligo o motor e vou para casa.

03 DE NOVEMBRO

A VISITA

Exatamente três dias depois do enterro de Jonas Matias, eu e Alexandre estamos à porta da casa da, agora, viúva Larissa. Ela mora no bairro de Poço da Panela, bairro localizado na zona norte do Recife de classe média alta. Mais precisamente na Rua Antônio Vitróvio.

O bairro é residencial, cheio de casas no estilo americano. Os jardins abertos, as cerquinhas brancas, os carros de luxo nas garagens. Mas a casa onde o casal morava é de muro alto, coberto de musgos, e que se estende até onde a vista alcança. Bem excêntrico e luxuoso.

— Eu moro no bairro ao lado – diz Alexandre dando uma informação que eu não tinha solicitado.

— Você ligou confirmando que viríamos hoje?

Ele faz que sim com a cabeça.

— E, por favor! Controle-se! – digo com autoridade.

Mais uma vez confiro o endereço e o número da casa. Observo o bairro tranquilo e silencioso. Confirmando o horário, duas horas da tarde em ponto, toco o interfone três vezes. Uma voz grogue e cansada atende.

— Alô?

— Boa tarde, Larissa. Aqui é o detetive Rodrigo e o detetive Alexandre, ficamos de...

Um barulho de destrave é acionado, cortando minha fala. Troco alguns olhares com Alexandre enquanto faço um sinal com a cabeça para que ele entre primeiro.

A casa é excepcionalmente grande e arejada. Uma piscina em um azul turquesa intocável estava à nossa frente. Um jardim que se estende até ao final da casa dando variados tons de roxo, amarelo e azul, as janelas e portas tão rústicas quanto as casas da Suíça. Um HB 20 se encontra estacionado no fundo. Tudo parecia estranhamente intocável, como se o luto tivesse paralisado a casa no tempo e espaço. Um som de música animada emana de dentro para fora, mas não dá para distinguir o que é. Pelo que parece, alguém não está tão triste assim.

A porta corrediça de frente para a piscina se abre, e uma mulher sai. Larissa, que há três dias estava deslumbrantemente bonita, apesar do choro, agora é possível ver os cabelos desarrumados, olheiras, e aparentemente está mais magra do que já era. Ela faz um gesto com a mão para nos aproximarmos dela. A mulher veste um short jeans desbotado e uma camisa social masculina, que deduzo ser de Jonas. A música fica cada vez mais nítida quando a seguimos até à sala de estar. Dá para ouvi-la melhor agora. Provavelmente alguma música pop animada que explode em um som abafado e que vem do primeiro piso. Um grupo de adolescentes canta uma

das muitas músicas chicletes dos dias atuais. Detesto esse tipo de música que fica na cabeça martelando o tempo inteiro. Provavelmente elas estão tentando seguir a vida da maneira mais adolescente possível. Está perdoado.

— Minhas filhas adoram essas garotas – Larissa fala respirando fundo, notando minha rápida distração com a música. – Agora se me dão licença, fiquem à vontade, eu vou tomar um banho e já desço.

Ela sai cambaleando escada acima.

A casa é realmente aconchegante e mesmo por fora, sendo um arco-íris de cor pela conotação que o jardim dá ao local, dentro é toda branca. Desde os móveis até as paredes. Fotos estão espalhadas por todas as prateleiras. É possível ver uma Larissa jovem segurando um diploma na mão: “*Universidade Federal de Pernambuco, Biomedicina 1983*”, diz a legenda. Ao lado está Jonas Matias, anos depois com os braços em volta de Larissa e as duas filhas, creio que estavam na Disney. As garotinhas são lindas, ambas saíram com os cabelos loiros do pai, mas a delicadeza e beleza da mãe.

— Psiu!

Alexandre tira minha atenção me chamando para perto dele num movimento de cabeça. Ele me mostra um retrato tão antigo, que demoro quase um minuto para reconhecer. Dois jovens com os braços envoltos um no pescoço do outro. Murilo Júlio de Lima, assassinado no ano anterior, e Jonas Matias estão abraçados na foto. Trocamos um olhar franzindo o cenho. *Eles se conheciam. O que mais eles teriam em comum?*

A mulher desce a escada e devolvemos os porta-retratos aos seus devidos lugares. Ela observa-nos sem gostar muito de nossa atitude. A seguimos até à cozinha. Sentamos num banquinho alto, parecido com aqueles de bar, enquanto ela se serve de vinho. Embora esteja aparentemente melhor depois do banho, as olheiras profundas continuam ali. Ela dá um longo gole e senta à nossa frente.

— Larissa, como você sabe, precisaremos de algumas informações sobre seu marido.

Ela apenas faz que sim com a cabeça.

— Como vocês se conheceram?

— Mas o que isso tem a ver com meu marido morto?

— O máximo de informação que você nos passar, será bem-vindo. Pode não parecer relevante, mas é.

Ela morde o lábio inferior, toma mais um gole do vinho, enterra a cabeça na mão direita e olha para mim.

— Verão de 1983, estava prestes a me formar em biomedicina, quando fui convidada para uma calourada. Uma festa organizada pela turma, para arrecadar fundos para a formatura. Eu estava na área vip quando ele chegou perto de mim – ela engole em seco enquanto relembra o

passado –, os cabelos loiros, os músculos que sobressaíam pela roupa, o sorriso lindo e perfeito. Ele me chamou para dançar. E dançava muito bem. Até que surgiu o primeiro beijo. Ele estava se formando em engenharia e eu em biomedicina. Depois disso começamos a sair, até que um dia, estava num jantar com umas amigas e de repente ele entrou e me pediu em casamento, ali, na frente de todo mundo.

Ela prende a respiração e faz força para não deixar as lágrimas caírem.

— Jonas possuía alguma amizade que poderia fazer mal a ele?

— Não, que eu saiba.

— Seu marido frequentava boates, bares ou lugares onde ele poderia arranjar encrenca?

— Ele era tão caseiro, que se eu não o chamasse pra sair, morreríamos aqui dentro.

— Seria possível que ele tivesse tido alguma briga com alguém que quisesse vingança?

— Ele nunca chegou aqui em casa reclamando de nada. Se aconteceu alguma coisa, ele escondeu muito bem.

— Murilo Júlio – digo retirando uma foto da pasta que levava comigo –, era amigo do seu marido, vimos os dois abraçados numa foto lá na sala. Você pode nos confirmar?

— Sim.

— Há quanto tempo eles se conhecem?

— Desde o ensino médio. Eles estudaram juntos...

— E a amizade prevaleceu durante esses anos – completo a frase, enquanto ela apenas faz que sim com a cabeça.

— Você sabe que Murilo foi encontrado morto nas mesmas condições que Jonas?

A mulher fecha os olhos e respira fundo. As lágrimas rolariam a qualquer momento.

— Sim... Nós fomos ao enterro.

— Qual o grau de relação de Murilo com Jonas? O quão próximos eles eram?

— Próximos a ponto de se chamarem de irmãos.

— E esses irmãos podem ter extrapolado algum dia o limite e feito mal a alguém?

— O que você está insinuando?

— Larissa, casos de estupro podem acontecer, infelizmente, com qualquer pessoa. Mas é incomum em adultos do sexo masculino. A porcentagem é mínima. Por acaso, você desconfiava que seu esposo pudesse ter um caso extraconjugal?

— Com homens?

— Sim.

— Nem fodendo! – diz ela, tão convicta que colocaria a mão no fogo se fosse possível. – Ele era machista demais para esse tipo de atitude. Eu desconfiava que ele estivesse saindo com alguém.

— E por que você desconfiava?

— Nos últimos dias ele me dizia que estava em constantes reuniões e chegava tarde em casa. Até que encontrei uma mancha de batom no colarinho de uma camisa dele e um cartão de visita de alguma prostituta de luxo, amassado no bolso.

— Descobrimos que passou pelo menos uns sete dias em cativo. Ou seja, ele foi sequestrado primeiro. Você não sentiu falta dele?

Ela demora uns vinte segundos para responder.

— Eu fui para Florianópolis visitar minhas primas, já que estou de férias. Mas antes disso, ele me disse que teria que viajar a trabalho.

— Então, Jonas disse que viajaria a trabalho, por isso que você não sentiu a falta dele.

— Isso.

— E quantos dias ele disse que passaria fora?

— Estava programado para serem duas semanas em Salvador atendendo um cliente.

— E ninguém da empresa entrou em contato com você para saber por que ele não tinha chegado ao cliente?

— Não. Ele viaja muitas vezes e por períodos tão grandes que não faz diferença ele ligar ou não. Na verdade, eu liguei para ele.

Os olhos dela se perdiam como se estivessem desfocados.

— E o que ele disse?

— Ele não atendia minhas chamadas. Disse que estava no hospital, tinha passado mal, mas estava bem.

— Como assim? Ele não atendia suas chamadas e te deu essas informações?

— Ele mandava mensagens pelo *whatsapp*.

— Mas não atendia as chamadas?

— Não.

— Você não estranhou isso?

— Estranhei, mas o que poderia fazer se estava longe?

Olho para Alexandre que, atento, anotava os principais fatos que ela dizia. A expressão dele era duvidosa. Provavelmente estava pensando o mesmo que eu. *Ela estava mentindo em algum ponto. Preciso cavar mais um pouco para ver se encontro mais informações.*

— Como era o relacionamento dele com as filhas?

— Melhor impossível. Ele era um pai dedicado, amoroso e atencioso. Foi dolorido demais para elas.

— Não parece estar sendo doloroso.

A mulher me encara com uma expressão de raiva, faltava pouco para que voasse de onde estava e me batesse.

— O que você está querendo dizer?

— Nada. Apenas que as meninas não parecem estar tão devastadas com a morte do pai.

— Preste atenção – diz ela batendo na mesa –, eu me ofereci de bom grado para que vocês viessem aqui e pegassem as informações que fossem necessárias. Mas não vou aturar essa sua ironia!

— Desculpe Larissa, foi apenas uma observação. Não tinha a intenção de ofendê-la. Só estou expondo o que está se passando.

— Não ouse falar das minhas filhas dessa maneira, de novo.

— Tudo bem – falo tentando tranquilizá-la. – Podemos dar uma olhada no quarto de vocês?

Ela estava novamente com a cara amarrada.

— Pode – diz de forma seca e sem vontade. Ela parecia querer nos expulsar.

A música abafada, que saía do quarto das adolescentes, estava num volume bem mais baixo do que quando chegamos. Mas era possível ouvir *Taylor Swift*, uma voz com seus agudos afinadíssimos. O quarto do casal ficava do lado oposto ao das meninas. Uma porta branca com vários detalhes nos levava para um quarto enorme e intocável. Apenas a cama estava bagunçada. Coloco um par de luvas de látex e vou explorar o aposento.

Não encontramos nada além de um lixeiro no banheiro, que com certeza fazia semanas que estava ali, pois ainda tinha uma camisinha enrolada com esperma dentro, exalando um mau cheiro terrível. Papel higiênico usado, restos de poeira, garrafas e latas das mais diversas bebidas alcóolicas. Vimos mais algumas fotos antigas de quando eles eram jovens e das meninas recém-nascidas. Não encontramos nada que parecesse estranho.

Ao terminarmos a vistoria, Larissa nos acompanha até à porta da frente.

— Espero ter ajudado.

— Seu depoimento foi de grande ajuda. Pode ter certeza – digo dando um aperto de mão. Antes que pudéssemos entrar no carro, ela me chama.

— Detetive Rodrigo!

— Sim.

— Por favor. Faça justiça por mim.

— Pode deixar. Trabalharemos duro para isso.

Quando olho para a janela de cima, vejo que duas cabecinhas espreitavam entre as persianas. As filhas. As duas eram muito parecidas com o pai. Em seguida, entro no carro.

— Convencido? – pergunta Alexandre assim que sentamos nas poltronas do veículo.

— Não – respondo alisando o queixo com o polegar, enquanto admirava a casa.

30 DE NOVEMBRO

O COLECIONADOR DE CORPOS

As buscas estão acirradas com relação ao caso. Quanto mais eu e Alexandre vamos atrás de fatos e pistas, mais coisas surgem. A pessoa que arquitetou isso é muito profissional. Já passa um mês desde que encontramos o corpo no município de Aldeia e até agora não temos nada concreto, na verdade vamos começar a interrogar alguns suspeitos, os donos da propriedade onde o corpo foi encontrado. Pelo menos conseguimos chegar à conclusão de que é o mesmo assassino do ano passado. O laboratório detectou que a morte está atrelada ao mesmo acólito do assassino.

A vítima dessa vez foi novamente um homem na faixa dos quarenta e cinco anos, casado, sem ficha na polícia, que parecia ter sido escolhido aleatoriamente. Os resultados finais comprovaram que ele foi abusado sexualmente, assim como a vítima anterior. Marcas de corrente, arames e cordas estavam no corpo, mas nada de uma digital, fio de cabelo ou qualquer coisa que pudesse servir de prova. O corpo simplesmente estava limpo. Foi detectado novamente hidróxido de amônia em todo corpo. O composto consegue esconder e acabar com quaisquer vestígios deixados, principalmente digitais e manchas. Quem fez sabia o que estava fazendo.

“Mas por que esses homens? O que eles fizeram para você, senhor assassino?”, penso me inclinando nos braços e entrelaçando as mãos em um nó harmonicamente perfeito. Nesse momento, sou puxado dessa confusão pelo Alexandre batendo em minha porta, tirando-me dos mais profundos pensamentos sobre este intrigante caso.

— Montibeller, o senhor me chamou? — ele insiste em colocar este “senhor” ao me chamar, já disse para não o fazer, por isso fecho a cara para ele. — Quer dizer, apenas Montibeller. Já sei. Desculpe-me.

— Não — digo acenando com as mãos —, não se preocupe. Olha, eu sei que por ser novato tem toda aquela coisa de querer ser e fazer as coisas. Mas com calma vamos nos ajustar. Sim, chamei você aqui pra que possamos dar uma geral no caso e vermos o que temos. E estou te devendo uma explicação detalhada do que aconteceu ano passado. — Levanto-me da poltrona e peço para que entre. — Por mais explicativos que sejam os arquivos, nada melhor do que alguém explicando o assunto, que nem em sala de aula. — Puxo um sorriso forçado no canto da boca.

— Quanto mais eu leio sobre o caso, mais intrigado fico com a astúcia dessa pessoa — diz Alexandre, sentando-se na cadeira que está à sua frente, na mesma hora em que um rapaz do TI traz o *pen drive* que eu tinha solicitado mais cedo. — Até agora nada a declarar à imprensa que está massacrando o caso a cada dia.

— Por isso que te chamei aqui. — Fico de frente para ele, me apoiando na mesa.. —

Precisamos rever tudo. E vou começar agora.

Peço para que Alexandre feche as persianas e apague as luzes enquanto plugo o *pen drive* e ajeito o retroprojeto. As imagens se expandiam e faziam meu parceiro engolir em seco.

— Então, vamos recapitular. — Sinto-me um professor andando de um lado para o outro, sendo iluminado de vez em quando pela luz que saía do retroprojeto. — Ano passado, um caso muito curioso chamou nossa atenção. O corpo de Murilo Júlio de Lima foi encontrado num terreno baldio perto do local em que achamos o corpo de Jonas Matias dos Santos neste ano. Ambos estavam apenas de cueca e com marcas no corpo. A autópsia declarou que os dois estavam sendo mantidos em cativeiro por alguns dias e demonstravam sinais de desnutrição. Nas duas vítimas foram encontrados dois bilhetes endereçados a minha pessoa. — Alexandre deveria ser um aluno exemplar na faculdade, ele anota todas as coisas, detalhe por detalhe, exatamente como os alunos aplicados fazem. — As duas vítimas foram estupradas mais de uma vez, mas a pessoa que fez isso tomou cuidado suficiente pra não deixar vestígios — digo olhando para trás e passando as fotos com apenas um clique no pequeno controle remoto. Alexandre faz cara de nojo ao vê-las.

As imagens retratavam o ódio e a maldade humana. Era possível ver um corpo sujo e putrefato, cortes de várias profundidades em quase toda a pele, pelos corporais ao longo da cena do crime, todos pertencentes às vítimas, de acordo com os exames toxicológicos, em imagens com bastante *zoom*. A última imagem faz Alexandre se remoer por dentro. Era possível ver os dedos do médico legista em luvas abrindo as nádegas do corpo e mostrando um ânus deformado. O esfíncter, estrutura muscular que contorna o orifício anal, estava totalmente devastado. O que indicava que a vítima sofrera vários estupros em dias seguidos.

— Não temos suspeitos, né? — pergunta Alexandre e eu faço que não com a cabeça. — Mas podemos interrogar algumas pessoas na redondeza lá em Aldeia para tirarmos algumas conclusões, não é? — questiona ansioso.

— Então, o que você está sugerindo?

— Não passou pela sua cabeça que a pessoa que estava sendo mantida em cativeiro num quarto de madeira atrás de uma propriedade, poderia ter gritado ou feito algo, e alguém daquela casa poderia ter visto ou ouvido algo?

Os olhos dele estavam como os de um felino esperando uma resposta. Pior que não tinha pensado nisso.

— Certo. Gostei da observação. Mesmo eu, tendo muitos anos de experiência, posso deixar alguma coisa passar. Isso é sinal de que minha mente já está pedindo aposentadoria.

— E por falar nisso — fala mexendo os papéis em busca de algo —, a família à qual nos referimos chegou hoje da Europa. Eles estavam em Milão, depois foram pra Amsterdã terminando a turnê em Paris, antes de desembarcarem aqui — fala levantando os olhos para mim,

em busca de alguma aprovação. – Eu tomei a liberdade de falar com as companhias aéreas envolvidas e fui ao aeroporto outro dia pra conseguir algumas informações precisas.

— E o que você conseguiu?

— Para um dos passageiros foi necessário um cuidado especial, pois ele tem Síndrome do Esquecimento. – As palavras saíam de sua boca como água caindo da torneira, parecia ser ensaiado para sair perfeitamente. – É uma doença mental na qual o indivíduo esquece algumas coisas que cometeu depois de algumas horas. Se não se importa, eu gostaria de acompanhar você nesta investigação.

— Mas é claro que você vai! – exclamo. – Pegue o necessário e me espere lá embaixo. E acenda a luz e abra as persianas antes de sair, por favor. – Ele acena com a cabeça e faz o que pedi antes de sair do aposento.

Depois que ele desaparece, caio de novo em alguns pensamentos e imagino o quanto eu poderia ter deixado passar. O garoto é realmente esperto. Embora seja meio abestalhado, estou me acostumando com sua companhia. Desde sempre trabalhei só, fui acostumado assim, então precisarei me readaptar. Começo pegando as coisas básicas para sair: arma, distintivo, carteira, chaves do carro e um bloco de anotações. Alguém bate na porta me desconcentrando em meio às minhas arrumações. É João, ele entra, está com um aspecto preocupado.

— Rodrigo, meu filho – fala como um pai quando vai dar conselho ao filho. Às vezes, tenho a impressão de que sou tratado como um filho por ele, realmente, ele é como um ‘paizão’. – O que você vai fazer agora?

— Bem, eu e Alexandre vamos à propriedade onde foram encontrados os corpos, saber se os donos ouviram ou viram alguma coisa. Temos informações de que a família chegou de viagem. Por quê? – pergunto olhando para ele, já me preparando para sair.

— Sim, ótimo. Eu vim avisar a você exatamente isso. Que a família que é dona do local chegou hoje da Europa.

— É, eu soube. – Por um breve momento penso em dizer que fiquei sabendo mais cedo, para que eu fosse elogiado em vez do Alexandre. – O Alexandre me disse agora há pouco, por isso estamos indo lá interrogá-los.

— Por falar no Alexandre – fala baixando o volume –, como o garoto está se saindo?

— Ele é excelente – aceno com a cabeça –, você acertou em cheio ao trazê-lo para o nosso departamento.

— Eu te falei que ele se daria bem! – fala animado. – Agora vão e não percam tempo! – abre caminho para que eu passe entre ele e a porta.

As estradas em Aldeia são estreitas e bem cuidadas. Melhor do que em muitos locais da cidade. Acho que vamos demorar umas duas horas para chegar lá, dependendo do trânsito. Quando olho para algumas estradas do Recife, me pergunto para onde vão nossos impostos

pagos todos os anos. Impostos que deveriam servir para melhorar nossas estradas. Quanto mais pagamos, mais buracos aparecem.

Tudo o que mais se vê no Brasil são placas do governo espalhadas pelas cidades, seja nos órgãos públicos ou em ruas e rodovias com milhões estampados. Um por cento de cada plaquinha dessas resolveria as dívidas de muita gente. Prefiro ser honesto e trabalhar para ganhar, mesmo que seja suado.

— Quando chegar perto do local me chama – digo a Alexandre, que estava de novo dirigindo.

Coloco um boné no rosto e cochilo durante o caminho.



Quando chegamos ao terreno da propriedade, Alexandre dá-me uns tapinhas, me chamando baixinho para que eu acorde. Quando tiro o boné parecia que tinha dormido por horas. Lá está Alexandre com aquele sorriso no rosto bonito e jovial. Eu sinto um pouco de inveja dele, sei que não devo, mas sinto. Acho que o jeito dele me dá um pouco de raiva. Por isso que fui tão frio com ele no início, prometi para mim mesmo que iria melhorar. As brincadeiras infantis mudam meu humor.

— Chegamos! – fala como se a informação fosse me fazer sorrir.

— Que legal! – forço um sorriso, deve ter sido tão sinistro, que o deixa sem graça. Saio do carro e olho em volta.

A frente da propriedade é magnífica. Uma casa de veraneio daquelas que nunca seria comprada por uma família de classe média. Só quem fosse rico, muito rico, para ter aquela propriedade. O município de Aldeia é conhecido por ter grandes casas, chácaras e fazendas. Muitas igrejas, durante o período de carnaval ou em qualquer estação do ano, fazem acampamentos aqui. Por trás dessa casa há uma pequena floresta que dá para a cabana onde o corpo foi achado.

A casa é cercada por um muro muito alto. Na frente há apenas um interfone para contato e uma grade do tamanho do muro, com cerca elétrica em cima. Aperto o interfone e depois de duas longas tentativas um homem atende.

— Alô? – fala a voz computadorizada.

— Olá! Boa tarde! – digo conferindo meu relógio de pulso, já passava do meio-dia. – Somos detetives da polícia e gostaríamos de conversar com alguém responsável pela casa, sobre um assassinato que ocorreu na floresta que pertence a esta propriedade.

Um barulho é acionado e o grande portão de ferro abre. Voltamos para o carro e entramos pelo caminho de coqueiros que nos guiava até ao casarão.

A casa é rústica e tem um equilíbrio perfeito entre o antigo e moderno, em tons moderados.

Quatro pilastras sustentam a parte de cima pelo lado de fora. As paredes brancas estão sendo lapidadas no sol, de forma que passar, pelo menos, cinco minutos olhando diretamente naquela direção, é capaz de cegar. Um homem sai de dentro da casa e nos recebe, parece ser tirado de um quadrinho, provavelmente é o mordomo ou algo parecido. Alto e magro, com movimentos em câmera lenta, ele olha para nós. Está com os cantos dos lábios repuxados para baixo, dando um aspecto de pessoa malvada.

— Pois não? – pergunta ele com um português sem sotaque nordestino.

— Então, como falei antes, estamos investigando um assassinato que ocorreu neste terreno há alguns dias e queremos falar com um responsável pela casa para tirarmos algumas dúvidas.

— Certo. Entrem – diz virando-se de costas para nós e escancarando a porta para que entrássemos. A mesma rangia pela falta de óleo.

Aceno para Alexandre ir à frente. Mas antes de entrar, coloco as mãos na cintura e dou um giro de 180 graus para dar uma olhada no terreno em geral. Uma quadra poliesportiva à esquerda, uma piscina azul turquesa ao lado, um jardim que parecia um arco-íris e um riacho que adentrava a floresta ao fundo. “Que extravagância para mãe e filho”, penso enquanto observo.

— Você não vem? – diz o provável mordomo, fitando-me como um lobo à espreita na porta. Franzo as sobrancelhas e entro no aposento.

O local é bem mais escuro que do lado de fora, as cortinas estendidas deixam a casa com um aspecto escuro e tenebroso.

— Meu nome é Alec – fala o homem em frente da escada –, sou o mordomo desta casa e irei chamar a Sra. Monte.

Ele sobe a escada em espiral, desaparecendo em seguida. O som abafado de seus sapatos ecoa por causa do piso de madeira. Aproveito o ensejo e começo a vasculhar algumas coisas.

Em cima da lareira, que está apagada, é possível ver fotos da família em eventos passados. Crianças e adultos em uma fotografia, com uma mulher com a cara amarrada ao lado de um homem simpático, estava no meio de todos os outros porta-retratos. “Acho que eles são os donos desta casa”, penso. Com um sinal que faço com a cabeça, Alexandre se aproxima e examina o local comigo. Uma pilha de revistas num móvel com um telefone em cima, uma pantufa largada em outra parte da enorme sala, no entanto, é uma fotografia perto da janela que chama a atenção de Alexandre.

— Esse garoto – cochicha apontando para um jovem na casa dos vinte e poucos anos –, foi ele quem precisou de cuidados especiais no avião. Descobri que ele sofre de Alzheimer e que toma remédio, Memantina, usado para tratar a doença de Alzheimer, de estágio moderado a severo.

Fico cada vez mais estupefato com a eficiência de Alexandre. Somos interrompidos com as pisadas do mordomo que vem acompanhado de uma bela mulher, aparentemente perto dos

cinquenta anos. Cabelos longos e negros, com um olhar intimidador e uma expressão fechada e apática. Ela desce as escadas sem tirar os olhos de nós.

— Me acompanhem, por favor – diz ela séria, levando-nos por um corredor até entrarmos em uma espécie de escritório. Todo o piso é de madeira, rangendo sempre que pisávamos, deve ser ali que resolvem as coisas da família. Ela abre as janelas, iluminando o aposento, onde é possível ver uma mesa de reunião, prateleiras com papéis e arquivos, livros de diversos tipos, gêneros e tamanhos numa estante e uma bela visão da floresta que cerca a casa. Senta-se em uma cadeira e faz um sinal para que o mordomo vá embora. Após bater a porta, ela nos convida para sentar. – Então, o que os traz aqui? – questiona rolando os olhos para mim e para Alexandre de segundo em segundo.

— Nós temos apenas algumas perguntas a fazer sobre um assassinato que aconteceu aqui...

— Aqui não – interrompe rispidamente –, na região, você quis dizer.

— Isso. Antes de tudo deixe que me apresente. Eu sou o detetive Montibeller – falo mostrando o meu distintivo e olho para Alexandre – e este é o detetive Belarmino – ele faz o mesmo –, ele tem algumas perguntas a fazer – falo pegando-o de surpresa, nem ele mesmo esperava que eu desse a oportunidade para interrogá-la. Sinto de longe a euforia crescer dentro dele. Meio espantado e nervoso. Tudo tem uma primeira vez, na investigação segue a mesma linha.

— Senhora... – fala enrolado com a situação enquanto ela o fita sem paciência.

Se eu pudesse, dava uma gargalhada agora só pela cara do novato.

— Meu nome é Lúcia. Lúcia Monte. Mas pode me chamar de Sra. Monte.

— Certo Sra. Monte, a senhora pode nos dizer se viu ou ouviu algo, dias antes de acharmos o corpo? – pergunta ele recompondo-se e se preparando para tomar nota da resposta dela.

— Não. Nós não vimos nada.

— Nós? A quem a senhora está se referindo? – pergunta Alexandre de imediato. – Quantas pessoas moram nesta casa?

— Três – diz ela relaxando a coluna na cadeira. – Eu, meu filho Michael, e Alec, o mordomo. Durante todo o ano nós moramos aqui, mas desde ano passado que depois do dia das bruxas vamos para a Europa.

— Certo – diz Alexandre escrevendo e formulando novas perguntas. – Mas qual cuidado especial foi necessário na compra de sua passagem? – a Sra. Monte arqueia as sobrancelhas, tinha sido pega de surpresa.

— Quem te contou isso? E o que isso tem a ver com a investigação? – diz impaciente.

— São só algumas observações que estamos tomando nota.

Ela olha em volta e respira fundo, soltando uma grande quantidade de ar.

— Michael, meu filho, sofre de Alzheimer e tem uma deficiência mental. Quando fica

muito nervoso ou ansioso ele se descontrola – fala secamente. – Mas ainda não entendo o que isso tem a ver.

— A senhora é proprietária de uma grande empresa química que produz vários materiais, certo? – diz Alexandre fixando os olhos nela para ver a sua reação.

Nem eu sabia dessa informação. Ainda bem que o coloquei para interrogá-la.

— Certo.

— Um dos compostos que é produzido é o hidróxido de amônia. O mesmo que foi encontrado no corpo...

— E você está insinuando o quê com isso? – questiona a senhora interrompendo-o.

— Nós estamos querendo esclarecer algumas coisas. A senhora está ciente que hidróxido de amônia retira manchas da cena do crime, dificultando nosso trabalho?

— Senhor detetive – diz ela frisando bem a palavra “detetive” –, deve saber que nossa empresa não fornece nada para ninguém, além dos clientes com quem trabalhamos há anos.

Isso faz o jovem Alexandre recuar um pouco.

— Tudo bem, mas a senhora poderia nos informar se teria alguém que no passado ou até mesmo no presente tenha tido uma rixa com a sua família?

— Não.

— A senhora não acha que poderia ter alguém querendo incriminá-la?

— E por que alguém faria isso?

— Bem, tempos difíceis... – diz Alexandre passando a mão na barba, que se estendia de orelha a orelha. – Hoje em dia qualquer pessoa pode querer fazer algum mal. Ainda mais a senhora tendo uma condição aquisitiva tão boa.

— Acho que já esclarecemos bastante coisa por hoje – ela fala levantando-se e dirigindo-se para a porta –, já está na hora dos senhores irem embora.

Troco olhares com Alexandre enquanto nos organizamos para sair do aposento. Sem mandato não podemos fazer muita coisa. Ela leva-nos até à porta da frente. Nem demos conta de quanto tempo passamos lá dentro.

O crepúsculo cai no céu como uma luva. Tons de rosa e laranja dão uma aparência distópica neste fim de tarde. Na volta, deixo Alexandre descansar, enquanto dirijo o carro até à saída.

— O que mais você sabe sobre essa família, que não me disse? – questiono, sem tirar os olhos do volante.

— Me desculpe – diz ele sem graça. –, eu só não queria que você pensasse que estava querendo mostrar serviço ou babando ovo.

— O que foi que disse a você? Não hesite em me manter informado sobre o caso. Enquanto me preocupo com toda a burocracia e os grandes peixes, você corre atrás de

informações preciosas. Você é bom nisso, garoto! Uma ameaça para qualquer assassino. Agora me diga o que você sabe.

Olho de relance para ele.

— Bem... — diz ele mexendo numa pasta plástica que tira de um dos bolsos da bolsa que tinha levado. Após mexer em alguns papéis continua — a Sra. Monte herdou do marido, meu xará, Alexandre Gomes Monte, as fábricas de produtos químicos existentes no estado. São três no total. Pelo pouco que pesquisei, ele era um farmacêutico muito renomado. Morreu de intoxicação há cinco anos. O laudo médico disse que foi de uma substância ingerida não identificada. Ele estava em casa quando passou mal e teve que ser socorrido, infelizmente não deu tempo de chegar ao hospital com vida.

— Certo. O que mais você sabe?

— O único filho que eles tiveram se chama Michael Felipe Monte, nasceu com uma deficiência mental, e com o passar dos anos, embora seja jovem, adquiriu Alzheimer. Enquanto o pai estava vivo, teve passagem pela polícia durante a fase do colégio, um jovem foi espancado por ele sem motivo aparente. A briga saiu do controle sendo necessárias três pessoas para tirar Michael de cima do garoto. O menino agredido se chama João Matos e teve que ser internado, sofreu um traumatismo craniano, mas graças a Deus não teve sequelas permanentes. Depois de todo o vexame, Michael jurou por tudo que é mais sagrado que não se lembrava do que tinha acontecido. Foi quando os médicos começaram a fazer exames e o laudo detectou Alzheimer. A família do menino agredido processou Michael por agressão física. E claro, seus pais não mediram esforços em contatar os melhores advogados para defendê-lo. Como sempre, o dinheiro fala mais alto e tenho quase certeza de que rolou uma boa grana entre os envolvidos. A família Monte pagou uma fiança gorda para a justiça, se é que pode ser chamada de justiça, mas até hoje não foi divulgada a quantia. Após esse escândalo envolvendo a família, eles saíram do bairro de Boa Viagem e compraram a casa que acabamos de visitar em Aldeia. Moram lá até hoje. Mesmo com a morte do Sr. Monte.

Alexandre vira-se para mim esperando minha reação. Estou boquiaberto com tanta informação preciosa. Alexandre tem o dom para investigação. Esse garoto me pega de surpresa, sabia que ele era bom. Mas não tanto assim.

— Como você conseguiu tanta informação e rápido?

— Contatos — responde e dá uma risada.

— Meu Deus. Você é realmente muito bom, cara! Parabéns por sua iniciativa. Continue assim. Descubra tudo o que puder sobre aquele garoto e sua família. Vamos conversar com a esposa da vítima. Descubra endereço, telefone e marque um horário para falarmos com ela.

Ele anotava tudo com precisão e afinho.

— Depois de tudo isso, acho que conseguimos nosso primeiro suspeito. O que você acha?

— Sim. Com certeza – afirmo dando um tapa de leve na coxa de Alexandre, fazendo com que ele estranhasse o ato. Retiro a mão e mudo de assunto. – Precisamos ter uma conversa com a família da vítima e buscar possíveis ligações com o suspeito.

— Ok. Pode deixar! – diz ele anotando tudo que tinha que ser feito nos próximos dias. – Vou preparar um mandato de vistoria na casa dos Montes e vou trazê-los para que possamos interrogá-los mais sobre os fatos.

Quando chegamos à sede da polícia, o nosso expediente tinha acabado. Alexandre passa na minha sala perguntando se eu queria acompanhá-lo para beber um Chopp em algum boteco do Recife Antigo. Mas tive que recusar. Em plena quarta-feira não tenho tempo para a bebida. Tenho que me manter sóbrio e focado, ainda mais num caso como esse. Terminando de arrumar minhas coisas para seguir rumo a minha casa, vejo Alexandre de papinho com Stacey Malcom, a gringa naturalizada brasileira que trabalha com um dos meus amigos detetives. Chopp depois do trabalho com dois lindos jovens, não pode terminar em nada mais nada menos que motel e sexo. No exato momento em que estou saindo, passo por eles e dou um sorriso leve e malicioso para Alexandre, que devolve sem graça.

O caminho para casa está cercado de trânsito e transtorno. As ruas do Recife a cada ano vão ficando entupidas de carros, motos e ônibus, fazendo o percurso do cidadão se tornar cada vez mais conturbado. Quase duas horas depois, chego perto de Casa Forte, bairro onde moro com minha mãe. O que não é normal no meu estado. Um coroa quarentão, detetive da polícia, ainda morar com a mãe, uma idosa de cabelos brancos que tem uma cara séria igual à minha. Não é à toa que eu sou tão sério. Tenho a quem puxar, como dizem. Todos os dias, quando chego em casa, a recepção dela é sempre a mesma; como se eu não existisse.

Durante a minha vida ouvi dizer nas reuniões familiares de fim de ano que a senhora Marta, minha mãe, quando era mais jovem, sonhava em ser mãe de duas mulheres, e logo após se casar com meu pai ela teve Luana, minha irmã que não cheguei a conhecer. Morreu três anos depois de nascida, em um acidente. A garotinha saiu correndo e um carro passou por cima. Frustrada, Marta quis ter outra filha, mas infelizmente veio um menino. Eu. Cresci sendo a decepção da vida dela. Ainda levei a culpa por matar meu pai. Um dia estava voltando do centro, com meus pais, quando saí correndo em direção a um assalto, meu pai, desesperado, foi atingido por uma bala perdida. Fiquei encarando a cena da minha mãe sobre ele, enquanto o sangue escorria pela calçada abaixo. Minha tia Margarida, irmã da minha mãe, que compartilha o mesmo desprezo por mim, disse certa vez que Marta tinha dito que nasceu para ser mãe de meninas. Acho que por isso ela é tão fria comigo.

Quando entro pela porta principal, encontro Marta no sofá. Tiro o paletó, dobro-o no meu braço direito e fico atrás dela. Entrei tão silenciosamente que poderia ter roubado algo sem ninguém perceber. Minha casa é do estilo americano, grande e espaçosa, em um bairro rico, com

condomínio fechado. A velha está assistindo TV. O noticiário diz quantas pessoas morreram no dia, que um bando de políticos tinha desviado dinheiro de uma construção pública, que houve greve nas ruas do Rio de Janeiro, um assalto acabara em morte em São Paulo. Tragédias. Era o que ela gostava de ouvir.

Às vezes tenho vontade de abrir o crânio dela, pegar os miolos nas minhas mãos e tentar entender como funciona a sua cabeça.

— Mãe — anuncio e ela assusta-se, olhando para trás sem esboçar qualquer sentimento. Não era costume chamá-la de mãe.

— Ah. É você. — Vira-se para a frente deixando-me no vácuo. Dou de ombros e sigo em direção das escadas. — Não tem jantar. Se quiser vai ter que pedir fora ou fazer algo pra comer.

“Como sempre”, penso assim que ela acaba de falar.

— Tá bom mãe, não precisava dizer o que eu já sabia.

Vou para o meu quarto sem olhar para ela. Às vezes fico me perguntando porque não casei e nem tive filhos. Poderia estar longe daqui com alguém que cuidaria de mim. Mas mesmo não tendo o amor necessário da minha mãe, durante décadas, eu abdiquei de tudo para cuidar dela e da sua saúde. Eu a amo. Mesmo que ela não me ame.

Minha vida sempre foi estranha. Durante todos os momentos que tive. Se alguém abrir os álbuns de fotografia da minha casa, encontrará um garotinho ao lado de uma linda mulher, com o semblante sério e triste. É difícil ver Marta sorrindo. Quase impossível.

Minha carência é cessada com a masturbação. Todos os dias eu assisto vídeos pornográficos na internet. Finalmente não passo mais constrangimentos na locadora como passava antigamente, quando ainda existiam, ou nas barraquinhas de DVDs na rua. As pessoas olhavam tortas quando viam um homem da minha idade atrás desse tipo de material. Nos dias de hoje é mais fácil, com o meu celular eu consigo acessar à internet no banheiro. Quando quero aliviar, corro para lá. Esse é o local exclusivo para isso. Desde o dia em que estava quase no ápice e Marta abriu a porta do quarto, me flagrando, nu.

— Você deveria de arranjar uma pessoa para fazer isso — disse ela secamente e enojada fechando a porta em seguida.

De lá para cá só me masturbo no banheiro. Onde estou agora, de pé, com o membro na mão, acariciando com movimentos bruscos de vez em quando. Às vezes não tenho nem vontade, mas preciso fazê-lo para me manter conectado com o mundo. Isso me deixa triste, mas é mais forte que eu.

Sento no vaso sanitário. Olho para a tela do celular vendo as cenas e poses, os gemidos e sussurros. Fecho os olhos, e em questão de segundos, minha sobrancelha esquerda começa a tremer, as pernas ficam fracas, meu rosto faz uma careta de dor prazerosa e o líquido gosmento e viscoso espirra melando meu peito, barriga, virilha e mão. Me levanto do vaso sentindo o cheiro

forte de sêmen. Assim que ejaculo sinto pena de mim mesmo, meus olhos marejam. Inspiro. Respiro. Decido tomar banho para ir dormir.

ALEXANDRE BELARMINO

DETETIVE CIVIL JÚNIOR

02 DE DEZEMBRO
LENDA URBANA

Logo pela manhã Rodrigo e eu pegamos o depoimento de João Matos, o garoto na mesma faixa etária de Michael Monte, que foi espancado por ele alguns anos atrás, quando o mesmo teve um surto no colégio.

Diferentemente de Michael, João não teve tanta sorte assim. Não podemos culpar a educação neste caso, pois o colégio onde eles estudaram era de classe média alta para cima. O garoto, até ao presente momento está trabalhando em um pub na orla da praia Boa Viagem. O lugar é sofisticado e limpo, frequentado por quem tem dinheiro, mas isso não quer dizer que os funcionários sejam do mesmo patamar.

Nos encontramos no Marco Zero.

— Eu topo conversar com vocês desde que seja num local público – solicitou ele ao telefone no dia em que consegui seu contato.

Esperamos cerca de meia hora após o horário combinado até o rapaz aparecer. Ele chega de mansinho, meio perdido, ou com vergonha de se apresentar, já que éramos os únicos vestidos elegantemente em pleno sol escaldante. O sol parecia ter esquentado dez graus a mais naquele dia, podia sentir as gotas de suor escorrer pelas costas, pernas e axilas.

João parecia ter sido um personagem retirado de *Gossip Girl*. Eu não me surpreenderia se Serena Van Der Woodsen ou Blair Waldorf aparecessem na esquina. Embora ele não tivesse uma profissão tão louvável, o jeito de playboy ainda era perceptível. O gingado do corpo enquanto andava, o jeito de passar a mão nos cabelos lisos. Ele transpirava o jeito dos garotinhos mimados. Vestia calça jeans, em um azul tão claro quanto as praias da Austrália, uma camisa social com as mangas arregaçadas e tênis *All-Star*. Não parecia ter tido um traumatismo alguns anos atrás, parecia saudável e normal

— Então vocês são os policiais que me ligaram? – pergunta alternando o olhar de mim para Rodrigo.

— Isso. Na verdade, ele quem telefonou – diz Rodrigo apontando para mim. – Podemos sentar em algum lugar e sair desse sol?

João dá de ombros e seguimos Rodrigo até ao *Rock & Ribs*.

Sou fascinado por este restaurante. Um lugar maravilhoso para conversar, paquerar e ouvir música boa. Stacey e eu vimos aqui de vez em quando. A banda estava tocando alguns sucessos dos *Beatles*. Sentamos numa mesa mais afastada, embora sempre estivesse por perto. Pedimos

um Chopp até Rodrigo puxar assunto.

— Nós queremos conversar sobre o Michael Monte. Sabemos que vocês estudaram juntos e sabemos do que ele fez com você. Queremos detalhes do que aconteceu.

— Por que eu? Ele estudou com tanta gente.

— Você vai defender um garoto que te espancou de tal forma que você foi parar no hospital? E que pode ser o culpado por matar dois homens inocentes? – corta Rodrigo, deixando o menino sem palavras.

— Tá bom. Eu conto o que aconteceu. – Ele se esparrama na cadeira, respira fundo, olha para nós dois e continua. – Bem, o colégio em que estudávamos era bem rigoroso, muitos pais de poder aquisitivo elevado, matriculavam seus filhos lá. Acho que a falta de tempo por trabalhar tanto fazia com que eles pensassem que matriculando os seus filhos num colégio integral eles melhorariam. Mas não é bem assim. – Ele para e endireita-se enquanto o garçom nos serve. – A cada fim de ano havia um acampamento, temido por todos, por ser um acampamento regular que acontecia a cada seis meses. Tinha como objetivo disciplinar o aluno rebelde, mas na verdade era quando os pais não podiam ficar com os filhos no período de férias. Lógico que só iria para o acampamento quem tivesse a permissão dos pais, mas como os meus colegas de sala eram rebeldes, era quase impossível que boa parte da turma não estivesse lá. – Para e toma um gole do Chopp, limpando os lábios com a língua. – Ainda lembro quando o ônibus estava quase partindo e Michael chegou atrasado. A mãe dele nem saiu do carro para se despedir. No ano em que participamos fomos para uma reserva florestal em São Lourenço da Mata, na região metropolitana do Recife. O local já era usado para esse tipo de evento. Ali eram feitos acampamentos de igrejas, treinamentos de comissários de voo, treinamentos de policiais, atletas e ciclistas. Quem ministrava o acampamento era uma empresa de treinamento exclusivo. Aqueles pervertidos desgraçados vinham com gosto de gás para cima da gente, se achavam o poder de Deus. Sem professores e sem os pais por perto eles poderiam fazer conosco o que quisessem. No primeiro dia em que chegamos eles mandaram um garoto desarmar e armar a barraca três vezes, só porque o idiota disse que não iria fazer o que eles quisessem. Muita coisa aconteceu naqueles dias.

— Que tipo de coisas? – pergunta Rodrigo retirando um bloquinho de papel, estava aprendendo a minha mania de anotar tudo. – Podemos te ajudar a achar esses caras.

— E você não acha que eu já fui atrás depois de algum tempo? É como se essa empresa que presta serviço de treinamento fosse uma empresa fantasma, simplesmente não existe e eles usavam nomes falsos e nos davam apelidos. Eles se chamavam de alfa um, dois, três até o alfa dez. O meu nome era “alvorada”, o de Michael era “raio de sol”. Aqueles putos faziam de propósito para que perdêssemos a paciência. E quanto mais tentávamos ser contra a política imposta por eles, mais a gente se ferrava. Mas eu fui esperto, ou pelo menos achei que tinha sido.

Certa noite, saí da minha barraca sem que ninguém visse, fui até à barraca central, onde os alfas ficavam. Era nojento, dava pra ouvir o barulho deles se masturbando e falando sacanagem uns com os outros. – Enquanto comentava, o rosto de João ganhava uma expressão tão vazia, que parecia um robô hipnotizado sem piscar os olhos. O olhar estava perdido em algum ponto do universo. Eu e Rodrigo trocamos um olhar. Depois de dar um gole no meu Chopp, pigarreei acordando-o dos mais altos pensamentos e fazendo com que ele se concentrasse de novo, mas sua expressão estava assustada. – Eu consegui pegar o mapa da região, se eu estudasse por mais alguns dias escondido, eu conseguiria bolar um plano e fugir dali, já que o acampamento vagava de local em local com longas caminhadas durante a noite e de dia. Naquela noite o que vi foi terrível. Eu me escondi atrás de uma estante cheia de bolsas e coisas velhas, era para eu ter pegado o mapa e voltado para minha barraca mas eu ouvi a voz de Michael e fiquei atrás da estante. Com ele estavam os alfas um, dois e três. Eles eram os piores. Sempre humilhavam quem quer que fosse. Estavam tirando sarro com o cabelo de Michael, com as espinhas no rosto, o jeito retraído. Ele parecia ser tão indefeso. Confesso que passou por minha cabeça ir até lá e fazer um escândalo para tentar tirar Michael dali. Mas o que me chamou a atenção foi que ele não estava ali à força, o alfa três questionava o que ele queria, quando de repente Michael retirou a camisa e as calças – ele dizia com os olhos fixos em algum ponto, as palavras saíam com facilidade, como se um rolo de filme estivesse sendo projetado na sua mente. – Ele enfiou as mãos nas calças do alfa dois, enquanto dizia num tom submisso: *você não quer?* Os alfas o colocaram de bruços numa mesa que tinha à frente e transaram com ele revezando enquanto soltavam palavras pejorativas. Insultavam Michael, mas ele parecia querer mais. Eu fiquei tão estupefato e sem reação, que sem querer, bati num copo de vidro, que se espatifou no chão, fazendo com que os alfas se alarmassem. Eu saí de fininho, correndo o máximo que pude na escuridão. Entrei na minha barraca e fingi estar dormindo. Estava arfando de medo, o coração palpitava de forma que parecia que iria explodir. Nunca mais vi Michael como o mesmo. Enquanto bolava um plano de fuga, quase todas as noites o via saindo de sua barraca e indo para a barraca central. Como disse, todos éramos humilhados e maltratados, mas com o Michael eles eram brandos e delicados. As pessoas começaram a desconfiar, porque ele era um dos mais zoados pela turma e ali parecia não existir.

— E o que aconteceu depois? – pergunta Rodrigo.

— Eu não deveria ter feito isso. Eu abri a maldita boca e contei a Vitor, um amigo meu. Mas você sabe como é, né? A notícia foi se espalhando, até que um dia um grupinho se reuniu, seguiu Michael na calada da noite e flagraram a brincadeirinha dele. Então você pode imaginar o quanto ele ficou perturbado a partir daí, né? – diz ele se acomodando novamente na cadeira e soltando uma grande quantidade de ar. – A escola virou o inferno dele. Todo mundo sabia o que tinha acontecido, era notícia entre os novatos e antigos. No ensino médio, durante os anos

seguintes, ele foi alvo de chacota. Fiquei com pena dele, porque de certa forma comecei a ter uma empatia por ele. Afinal foi culpa minha o que aconteceu, se eu não tivesse dito a Vitor, nada daquilo teria acontecido. Quando chegou no último dia do ensino médio, tomei coragem e fui até ele antes que ele fosse embora. – Seu rosto começa a adquirir de novo uma expressão vazia. – Eu sabia que ele não iria ao baile de formatura, mas queria pedir desculpas. Sabia também que eu merecia uns socos pelo que fiz. Mas depois do segundo soco, ele pulou em cima de mim e começou a gritar. Eu só sentia a dor e o sangue escorrer. De repente comecei a ouvir gritos e falatórios à distância e desmaiei. Acordei seis meses depois no hospital. Foi quando minha mãe contou o que aconteceu. Pensei em dar parte, mas tudo foi arquivado e encoberto, minha família recebeu muito dinheiro por isso. Como fiquei sem sequelas, esqueci com o tempo.

— E você tem mais alguma coisa a acrescentar? – pergunto tomando nota.

— Olha, eu não sei se vai ajudar, mas eu encontrei com o Michael uma vez e ele nem sequer lembrou de mim.

— Nós também temos visto ele recentemente.

— Mas tenho certeza que não foi no local que eu vi.

— E que local seria esse? – pergunto curioso.

— Rockfeller sex party – diz inclinando-se na mesa em um cochicho quase inaudível.

— E o que é esse local?

— Uma casa de swing.

A informação faz-me arquear as sobrancelhas. Então quer dizer que Michael é adepto de sexo em grupo. Isso explica o comportamento com os alfas no acampamento.

— E onde fica esse local? – pergunta Rodrigo.

— Fica na praia de Calhetas, no litoral sul do estado. Mas...

João pondera antes de prosseguir com a informação, o que faz com que Rodrigo pare de anotar o que estava escrevendo e fique olhando para ele, à espera da resposta.

— Mas, o quê? – incentiva Rodrigo.

— O local é secreto e não é aberto ao público em geral. Para conseguir entrar, vocês terão que ter um convite em mãos.

— E onde compramos esse convite?

— Esse convite não se compra, você deve ser convidado por alguém que participa.

— E existe alguém que nos possa conseguir esse convite? – pergunto.

— Não. Cada vez que você vai lá, você recebe um par de convites para convidar outras pessoas e assim sucessivamente, até que a festa vai se propagando.

— Então o que quer que aconteça dentro desse estabelecimento não pode vazar – confirmo anotando.

— Não. Mas como eu quero me redimir, vou dar o par de convites que recebi. – Ele tira do

bolso um par de convites brilhante, que chama a atenção e entrega um para Rodrigo e outro para mim. – Lembrem-se que a data de validade é até o final de Dezembro e se eu fosse vocês, no dia seguiria o *dress code* que é especificado no verso do convite.

— Obrigado por isso – agradeço estendendo a mão para um aperto. – Vai ser de grande ajuda.

— Não sei se vocês vão gostar muito, não é o tipo de lugar que se leva qualquer pessoa – diz ele se levantando. – Espero que tenha ajudado em alguma coisa. Se me permitem eu preciso ir agora.

— Nós que agradecemos pelo seu tempo – diz Rodrigo num sorriso falso e forçado.

Já passa do meio-dia. Estou faminto, almoçamos num boteco que encontramos no meio do caminho de volta. Entramos no carro de Rodrigo e voltamos para o escritório. A tarde passa lenta e arrastada.

15 DE DEZEMBRO

DIA DOS NAMORADOS MACABRO

Acho que estou apaixonado. Stacey e eu temos passado muito tempo juntos. Tudo começou com uma troca de olhares e foi evoluindo para um convite de uma cerveja no boteco da Rua da Moeda, ficamos, e agora estamos de fato saindo. Namorando. Embora nós não tenhamos tornado isso público, é impossível não ver as pessoas comentando sobre nós nos corredores. Desde meu último relacionamento há um ano e meio, que estou literalmente quieto. Nada de romance, nada de relações duradouras até achar alguém com quem de fato valha a pena ficar. Creio que encontrei essa pessoa.

Stacey é incrivelmente inteligente, se expressa bem, tem uma beleza ímpar, e o sotaque de Portugal, me faz ficar cada vez mais apaixonado por ela. Trocamos mensagens pelo *whatsapp* enquanto estamos no escritório. Sei que é incoerente, mas ninguém sabe, apenas nós. Passamos um pelo outro com o riso preso na boca. As pessoas não entendem e continuarão sem entender. Creio que Stacey me encanta por parecer tanto com as sulistas brasileiras. Alta, magra, loira e um rosto angelical.

No processo de imigração para o Brasil a família dela queria ir para o sul do país, por ser um pouco mais organizado em algumas áreas e por parecer um pedacinho da Europa no Brasil, mas as oportunidades estavam no nordeste brasileiro naquela ocasião, então vieram de mala e cuia para Pernambuco. O pai de Stacey trabalha numa multinacional americana. O patriarca da família é engenheiro elétrico e foi promovido de supervisor para gerente na nova filial em Pernambuco. Por isso é que a família emigrou com ele. Isso foi há uns oito anos.

Stacey formou-se em Columbia, e permaneceu nos Estados Unidos enquanto seus pais vieram morar aqui. Aprendeu o português enquanto estudava, e assim que se formou, deu entrada na documentação para vir para o Brasil, ter com a família. Pouco tempo depois prestou o mesmo concurso que eu, sendo aprovada e ingressando na mesma turma que eu. Sorte minha.

Sempre fui dos primeiros a chegar mais cedo. As pessoas não são de respeitar horários por aqui.

Neste dia chego à minha mesa, arrumo meus pertences como de costume e abro meu *notebook*. Embora Stacey esteja em meus pensamentos, tenho que me concentrar, pois estou encucado com esse caso. Existem muitas pontas soltas. Preciso ligar os fatos, saber quem é quem. Rodrigo é um excelente detetive, mas neste caso parece estar meio perdido sei que a sua fama no estado e fora dele se deve ao fato de ter resolvido grandes casos durante a sua carreira, mas é exatamente por isso que ele foi chamado para este novo caso, que na verdade já dura há

mais de um ano e ninguém faz nada.

Tenho umas três horas até Rodrigo chegar. Geralmente ele vem por volta das dez da manhã.

Minha meta é criar um mural com fotos e ligações de locais, sem deixar pontas soltas. E apresentar ao Rodrigo quando ele chegar.

A sala que divido com ele é um quadrado, razoavelmente grande, que tem duas mesas, uma de frente para a outra. Pego um quadro de avisos velho que encontrei no auditório e começo meu esquema.

Trinta minutos depois está quase pronto, já é possível ouvir algumas pessoas passando do lado de fora, a jornada de trabalho começa. Passo cinco minutos encarando o meu trabalho, tentando entender o que esses dois homens tinham em comum.

As fotos das duas vítimas no meio, pregadas com pequenas tarraxas e ligadas com duas fitas vermelhas, levam até às fotos da Sra. Monte e seu filho Michael. Uma foto da cabana pregada com uma pequena matéria do Diário de Pernambuco logo abaixo. “*O que esses caras têm em comum?*”, quanto mais eu me questiono, mais dúvidas e opiniões sobre o caso vêm na minha mente, mas todas não passam de teorias. “Preciso de algo concreto”, penso. O superintendente João Barbalho entra na sala me tirando dos pensamentos.

— Meu jovem! – exclama ele como se eu fosse um adolescente. – Que bom ver você aqui.

— Superintendente João – digo fazendo uma reverência com a cabeça. – A que devo a honra?

— Rodrigo ainda não chegou?

— Não – confirmo.

— Não sei por que ainda me surpreendo – diz ele entrando na sala e fechando a porta logo em seguida, estava com uma pasta de arquivos na mão. – Meu jovem, o nosso departamento de investigação criminal encontrou algumas informações que podem ser úteis para o caso de vocês – ele estende a pasta para mim. – Esta pasta está endereçada exclusivamente ao Rodrigo, certifique-se de só ele abrir – assinto com um movimento positivo.

— Certo, detetive João. Isso será de bastante utilidade para nós.

— Foi você quem fez isso? – diz apontando para o quadro.

— Sim.

— Parabéns! – exclama. – Sabia que você se daria bem com o Rodrigo.

Essa declaração faz-me arquear as sobrancelhas e retribuo o elogio com um sorriso sem graça. Não que eu queira me achar ou querer os méritos só para mim. Mas agora que trabalho com “Rodrigo, o Grande”, percebo que na verdade ele nem é tão grande assim.

— Obrigado – respondo.

— Agora vou deixar você continuar seu trabalho. Até mais! – ele se despede e sai.

Assim que a porta fecha e o barulho ambiente reina outra vez, passo meio minuto tentando controlar a ansiedade de ver o que tinha dentro daquela pasta. A pasta estava endereçada a Rodrigo, mas tinha uma leve assinatura da Verônica Matos, uma senhora na mesma faixa de idade do Rodrigo, do departamento de arquivos que, dizem as más línguas no escritório, caía de amor por ele. Essa informação me faz morder o lábio inferior aumentando a minha ansiedade e curiosidade. Sem mais delongas, pego a pasta, espio as persianas olhando toda a movimentação do escritório, sento na minha cadeira e começo a ler os arquivos.

Quanto mais o tempo se passava, mais informação brotava das páginas. Logo no início tinha duas fotos das vítimas, Murilo Júlio, que morreu aos quarenta e quatro anos, vítima de estupro e sequestro. Desapareceu numa quarta-feira e foi encontrado morto no sétimo dia seguinte, isso foi no ano passado. O local foi a cabana lá em Aldeia, aquela que visitamos o mês passado, próximo à casa da família Monte. O mesmo local do assassinato da segunda vítima, Jonas Matias, encontrado morto esse ano. A causa da morte foi a mesma: sequestro, seguido de estupro. Ambos passaram uma semana desaparecidos antes de serem encontrados mortos. As vítimas possuíam mutilações na pele que pareciam ter sido feitas com pedaços de vidro ou lata ou algum outro objeto cortante. Nada de impressões digitais ou resquícios de que alguém tivesse tocado nelas. O que deixava o caso mais intrigante. Viro a página e continuo a leitura.

Enquanto as informações ganham corpo e espaço em minha mente, um fato chama-me a atenção e me faz estreitar os olhos. Leio várias vezes até ter a certeza de que tinha lido corretamente. Na segunda página há uma lista de nomes, uma ata de chamada escolar, antiga, do terceiro ano do ensino médio. O nome da turma era “Somos Todos Campeões”, de 1975. Finalmente tinha conseguido uma informação preciosa.

Em meio a tantos nomes, apenas quatro me chamam a atenção. Jonas Matias e Murilo Júlio estudaram juntos no ensino médio, e mais interessante ainda é que, o marido da Sra. Monte, Alexandre Monte, também fez parte da turma. Mas o que me deixa mais estupefato é ver o nome do meu finado pai naquela turma, Luís César Belarmino.

Meu pai morreu de câncer no ano passado quando eu estava no processo de ingresso da polícia. Mas a doença o pegou forte e em menos de algumas semanas ele se foi. Nunca mais o terei de volta. Foi uma grande perda para toda a família, meus parentes do Rio Grande do Sul vieram aos prantos de lá para o velório. Até hoje, quando penso nele, meus olhos marejam. Era um pai incrível, com um grande coração. Minha família o adorava, era responsável por deixar sempre um bom humor onde quer que chegasse. Já estou pensando nas festividades de fim de ano que estão se aproximando. Será nosso primeiro ano sem ele. Não teremos mais músicas ao piano. Meu pai era pianista e sempre alegrava as festas em casa, era normal ouvir a melodia do piano soando pelos cômodos. Não havia remédio que curasse a insônia da minha mãe a não ser ele tocar para ela.

E para me deixar mais para baixo ainda, descubro que o homem que foi responsável por me formar em um ser humano incrível, um dia teve contato com esses outros homens mortos. É muito tenso pensar que meu pai conviveu com aqueles dois homens que morreram de forma tão severa.

Enquanto parava para escrever algumas anotações, vejo a ponta de uma foto para fora, na última página da pasta. Reviro as folhas e contemplo uma fotografia envelhecida, da turma de setenta e cinco. Reconheço meu pai, jovem e bonito, com um sorriso no rosto. Jonas Matias e Murilo Júlio do outro lado da turma, um do lado do outro, cheios de vida e com saúde, sem saber o que o destino lhes reservava. Alexandre Monte estava no meio da foto, embaçada numa parte, abaixado, parecia ser um jovem quieto e tímido. Talvez tivesse sido alterada em algum computador, percebo que o papel em que estava impressa não era o original, se fosse, estaria envelhecido e não recém-impresso. Alguém alterara aquela informação. Ainda assim vejo que na foto também se encontra uma professora. Uma jovem mulher. O contato atualizado dela estava numa das várias folhas da pasta. Anoto em meu caderno e continuo observando até que a porta da sala se abre, me fazendo pular de susto, quando alguém chama Rodrigo de volta. É o tempo suficiente, para não ser pego em flagrante. Guardo todas as coisas e deixo na mesa dele como solicitado. O coração está a pique enquanto coloco folha por folha de volta na pasta. Não queria ser motivo de estragar algo, afinal regras são regras. A pasta está endereçada a ele e não a mim.

Quando Rodrigo entra na sala, tento fingir que o aguardava, mas minha testa suada pelo nervosismo denuncia que algo aconteceu.

— Um frio desse aqui dentro e você suando? – questiona sem piscar e me encarando.

— Não... é que eu estava lá fora, subi agora mesmo. – Minto.

— Certo. O que é isso? – ele diz apontando para o quadro onde eu gastara quase duas horas do meu tempo para ficar pronto. – Estamos num episódio de *The Killing*? Já sei! Eu sou a detetive *Linden* e você é o *Holder* – ele comenta dando uma gargalhada e me deixando sem graça, eu não era levado a sério mesmo.

— Eu fiz isso para que possamos deixar as coisas mais claras. – Encaro-o. – E por falar em coisas mais claras, Verônica mandou aquela pasta pra você. Disse que era confidencial e que apenas você podia olhar. Quem veio entregar foi o detetive João.

— Mas que merda é essa?! – diz ele desabafando. Pega a pasta e sai da sala, fechando a porta com tanta brutalidade que até faz a vidraça estremecer. É a primeira vez que vejo Rodrigo perder a paciência com algo tão supérfluo. “Por que toda aquela raiva de repente?”, penso olhando para a porta.

Sem pensar duas vezes, pego meu celular e ligo para o número da professora, aquele que encontrei na pasta. O que quer que tenha deixado Rodrigo enfurecido, não era culpa minha. Após três longas tentativas, uma senhora atende o telefonema.

— Alô?

— Alô. É a professora Jeane Lins?

— Sim. Mas faz tempo que não sou chamada de professora, não leciono mais.

— Aqui é o detetive Alexandre Belarmino, estou responsável pelo caso de dois assassinatos que envolveram duas pessoas que a senhora lecionou no passado. Será que a senhora poderia conversar comigo um pouco?

— Olha, não sei se posso ajudar muito. Acho que não seria uma boa ideia.

— A senhora lecionou na turma de mil novecentos e setenta e cinco do Colégio Internacional do Recife, não foi?

— Sim. Mas o que eu tenho a ver com isso?

— Pois bem, senhora Jeane, posso marcar um horário com a senhora para que possamos conversar um pouco? Só quero fazer algumas perguntas sobre alguns alunos específicos. Será uma grande ajuda.

— Certo. Mas enfatizo que não serei de grande ajuda.

— Tudo bem.

— Olha, essa semana estou saindo da cidade. Só volto ao Recife na semana que vem. Pode ser na próxima quarta-feira às treze horas?

— Ótimo! – digo terminando de anotar o que ela dissera. – Quarta-feira às treze horas. Antes de sair daqui da polícia ligarei informando que estarei indo.

— Certo. Só não sei se serei útil – ela repete.

— Qualquer ajuda serve. Seu depoimento será de grande valor para a investigação.

— Ok então. Mas você tem meu endereço?

— Nossa! – digo assustado porque perderia o depoimento da mulher por falta de atenção. – Quase me esqueci desse detalhe. Bem lembrado. Pode falar.

— Rua Adolfo Simões Barbosa, número 3245 – diz em uma fonética tão eloquente e perfeita.

Acho que ela deveria ser uma excelente professora de português.

— Certo, senhora Jeane, semana que vem conversaremos.

— Mas antes de desligar, você poderia adiantar um pouco sobre o que iremos conversar e por que comigo?

— Dois antigos alunos seus morreram brutalmente e estamos investigando o que ocorreu. Então, toda a ajuda das pessoas que passaram pela vida deles será necessária, inclusive a ajuda da senhora.

— Qual o nome deles? – Dava para sentir a ansiedade na respiração que vinha do outro lado da linha.

— Jonas Matias Dos Santos e Murilo Júlio de Lima.

— Meu Deus! — diz de uma forma que parecia que os dois eram da família dela. — Que notícia triste. Como isso aconteceu?

— Bem, dona Jeane, teremos que deixar pra conversar pessoalmente. Entende agora a importância do quanto preciso de você para saber um pouco do passado deles?

— Entendo — diz tão baixinho que acho que ela ainda está estupefata com a situação.

— Ótimo! — digo bem na hora em que Rodrigo entra de novo na sala, indo direto para a mesa dele e ligando o computador. — Então, nos vemos semana que vem. Até mais.

— Quem era? — questiona Rodrigo com a expressão tão amarrada que achei que fosse me dar um soco.

É difícil lidar com Rodrigo, esse senso de humor dele é estranho demais. Muda muito rápido. Tenho a sensação de que estamos em um campeonato e quem mostrar mais serviço vai ganhar um prêmio equivalente às olimpíadas. Demoro meio minuto com ele me encarando, como um lobo à espreita num bosque, olhando para a sua presa, para processar o que ele me perguntara. Por que eu tinha que dar satisfação de minhas ligações para ele? Certo que fazia parte do caso que estávamos lidando no momento, mas se ele não me der espaço, não vou entrar nesse joguinho onde eu me ferro trabalhando, enquanto ele sai como o super-herói.

— É... — pondero pensando seriamente em dizer que consegui um contato importante. — Era minha mãe, problema em casa. — Ele estreita os olhos como se soubesse que eu estava mentindo, levanta da cadeira e vem em minha direção. Seu rosto ficou tão perto do meu que dava para sentir o hálito de menta, de algum produto bucal que usara recentemente. Engulo em seco.

Ele encosta seu rosto no meu e pressiona o corpo dele contra o meu, de forma que tive que me inclinar no birô para trás com as duas mãos. Por mais que eu fosse mestre em séries e filmes de suspense policial, com certeza não se aplicava na prática. Ainda mais de frente para uma pessoa tão experiente como Rodrigo.

— Sabe por que eu escolhi você pra estar comigo? — sussurra em meu ouvido. Estávamos tão pressionados um no outro que podia sentir minha barba roçando no pescoço dele, o pulsar do meu coração acelerado e tive uma surpresa ao sentir que ele estava ficando excitado. — Porque você parece um jovem promissor. — Ele afasta-se um pouco e olha para a minha boca trêmula, enquanto eu engulo em seco de novo. — Não me desaponte.

Sai de perto de mim e desaparece da sala. Passo quase cinco minutos para me recompor e tentar encaixar toda a situação. Eu poderia denunciar Rodrigo por assédio sexual. Quem em sã consciência faz isso? Mas quem no escritório acreditaria que o brilhante Rodrigo Montibeller faria isso com alguém? Ninguém, é a resposta. Seria a palavra de um novato contra o grande mestre. Eu perderia minha palavra para sempre se contasse isso a alguém. Sem contar a vergonha e as piadinhas que teria que enfrentar. Toda imagem de “super-herói” que construí assistindo Rodrigo e seus casos policiais pela televisão, estava se dissolvendo com as atitudes dele.

Brilhante na TV, difícil pessoalmente.

Rodrigo é realmente um mestre em saber mexer com as pessoas, ele pode fazer qualquer um desvendar um mistério, manipular e ficar do lado dele.

— Alexandre? – diz Fátima, uma mulher baixa com cabelos curtos, abrindo a porta e me tirando subitamente de um turbilhão de pensamentos. Ela parece um pouco surpresa, franzindo a testa. – Você está bem?

— Sim. Estou – digo sem convencê-la.

— Rodrigo está chamando você no interrogatório. Um dos suspeitos chegou para depoimento.

— Certo. Já estou indo. Preciso arrumar uns documentos e levar pra lá. – Ela faz que sim e fecha a porta.

Rodrigo tinha marcado um interrogatório e eu nem sabia. Pego alguns documentos e meu caderno e vou em direção às salas de depoimento.

Chegando ao corredor escuro e olhando para o vidro blindado à minha frente, vejo que é Michael Monte. O garoto é literalmente sinistro. Cabelos encaracolados desgrehados e malcuidados, dava para ver um pouco da cabeleira, mesmo por baixo do capuz, tinha um olhar vago e distante. Vestia um moletom cinza, calças jeans escuras e *All Star*. A Sra. Monte estava do lado dele com a mesma aparência fantasmagórica de antes. Eles mantinham silêncio, só o barulho do ar condicionado ecoava. Ela olhava para o espelho exatamente nos meus olhos, como se fosse vidro transparente. Era assustador e tenso ao mesmo tempo.

— Vamos – diz Rodrigo, o qual nem notara que eu chegara, até àquele momento.

— Como assim, vamos interrogá-lo e você não me diz nada?

— Isso não vem ao caso agora. Temos um tempo e temos que cumpri-lo...

— O que aconteceu com: “não hesite em me manter informado sobre o caso”? – pergunto fazendo o sinal de aspas com os dedos.

— Tudo bem. Desculpe – diz ele passando a mão na cabeça e fazendo seus cabelos saírem e voltarem ao lugar no mesmo instante. Parecia fazer aquilo com tanta maestria que poderia ser trocado por um galã de Hollywood sem sofrer alterações. – É que essa merda está me deixando louco! – desabafa. – A Sra. Monte está com ele porque estamos colhendo informações ainda, então se for perguntar algo, vai com calma.

— É irônico você falar de calma para mim, não?

— Não importa, vamos.

— Antes de irmos, queria que você soubesse de algo. – Isso faz a expressão de Rodrigo alterar para algo tenso. – Eu procurei saber sobre a placa do carro que me atacou outro dia.

— E? – diz ele como se já soubesse a resposta.

— É uma placa falsa. Não existe em nenhum lugar.

— Foi o que pensei. Seria estupidez demais, alguém fazer isso e deixar um furo desses. Não somos os únicos espertinhos. Vamos. — Abre a porta e acena com a cabeça para que eu entre também.

A Sra. Monte estava, novamente, toda de preto e sinistramente fitando todos os passos que dávamos dentro da sala. Ajustamos duas cadeiras e ficamos de frente para ela e o estranho Michael. O garoto estava sempre de cabeça baixa. Algo nele me dava raiva e vontade de bater nele.

— Então senhores — diz ela começando o diálogo, com uma cara tão amarrada e feia que pensei que nos mataria se tivesse oportunidade. — Pensei que tínhamos terminado este assunto alguns dias atrás.

— Algumas coisas não ficaram esclarecidas, Sra. Monte, por isso pedimos que o Michael viesse aqui — diz Rodrigo baixando um pouco a cabeça e tentando fitar o rosto do garoto, que não se mexia de forma alguma, parecia um vídeo em pause. — Michael, você pode olhar pra mim para que...

— O que você quiser falar, pode falar diretamente para mim — diz a Sra. Monte cortando o diálogo de Rodrigo, os olhos dela pareciam os de uma serpente prestes a dar um bote certo na caça.

Inclinando-se para a frente e entrelaçando os dedos numa expressão bem seca e convincente, Rodrigo retribui.

— Sra. Monte, entendo que a senhora esteja muito perturbada com toda essa situação que está se passando, mas quem foi chamado para depor foi seu filho e não a senhora, que tem o direito de permanecer calada enquanto estiver nesta sala, mas para que tudo ocorra sem interrupções, queira por favor esperar lá fora. — De olhos arregalados, ele é o melhor, frio e certo. Dava para ouvir a Sra. Monte engolindo em seco e baixando a bola.

— Eu não saio dessa sala!

— Se vai ficar, então fique calada, pois o assunto é com o Michael e o depoimento que ele tem para nos dar. A senhora já teve sua chance.

— Quem você pensa que é?! — pergunta ela ríspida.

Michael parece não se importar com o que está acontecendo, pois permanece imóvel.

A mulher vira-se para o garoto e cochicha algo no ouvido dele. Eu e Rodrigo trocamos um olhar rápido. Ele faz um gesto com as mãos sibilando com a boca para que eu tomasse nota das coisas que seriam ditas.

— Então Michael, você pode baixar o capuz e olhar diretamente para mim, por favor.

Silêncio. Quinze longos segundos se passaram até o sinal de comando, onde quer que estivesse naquele cérebro, recebesse a mensagem e fizesse o que fora pedido.

Michael levanta os olhos e a cabeça, e eu percebo que literalmente aquele rapaz sofria de

algum problema. A minha raiva passa e dá lugar a uma pena, que sinto do garoto ao ver seu rosto.

— Você pode nos dizer se você frequentava a cabana na qual os corpos foram encontrados?

— Eu... não... – gagueja e pigarreja para ajustar a voz – eu não tenho ideia do que você tá falando.

— Vou esclarecer para você. Dois corpos foram encontrados naquela cabana, um ano passado e um há algumas semanas. Você viu, ouviu ou sabe de alguma coisa?

Michael faz um gesto negativo com a cabeça.

— Alguma vez você e algum amigo, ou alguém conhecido seu já frequentou a cabana?

Nega novamente.

— Eu preciso que você fale.

— Não frequento.

— Mas já foi lá?

— Já. Quando era mais novo. – A Sra. Monte começa a ficar preocupada com as repostas do filho, dava para perceber em seu rosto.

— Então quer dizer que você já foi à cabana?

— Sim. Mas o que isso tem a ver com os assassinatos? – pergunta rispidamente o garoto, tão sério, que poderia fazer um retrato pintado se ele permanecesse mais alguns segundos daquele jeito.

— Estamos buscando todas as informações possíveis e imagináveis com relação ao caso. Afinal, as duas vezes em anos seguidos você e sua mãe saíram do país, exatamente logo após os assassinatos.

— Fazemos isso anualmente.

— Você gosta de sair à noite? Tipo, curtir as baladas, sair com os amigos.

— O que isso tem a ver?

— Apenas responda às perguntas.

— Não – diz olhando para a mãe de relance.

— Você conhece alguém chamado alfa um, alfa dois e alfa três?

Neste momento o menino levanta o rosto tão abruptamente e fita Rodrigo como um leão escondido entre os arbustos. Então, o que João dissera era verdade.

— Não – responde sem piscar.

— Tem certeza?

— Já disse que não!

— O que significa alfa um, dois e três? – pergunta a Sra. Monte, tão perdida no assunto. O que confirmava a informação de João, no acampamento aconteciam coisas que os pais não

ficavam sabendo.

— Nada... – tranquilizo-a sem tirar os olhos do menino, que continuava a encarar Rodrigo com raiva no olhar. – É só um código do acampamento que ele frequentou no ensino médio. Não é Michael?

— O que você está querendo insinuar?! – berra a Sra. Monte.

— Nada. Estou pondo alguns fatos na mesa. Michael, você se considera uma pessoa violenta?

— Ele não tem que responder mais nada! – diz a mulher levantando-se numa rapidez incrível. – Pegue seus fatos e contate nosso advogado, a partir de hoje não falamos mais diretamente com vocês. Viemos em paz e para ajudá-los, mas não somos obrigados a ficar ouvindo essas ironias. Vamos Michael! – ordena. – Passar bem!

Bate a porta com tanta força que me faz ficar irritado. Quando eu estava prestes a levantar-me e ir atrás da mulher, Rodrigo põe a mão em meu peito impedindo-me.

— Deixe-os. Já conseguimos o que queríamos – diz ele soltando um bocado de ar pelo nariz e fazendo um barulho de cansado enquanto espreguiçava os braços atrás da cabeça. – Uma pessoa que se diz inocente não precisa ficar à sombra de um advogado. Eles morderam a isca.



Chego em casa exausto. Stacey ficara de passar aqui para que pudéssemos assistir a um filme, já que estávamos cansados demais para irmos ao cinema. Ela chega por volta das oito, aparentemente tão cansada quanto eu. Traz Yakissoba e Temakis, parece que adivinhou meus pensamentos. Nos beijamos enquanto caminhávamos para a cozinha. Deixamos as sacolas de comida em cima da mesa. Não demora muito até ela perceber que eu já estava animado demais e que se continuasse daquele jeito minha fome passaria.

— Você está muito apressadinho, sabia? – eu amava quando ela falava as palavras no diminutivo, pois saíam com um sotaque de quem está aprendendo a falar.

— O que eu posso fazer, se você me deixa assim?

— Vamos comer primeiro, depois assistiremos a um filme e talvez, se você se comportar, podemos dormir juntos – ela diz essa última frase dando um beijinho rápido em meus lábios, me fazendo sorrir. – Estamos combinados?

Enquanto Stacey se dedicava a arrumar a mesa eu me dedicava a observá-la. Que sorte a minha. Estou cada vez mais apaixonado por ela, é o tipo de mulher que me deixa abobalhado, com o coração apertado e com saudade de vê-la sempre. Só de pensar que neste exato momento ela está aqui na minha frente, na minha casa, me faz feliz e me faz esquecer de todo o cansaço do trabalho. Por falar em trabalho, enquanto estava voltando para casa fiquei na dúvida se deveria contar para ela o que acontecera com o Rodrigo hoje. Algo em mim me diz para contar, mas meu

lado machista me diz para ficar quieto.

Que namorada ficaria normal ao saber que o chefe do namorado dela é um perverso e que ficou de pau duro quando encostou nele?

Resposta: nenhuma, provavelmente.

E se ela tivesse uma melhor amiga com a qual desabafasse, e a mesma contasse para outra amiga e assim fosse como um telefone sem fio, que ao chegar ao último contato, a história estaria toda distorcida. Melhor ficar quieto.

Sem contar que ela poderia querer tomar partido e provavelmente viraria uma confusão lá no departamento.

A demora para escolher um filme no *Netflix* me dá agonia. É sempre assim, um quer um tipo de filme o outro quer outro e fica nesse vai e vem até que a pessoa se dá conta de que passou mais de uma hora apenas para escolher um filme.

— Quer saber — começo já um pouco estressado —, pode colocar o que quiser, eu vou dormir daqui a pouco.

Stacey desliza de onde estava e vem para cima de mim, me beijando e dizendo em meu ouvido:

— Tem certeza que você vai querer dormir? — ela pergunta sem me dar tempo de responder, pois suas mãos já estão fazendo a festa dentro da minha samba canção. Fico um pouco envergonhado, pois deveria ter aparado meus pelos, mas ela não parece se importar. Transamos sem pressa de acabar. Ela é insaciável, tive que fazê-la gozar três vezes para que acabasse com sua sede. Assim como na vida, o sexo com ela é incrível. As manobras e posições que fazemos são tão bem executadas que gozei tanto, até que na última vez apenas uma gotinha saiu.

— Você é incrível! — digo para ela quando já estávamos agasalhados na cama. — Estou me apaixonando de verdade.

— Ai de você se não se apaixonasse de verdade... — Brinca, me fazendo rir. Aperto-a em meus braços.

17 DE DEZEMBRO

THE ROCKY HORROR PICTURE SHOW

Tive um sonho muito estranho nesta madrugada. Não lembro direito. É como se fosse um borrão. Eu estava em casa, tinha acabado de chegar da rua. Uma chuva torrencial, com relâmpagos e trovões, caía lá fora. Estava tudo escuro. Eu sentia que tinha algo de estranho e ruim dentro da casa, mas não sabia o que era. Uma presença, um animal, um monstro talvez. Sei que estava ali e que me queria fazer mal. Subi as escadas até chegar ao meu quarto, vazio. Abri a porta do banheiro do corredor, vazio. Quando estava de pé no cume da escada senti uma presença viva atrás de mim e me virei lentamente. Tive que estreitar os olhos até conseguir ver. Uma cobra de, pelo menos uns três metros, veio de dentro do meu quarto, passando pelo corredor, ao meu encontro. Não deu tempo nem de tentar uma defesa, com um movimento brusco caí escada abaixo. A cobra ficou me olhando lá de cima, juro ter visto um sorriso entre as presas afiadas e venenosas. Ela me olhava como se já me conhecesse. Tentei levantar-me, mas foi em vão. A cobra começou a descer os degraus e eu sem conseguir mexer-me, continuei no chão deitado. Os olhos dela estavam vidrados em mim, os relâmpagos acendiam rapidamente o cômodo, dando uma aparência cada vez mais monstruosa, enquanto ela se aproximava. A cobra se contorceu toda, preparando-se para dar o bote. As presas começaram a aparecer e a cobra atacou-me. Eu podia sentir as presas entrando e saindo da minha pele. Era real demais. Depois de eu estar praticamente morto, o animal rastejou para longe e ficou me observando. Podia sentir o sangue engrossando, tentando passar pelas finas veias, o coração palpitando, trabalhando o máximo possível. A cobra se preparou para rastejar de novo e veio em minha direção. Quando estava prestes a dar um ataque fulminante, eu acordei. Era apenas um sonho.

O lençol está molhado, o suor escorre das minhas axilas, pescoço, costas e pernas. A respiração ofegante dificulta a concentração em saber se eu ainda me encontrava sonhando. O quarto está claro, amanhecera e eu estou vivo e completo, sem picadas. Dou um último e longo suspiro e deito na cama novamente, jogando o lençol para longe de mim.

Tudo não passou de um sonho. Graças a Deus!

A manhã passa devagar. Fico enrolando na cama sem sono. O costume de acordar cedo é terrível, mesmo quando posso acordar tarde. Hoje vou ficar de home office, porque mais tarde eu e Rodrigo iremos na tal festa fazer uma investigação e isso levará boa parte da madrugada.

Vamos visitar a boate. Milagrosamente, conseguimos os convites com João Matos alguns dias atrás. Pego o convite na cômoda, que fica ao lado da minha cama, e leio as instruções.

ROCKFELLER SEX PARTY

Estrada de Calhetas S/N

Ingresso válido até Dezembro

Uma Noite Inesquecível.

Libere todas as suas fantasias sem medo. Um local onde tudo é válido e possível. Uma festa idealizada para seu prazer. Já imaginou transar com um estranho? Talvez dois ou três em uma única noite? Ou quem sabe, paquerar ou até mesmo fazer amizade? Não perca tempo! Libere o prazer que há em você.

Dress Code Homens: na fila externa, roupa normal. Do portão para dentro, cueca ou nu.

Dress Code Mulheres: na fila externa, roupa normal. Do portão para dentro, calcinha ou sutiã (não pode ser os dois) ou nua.

Observações importantes: este ingresso dá acesso limitado a todas as acomodações da festa. Para acessar a todos os cômodos, será necessário efetuar o pagamento no dia, na portaria de cada cômodo. Apenas no hall de entrada é permitida roupa íntima, nos demais, somente nu/nua. A entrada no local só é permitida mediante a apresentação deste convite, juntamente com um documento de identidade oficial. Não será permitida a entrada de menores de dezoito anos, mesmo acompanhados de adultos. É proibida a entrada com aparelho celular de qualquer marca e modelo, câmeras fotográficas, MP3, MP4, iphone, ipod e qualquer aparelho onde seja possível fazer registro de áudio, vídeo ou fotográfico. Relógio digital, utensílios pontiagudos, isqueiro, materiais e gases inflamáveis de qualquer espécie e qualquer substância possível de explosão, também são proibidos.

Termo de Responsabilidade: Ao concordar com as normas impostas pela organização da festa, você concorda em obedecer rigorosamente a todos os termos supracitados.

Assinatura: _____

Ao terminar de ler as informações, eu já previa que nesta noite veria muitas coisas bizarras. Acho que a pessoa que idealizou isso colocou para centrifugar numa máquina: *Lady Gaga, The Rocky Horror Picture Show, Sodoma e Gomorra* e três litros de libido.

Pego meu *notebook* e vou ao banheiro fazer minhas necessidades básicas enquanto pesquiso mais a respeito desta festa. Não é possível que não exista nada relevante na internet. *Será que todas as regras eram seguidas corretamente? Será que em todo esse tempo ninguém publicou nada a respeito?*

Busco no google: *rockfeller sex party, sex party em Calhetas, casas de swing em Calhetas*. Mas não encontro absolutamente nada a respeito. É literalmente guardado a sete chaves, um segredo de estado. Para não dizer que a pesquisa fora em vão, acho apenas um comentário em um blog sobre festas secretas.

“Anônimo: a rockfeller sex party é a melhor festa de swing do mundo. Lá você encontrará médicos, engenheiros, advogados, artistas, celebridades e todas as pessoas de alta patente da sua cidade.”

Então não é qualquer pessoa que frequenta este tipo de festa. É uma festa secreta para a autarquia do estado.

Rodrigo pede para que não comente com ninguém a respeito disso, ele mexeu os pauzinhos lá dentro e conseguimos liberação para fazer a investigação.

Ansiedade e insegurança estão numa mistura uniforme dentro de mim. Às vezes tenho uns tremores como se estivesse com frio, mas na verdade é a ansiedade atacando. Fico com as mãos geladas e suando quando estou nervoso, elas estão assim nesse momento.

Aproveitando que estou pesquisando na internet, pesquiso também sobre o sonho que tive. E o resultado não é dos melhores. Eu sabia que as crenças daqui dizem que sonhar com este animal não é coisa boa. Rolo o site para baixo onde tem o significado aparente de todos os tipos de sonhos. Sonho com macacos, coelhos, insetos, baratas, formigas, duendes, fadas, unicórnios, cavalos, ovelhas, galinhas, patos e o que eu estava procurando, cobras. Dou um duplo clique, abre uma janela nova com a frase: *“qual a interpretação de sonhar com cobras?”*. Eram vários textos sobre vários tipos, ocasiões, lugares e tamanhos. Estava prestes a deixar aquilo de lado quando, no final da página, me deparo com um pequeno texto falando sobre cobras pretas e o significado delas num sonho.

“Existem vários tipos de sonhos com as mais variadas cobras. Mas se você sonhou com uma cobra preta, cuidado! Pois o seu inconsciente está tentando alertá-lo, dizer algo que seus olhos não conseguem enxergar. Pode ser o fim de um relacionamento que não está dando certo, pode ser uma maré de notícias ruins que virão. Se você sonhou com esse tipo de cobra matando você ou alguém, pode significar a morte.”

Aquela informação me faz ficar pensativo e apreensivo. Não tem nada no momento com que eu possa me preocupar, está tudo normal e bem. O trabalho está caminhando, Stacey e eu nos amamos cada dia mais, minha família vive um bom momento financeira e emocionalmente. Se meu subconsciente quisesse me informar que alguma coisa iria dar errado, eu deveria ter sonhado isso o ano passado, antes do meu pai falecer.

Quando percebo que já passa das treze horas, perco a paciência com as informações achadas na internet. Preciso descansar um pouco. Tomo um banho demorado, preparo um almoço leve e vou para o sofá assistir *Scandal* no Netflix.



Às oito da noite acordo com o celular vibrando no sofá. Dou um pulo ao perceber que perdi, nada mais nada menos que cinco chamadas de Rodrigo. A série continuava, era possível

ver Kerry Washington na pele de Olivia Pope, conversando, naquele romance sem açúcar, com o presidente Fitz, interpretado por Tony Goldwyn. Passaram vários capítulos da série, que eu nem sabia mais o que estava acontecendo. Dormi literalmente.

Uma forte dor começa na têmpora direita. O telefone continua vibrando. Agora na minha mão.

— Alô? – digo levando o dedo indicador até ao ponto onde está doendo.

— Onde você estava, meu filho? – pergunta impaciente.

— Desculpa, peguei no sono. Mas ainda estamos dentro da hora combinada, né? – digo levantando-me e indo em direção da cozinha para beber água.

— Estou ligando para te dar uma informação.

— O que aconteceu? – fico ofegante, com a porta da geladeira aberta e estatelado diante do que ele diria.

Minha mente já começa a pensar num monte de besteiras: algo aconteceu com Stacey, alguém foi morto, o escritório foi invadido, acharam o assassino e não precisaremos mais ir à casa de swing, alguém foi sequestrado, um policial da nossa divisão morreu.

— Nada demais. Consegui o número do moleque que nos deu os convites, João Matos. E ele me confirmou que Michael estará lá hoje.

A notícia faz-me soltar uma boa quantidade de ar, deixando os músculos relaxados. Volto a pegar o copo de água.

— Mas ele disse que não tinha mais contato com João. Como ele soube disso?

— Ele me disse que teve acesso à lista de hoje e que viu o nome do ex-colega de classe na área vip. A área vip, diferentemente das outras, além de ser convidada, a pessoa tem que estar com o nome numa lista. E dá acesso a todos os cômodos, sem precisar pagar extra por isso. Você leu as regras do convite?

— Sim.

— Pelo amor de Deus, não se esqueça de levar só a identidade ou qualquer outro documento com foto. Nada de distintivo. Estamos camuflados, não seremos detetives. O escritório central está sobre aviso, caso precisemos de algum resgate ou intervenção da polícia, eu solicitarei. Estou levando comigo dois micro rádios que não são detectáveis, é por eles que vamos nos comunicar.

— Certo.

— E, por favor, não se atrase, eu passo na sua casa às nove e meia em ponto.

— Ok. Pode deixar que eu vou correr um pouco aqui e ficarei te esperando.

— Até mais.

Separo uma mochila de costas e coloco uma cueca nova e limpa, desodorante, perfume e escova de dente. Aparo a barba, tomo banho e troco de roupa. Depois de fazer tudo isso ainda

sobram alguns minutos para um pequeno lanche. Uma refeição mais pesada não iria descer, estava nervoso e ansioso demais para isso. Parecia que estava no frio de três graus celsius e os calafrios vinham incontrolavelmente fazendo a minha barriga contrair-se.

Assim que o relógio marca nove e meia em ponto, Rodrigo buzina do lado de fora, ele estava num Honda Civic tão polido e limpo que as luzes da rua refletiam nele. Lógico que não chegaríamos lá no carro da polícia, mas nunca pensei que alugassem um carro de luxo para tal ocasião. Rodrigo está vestido de uma maneira que eu jamais o vi na vida, nem na televisão, nem no trabalho. Parece um jovem no início da casa dos trinta. Ele veste uma calça jeans preta, tênis esportivo da *Nike* e uma camisa branca com a gola em formato de V deixando os pelos do peito à mostra. O cabelo estava lambido para trás, atolado em gel, e a barba por fazer.

— Tudo certo? – pergunta Rodrigo apreensivo. – Não esqueceu de nada?

— Creio que não.

— Trouxe o convite?

— Trouxe.

— Deixou o distintivo?

— Deixei.

Ele estica-se para pegar alguma coisa no banco de trás. Uma caixa retangular pequena, que continha um pequeno saco transparente, com uma espécie de peça metálica. Ele acende a luz do carro e pede para que eu abra a boca e mostre os dentes. Coloca uma luva, mela o objeto numa gosma esverdeada e gruda num dos meus dentes lá de trás. A gosma tinha gosto de hortelã. Ele tira um fone de ouvido bem pequeno, da cor da pele, que muito provavelmente ninguém conseguiria ver. Mexe em um controle pequeno e ajusta o que parecia ser uma frequência. Um chiado fino no meu ouvido.

— Consegue me ouvir? – a voz dele saía no fone perfeitamente, faço que sim com a cabeça. – É assim que vamos nos comunicar, caso haja algum empecilho. Lembre-se de não demonstrar que você está com isso no ouvido, se formos pegos seremos mandados embora.

— Ok. Darei meu melhor.

— O que foi? – ele percebe que estou nervoso. – Olha, eu sei que é difícil no início. Mas você se acostuma. Por favor, faça o que eu digo. Não tome atitudes sem pensar, e se por algum acaso a gente se separar, a gente vai se comunicando. A viagem segue tranquila, sem conversa e distração, o vento uivando ao entrar pela janela. Seguimos cada vez mais para o litoral sul. Mais alguns quilômetros e passaríamos as praias de Itapoama, Enseada dos Corais e Gaibu, respectivamente, até chegar ao nosso destino. Eu tento controlar a ansiedade que surge ao pensar no que está por vir. Já estávamos no centro de Gaibu, pouquíssimas pessoas se encontravam na rua, a hora já denunciava que o pobre trabalhador deveria estar em casa ajeitando-se para dormir, afinal no outro dia seria “dia de branco”, como diz minha mãe.

A entrada da praia é assombrosamente estranha durante a noite. Uma placa amassada e velha, informa: “Praia de Calhetas”, seguida de uma seta na direção da rua, que parece um cenário de filme de terror, mais alguns ajustes na iluminação e eu diria que estaríamos em Hollywood em algum set de filmagem. O caminho de terra não pavimentada deixa a chegada até ao local desagradável. Somos chacoalhados de um lado para o outro até avistarmos de longe, o que parece ser uma casa. O matagal dá espaço a uma densa floresta, que se arrasta ladeira abaixo, até ver um homem parado no meio da estrada, isso faz com que troquemos um rápido olhar, engulo em seco, e o coração começa a palpitar mais forte. O homem vem até à janela do nosso carro.

— Boa noite!

— Boa noite! – respondemos em uníssono.

— Convites, por favor.

Demoro uns vinte segundos para remover o convite do bolso traseiro da minha calça. Típico.

— Ok – diz ele devolvendo os convites. – Vocês devem seguir aquela trilha – aponta para uma pequena fenda, que parecia mais a entrada do labirinto do torneio tri bruxo em *Harry Potter e o cálice de fogo*.

— Mas e o nosso carro? – pergunto.

— Não se preocupem, vocês receberão um número, e quando forem embora, o carro estará esperando por vocês num local seguro. Agora se vocês se apressarem eu agradeceria muito, pois temos mais gente para atender.

Olho para o retrovisor e vejo uma fila de pelo menos uns três carros esperando para serem atendidos.

Rodrigo e eu ficamos em pé esperando algumas pessoas descerem dos respectivos carros. Enquanto um homem conferia os convites, outro entrava no carro e levava para outro local, uma espécie de estacionamento. Enquanto isso, duas lindas loiras passam por nós sorrindo e entram no caminho indicado pelo homem. Mais dois homens, uma mulher de meia idade e três *drag queens*, que pareciam uma mistura de fantasia de carnaval com circo dos horrores.

Seguimos lentamente as pessoas desconhecidas que estão à nossa frente. O silêncio da floresta é cortado pelas pisadas no chão. Olho de relance para Rodrigo, que está tão sério quanto uma estátua, acho que está concentrado demais, maquinando o que fará lá dentro.

Dez minutos de caminhada, sem nenhuma conversa e eu estava começando a achar que nos encaminhávamos para uma armadilha. Até que vejo uma espécie de cabana. *O que era aquilo?* Sim. Uma cabana com aspecto abandonado, velho e sujo. *Não acredito que as pessoas recebem um convite para saírem de suas humildes residências e fiquem peladas nesse lugar asqueroso.* A visão clareia ao chegar perto. Percebo que uma pequena fila aguarda do lado de fora, homens

apenas de cueca, deixando à mostra, pelo menos, quinze quilos de músculos, e mulheres de cinta liga, com um corpo tão escultural, que não vemos no dia a dia. Eles estão organizando a entrada.

Ficamos no rabo da fila, atrás das *drags* que seguimos pelo caminho. Um burburinho de conversa e risos entoa com uma música abafada que vem de dentro do aposento. Cada vez que a porta da frente abre é como se uma pessoa aumentasse o volume do som e de repente desse pausa na música quando as portas se fecham. A fila está andando e logo seremos nós. Mais pessoas chegam e a fila aumenta.

— O convite diz que temos que ficar de cueca. Onde ficarão nossas roupas? — digo baixo no ouvido de Rodrigo.

— Preste atenção — diz ele olhando fixamente para a frente enquanto a fila segue —, enquanto a mulher à esquerda confere o convite, o homem à direita leva a pessoa para algum aposento ali atrás. Perceba que depois de alguns segundos a pessoa volta com os trajés descritos no convite, sem os pertences, e entra na festa.

— Então quer dizer que segue um padrão?

— Isso.

É a nossa vez. Subimos as escadas, e assim como Rodrigo observara, acontece. Primeiro mostramos os convites, a mulher confere, um homem nos leva para uma espécie de quarto secreto, pela lateral da casa, e entrega-nos uma pequena bolsa. O quarto é tão branco que parece um aposento de hospital. Espelhos se alongam do teto ao chão. As paredes com vários armários enumerados. A minha bolsa tem o número 315, a do Rodrigo o 316. Vou até ao balcão da pia e abro a bolsa, que contém uma cueca branca e uma carta de boas-vindas, a mesma mensagem que tinha no convite. Não há boxes, teríamos que nos trocar ali mesmo.

Sem mais delongas, vestimos a cueca, que fica apertada, provavelmente de propósito. Rodrigo está relativamente bem depilado. Enquanto eu pareço um projeto de urso.

— Ainda bem que não temos câmeras e ninguém do departamento para ver essa humilhação. Seríamos chacotas pro resto da vida — digo. — Faz parte do nosso trabalho. Vamos.

Guardamos nossos pertences e a chave no bolso. Sim, tinha um micro bolso na cueca, onde cabia perfeitamente a chave do armário.

Ao entrar no aposento o ambiente era claustrofóbico e vulgar nas mesmas proporções. A luz é baixa e em tons de neon, o que faz com que as cuecas, calcinhas e sutiãs brilhem em um branco majestoso. Enquanto abrimos caminho pelas pessoas, um DJ toca uma música eletrônica ensurdecadora. Posso sentir mãos de homens e mulheres passando por meu corpo, creio que é um tipo de convite para algo mais. Camas de sexo, correntes, jaulas e matérias de *sex shop* estão à direita, três mulheres se beijando à esquerda, um homem se encontra deitado de costas enquanto uma mulher enfia um vibrador no ânus dele, duas mulheres se encontram de costas uma para a outra, batendo bunda com bunda até eu perceber que elas estão dividindo o mesmo

consolo. Sexo. Depravação. A forma mais grotesca e safada do homem, por todos os lados.

O salão é oval, nas extremidades há dois corredores e em cima de cada um lê-se um anúncio: “Black Room” de um lado e “Light Room” do outro. Provavelmente são as áreas a que o convite comum não dá acesso. Acho que deve ter uma taxa para poder ter acesso a elas.

— Você acha mesmo que Michael está aqui? – pergunto a Rodrigo pelo nosso sistema de comunicação.

— Só temos um jeito de descobrir. Explorando.

— Então vamos nos dividir e combinamos um local de encontro.

— Certo. Você vai para a Light room e eu vou pra Black. A gente se encontra aqui em uma hora. Beleza?

Faço que sim com a cabeça. Rodrigo some na multidão. Agora só estou eu e um bando de ninfomaníacos com roupas íntimas brilhantes. Até conseguir chegar à entrada do corredor, tive que tirar uma mão máscula que queria agarrar meu pênis, negar um pedido de boquete público, desgrudar de uma louca que se agarrava em meu peito e começava a me lamber, e dizer não a dois homens que queriam me beijar de uma só vez. Eu estava no inferno literalmente. As pessoas passam de um lado para o outro, já com a intenção de fazer algo sexual. Pouco antes de chegar onde eu queria, dois homens passam de mãos dadas com o pênis ereto e duas mulheres se masturbam enquanto uma pequena plateia se aglomera para assistir. Toda aquela entrega ao prazer, aos desejos da carne, é esquisita. Pessoas vazias tentando preencher o vazio da alma com sexo.

O local e o ambiente são uma mistura perfeita do filme *De Olhos Bem Fechados*, com os cliques “I’m A Slave For You” e “Slumber Party” da *Britney Spears*. Tudo muito depravado e sensual.

Eu quero que a droga da luz fluorescente pare e chame menos atenção, mas onde quer que eu ande, a cueca continua acesa. O que eu tinha visto como um corredor, na verdade é como um labirinto, só que em vez de paredes, são várias portas de madeira, estacas de madeira juntas, cheias de brechas. Quando chego perto de uma, percebo que na verdade são quartos. Algumas pessoas aglomeram-se nas brechas vendo as pessoas de dentro do aposento fazer sexo. Enquanto ando pelos corredores, é possível ver as caras e bocas de homens e mulheres se entregando ao prazer, orgias, dupla penetração, sadismo, masoquismo, sadomasoquismo, tudo junto em um único ambiente.

Estou quase chegando à porta da “Light Room”, quando um dos muitos quartos me chama a atenção. Uma linda mulher morena, de corpo escultural está deitada na cama, eu vou chegando de mansinho como se estivesse com medo de ser visto, tinha esquecido que ali tudo é permitido. De trás de uma cortina sai um homem branco, alto e musculoso. Tenho a impressão de estar na minha adolescência, quando acordava de madrugada e assistia filmes pornô com medo de ser

pego pela minha mãe.

Ele deita-se sobre ela e beija-a, desde a nuca até à ponta dos pés. Aquela cena começa a deixar-me excitado. Eu sinto o meu pau pulsando veementemente. Fecho os olhos, tentando me concentrar. Estou de pé em frente para este quarto, seguro firme as estacas de madeira que me separavam do casal, enquanto a minha cabeça pendia para a frente. De repente, sinto alguém baixando minha cueca e pondo meu pênis na boca, é uma mulher. Eu devo dizer não, sair correndo dali, mas é mais forte do que eu. Acho que eles soltam libido pelo sistema de ventilação. Ela me encara com os olhos tão penetrados enquanto continua a chupar-me. Alguém chega por trás de mim e começa a beijar a minha nuca. Isso me faz tremer e ter um calafrio da nuca até às pernas. Meu ponto fraco sexualmente. As mãos me envolvem e começam a massagear meu peito. Outra mulher chega, e por cima da que estava me chupando, beija a minha boca. A batida forte da música, as mãos passando por meu corpo, o cheiro de sexo, os gemidos, tudo muito favorável para que qualquer pessoa caia na tentação de se entregar ao prazer. Minhas pernas começam a tremer, sinal de que gozaria em breve. As mulheres continuam firmes em seus postos para me dar prazer, enquanto uma me beija, outra me chupa e uma outra pessoa me acaricia por trás. Quando aviso que iria gozar, a voz grossa de um homem sussurra em meu ouvido. Só aí percebo que era um homem que estava desde o começo me acariciando por trás. Estava tão entregue, que nem isso percebera. Já era tarde demais, a ejaculação veio melando as mulheres que estavam à minha frente. Me livro das mãos que estavam me agarrando, e como se nada tivesse acontecido, os três seguem para outra orgia que estava acontecendo mais à frente. Com a respiração ofegante, e meio desnorteado pelo que acabara de acontecer, entro em um dos banheiros.

Estou vivendo um verdadeiro pesadelo. Após a sensação prazerosa, vem o arrependimento. Stacey. Penso nela e nos momentos bons que já tive ao seu lado, ela me mataria se soubesse. Meu relacionamento iria para os ares. Por um breve momento tenho de novo a sensação de estar no clipe “Slumber Party” com partes de “I’m Slave for You” de *Britney Spears*. E, por coincidência, no exato momento em que penso nisso, a irreconhecível voz da princesinha do pop soa nos alto-falantes. Uma Britney tão sedutora cantava e gemia os versos de uma de suas canções: *“oh, this is way beyond the physical. Tonight, my senses don’t make sense at all”*.

Ando pelos corredores atrás de Rodrigo, cada minuto a mais neste local parece entrar mais gente. Continuo caminhando para o hall central. Subo cinco degraus de uma escada na lateral para ter uma visão mais ampliada do local e tentar achar Rodrigo. A música chega no ápice: *“monogamy is the way to go, just put your lips together, and blow”*. Os corpos se movimentavam como uma anêmona no fundo do mar, uma coreografia que parecia ter sido ensaiada, meus olhos passavam de um lado para o outro. Após alguns segundos, consigo encontrar Rodrigo, agarrado com uma mulher loira, os dois estavam se beijando enquanto

Britney continuava sua melodia sexual: *“breathe on me, Baby just, Breathe on me, we don’t need to touch”*.

Rodrigo me observa no alto da escada e eu faço um movimento com a cabeça, para que ele me siga. Nos encontramos novamente no vestiário. Passamos uns cinco segundos nos encarando, provavelmente ele está pensando o mesmo que eu. *“Eu sei o que você fez e vai ser nosso segredo”*. Trocamos de roupa e saímos o mais rápido possível de lá.

A viagem de volta segue tranquila e sem nenhum diálogo. Um clima tenso ficara entre nós, como se estivéssemos escondendo algo.

21 DE DEZEMBRO

BAD KIDS GO TO HELL

Embora tenha passado alguns dias desde a façanha sexual que passamos a semana passada, ainda fico me perguntando: *como pude ser tão trouxa e fazer tudo aquilo?* Essa pergunta martelou na minha cabeça durante dias, e até hoje ainda fica martelando. Rodrigo nem sequer comentou nada comigo a respeito do que ele viu ou fez no outro aposento daquele mausoléu. Deve ter se entregado a alguém e está com vergonha, mas quem sou eu para ficar apontando os erros dele? Assim como ele, eu também estou cheio de segredos desde aquela noite, e a única coisa que me vem à mente é Stacey. Preciso contar para ela, mas não tenho coragem. Desde que entrei na polícia, minha vida está se enchendo de segredos, como uma cama de gato, um emaranhado de pequenos segredos e mentiras, que vão aumentando a cada dia que essa investigação avança.

O sol de meio-dia é insuportável em Recife, principalmente no período de verão. Meus pensamentos como um turbilhão, atacam novamente enquanto estou no trânsito da Avenida Agamenon Magalhães, sendo subitamente erradicados quando vejo Rodrigo saindo de uma clínica de fertilização, mas ele não está só, Verônica Matos, a arquivista que é doida varrida por ele, está com ele. Eu me inclino para ver até onde a vista alcança, mas eles entram no carro e vão embora. Fico alguns segundos tentando encaixar as possibilidades e me perguntando até quando ele iria esconder esse relacionamento de tudo e todos. Mas as buzinas começam a ecoar e dou uma arrancada com o carro. Coloco o endereço no GPS. “Você chegará ao destino em vinte minutos”, diz a voz robótica. Ligo para a Sra. Jeane, confirmando minha ida. Chegar a casa dela foi fácil, o caminho é perto e acessível.

Estaciono na frente da casa, um casarão grande com muros modernos e bem projetados, na verdade todas as casas da rua são bonitas e grandes, prova de uma comunidade de poder aquisitivo bom. Uma varanda com cadeiras de veraneio se estende, projetada na parte superior da casa.

Ao tocar a campainha, demora exatos vinte segundos para uma senhora de, pelo menos, setenta anos me atender. Embora seja uma idosa ela é bastante lúcida e simpática. Os cabelos grisalhos brilham no sol.

— Olá! Boa Tarde. Pode entrar – diz abrindo a porta de madeira e fazendo um gesto para que eu entre.

A casa por dentro é realmente um espetáculo. Uma piscina de um azul turquesa brilha, lançando ondas azuis pelas paredes, a casa é rústica com várias partes em madeira e vidro

transparente. Típica casa americana.

— O senhor já almoçou? – questiona a idosa com uma voz meio rouca, seguida de uma leve tosse.

— Sim. Não se preocupe, não estou com fome.

Ela leva-me até à cozinha, um local limpo e amplo. Com certeza não é ela quem limpa esta casa. Sentamos um de frente para o outro na bancada.

— Tem certeza que não aceita nada? Não se acanhe.

— Por sua insistência, eu aceito um café.

— Sabia que poderia oferecer algo. É pra já. – Ela vira o rosto para a esquerda e leva a mão à boca como se fosse chamar alguém.

— Joana! Vem aqui!

Uma mulher de uns trinta e nove anos aparece, vestida de empregada. A cara amarrada. Seus olhos meio que saltam quando me vê, como se não estivesse esperando alguém, ou não soubesse que alguém viria, ou como se não fosse comum ver pessoas diferentes no local.

— Joana, minha filha, esse é o detetive Alexandre, ele está aqui para pegar um depoimento meu sobre um fato que ocorreu. Queria que você, por favor, fizesse aquele café bem gostoso para nós. – Ela faz que sim com a cabeça e vira-se. – Então, podemos começar? – Jeane é uma idosa bastante sagaz para a sua idade, o que me deixa intrigado. – Antes de tudo, geralmente os detetives são dois em vez de um, né? Por que você está só?

Engulo em seco com a pergunta, os olhos dela me fitam esperando uma resposta convincente, *será que ela tinha recebido alguma ligação de Rodrigo?* Depois de me esconder tanto, *será que Rodrigo sabia que eu tinha visto os arquivos que eram endereçados a ele? Será que eu estava sendo o bobinho da história, enquanto Rodrigo apenas me observava para ver até onde iria minha astúcia de não comunicar a ele que estava fazendo um interrogatório?*

— Sim. Existe um parceiro, mas ele está meio doente e não pôde vir, então eu vim só. – Lanço um olhar apreensivo, ela não parece cem por cento convencida.

— Tudo bem.

— Bem, como informei no telefone, semana passada, dois de seus ex-alunos morreram de forma brutal. O primeiro, Murilo Júlio de Lima, foi encontrado morto numa cabana com sinais de estupro há um ano. Ele foi sequestrado e dias depois, achado morto e abandonado. O mesmo aconteceu com – olho nos papéis para não me perder nas informações – Jonas Matias dos Santos, foi encontrado nas mesmas condições que Murilo e do mesmo jeito. Sequestro, preso em cativeiro, seguido de estupro constante e dias depois achado morto. O que eu quero saber, quer dizer, o que nós queremos saber é se a senhora lembra como era o relacionamento desses meninos.

— Olha, faz muito tempo.

— Qualquer ajuda serve.

— Eu dei aulas por muitos anos naquele colégio, me aposentei lá. Mas a classe de setenta e cinco foi marcante, pois foi onde tive os mais dedicados alunos. Não me espanta saber que todos, ou a maioria hoje em dia tem uma vida confortável. Vamos tirar o exemplo desses dois rapazes muito bem-sucedidos. — Joana entra com uma bandeja com duas xícaras ferventes de café, além de algumas bolachas e torradas. — Obrigada querida.

— A senhora acha que pode ter acontecido algo nesse período colegial que possa ter acarretado uma... — não sabia que palavra usar.

— Vingança em longo prazo? — pergunta ela secamente.

— Isso...

— Olha, Jonas e Murilo, juntamente com Luiz, eram a trupe do barulho. Murilo era um engenheiro bastante requisitado, Jonas um dos melhores cardiologistas do estado e Luiz...

— Era um grande pianista. — Engulo em seco.

— Sim. Este mesmo.

— Ele era meu pai. — A expressão no rosto de Jeane muda completamente para uma tristeza sem fim.

— Nossa! Meus pêames. Eu não tive a intenção de...

— Tudo bem. Não se preocupe.

— Existia um garoto na sala que era sempre chacota dos três.

— Qual o nome dele?

— Não lembro, não tenho memórias de sua fisionomia ou fala, ou forma. Sei que ele sofreu bastante durante o ensino médio.

— Que tipo de sofrimento?

— Aquela humilhação que alguns garotos sofrem por não se destacarem ou por serem mais recatados. Certa vez, próximo do final do ano letivo, antes desses garotos se formarem, um desses três, não lembro qual, foi expulso por se meter em uma briga com um garoto da sala.

— Seria este menino aqui? — digo apontando a foto da turma de setenta e cinco que estava no arquivo.

A Sra. Jeane parece ter ficado sem ar no momento em que se viu bem mais jovem ao lado daqueles adolescentes. Ela pondera durante alguns segundos. Puxa a foto para próximo do rosto tentando ver melhor, pois a imagem desgastada e velha não ajuda muito no reconhecimento.

— Não tenho certeza — diz ela — mas parece ser este mesmo.

— Mas por onde ele anda? Será que ainda é vivo?

— Essas perguntas quem tem que descobrir é o senhor detetive — responde ela devolvendo-me a foto. — Agora se me permite, tenho que me arrumar para a sessão de fisioterapia.

— Claro que sim — digo guardando os papéis espalhados pela mesa e me levantando para a

saída. — Muito obrigado pelo seu tempo e desculpe o incômodo.

Antes de entrar no carro de novo e de fechar a porta, a Sra. Jeane coloca a cabeça para fora e diz:

— Detetive Alexandre? — olho para ela. — Acabe com esse filho da puta por mim.

— Pode deixar.

Entro no carro e sigo rumo ao escritório central. Precisava contar a Rodrigo, mas não sabia como. Não deveria ter mentido sobre isso.

RODRIGO MONTIBELLER

DETETIVE CIVIL

NATAL NEGRO

Meia-noite em ponto. Daqui a algumas horas começará o meu martírio anual. Mas enquanto ainda tenho tempo, não quero pensar nisso. Estou cansado demais para pensar nessas pessoas que consomem minha paciência.

Saio do banheiro nu e enxuto, depois do meu ritual diário na privada. Vou direto à janela, olho para a rua calma e tranquila, fecho-a e sento na beira da cama com os cotovelos apoiados nos joelhos. Olho para o espelho do guarda-roupa e encaro por longos segundos aquele homem que devolve o olhar para mim. Isso faz com que eu franza o cenho e me assuste um pouco. Podia jurar que tinha visto o reflexo fazer um movimento, que na realidade não tinha feito.

Baixo o olhar e vejo o meu pênis, que há poucos minutos atrás estava num tamanho duas vezes maior. Estou deixando os pelos do peito, barriga e virilha crescerem. Dá menos trabalho ter que me depilar sempre. Acho que quando chegarem num certo tamanho vai ficar bonito sobrepondo os músculos.

Deito na cama e arrasto o edredom deixando apenas uma brecha para respirar. Durmo sempre com o ar-condicionado entre catorze e dezessete graus.

Quanto mais me mexo na cama, mais imagens e acontecimentos do dia, me vêm. Quanto mais eu tento empurrá-los para longe, mais eles aparecem.

Alguns dias atrás, antes do feriadão, eu e Alexandre fomos no departamento de criminalística, para juntarmos mais algumas coisas. José Chaves, um gordo roliço, barbudo e de aspecto sujo, estava de plantão.

— Ora, ora a que devo a honra de vossa excelência por aqui? – perguntou ele fazendo um gesto de reverência.

— Creio que você já deve saber o motivo – falei com uma cara tão fechada que fez com que ele mudasse de posicionamento, ajeitando a bata encardida e pigarreando para falar.

— Ah sim! Sim! Posso imaginar o porquê. Bem, como sabem não temos muito a revelar – disse ele nos conduzindo para um computador, onde se sentou de frente e fez um gesto para que sentássemos numa cadeira próxima.

— Como vocês sabem, a vítima, Jonas Matias, homem, quarenta e cinco anos, casado com Alessandra Silva, foi sequestrado, mantido em cativeiro e estuprado diversas vezes por pelo menos uma semana. Seu corpo tinha sinais de desnutrição, marcas de correntes e arranhões. Sem ficha na polícia, cidadão comum e legalmente quitado em todos os órgãos criminais.

Ele fez uma pausa para se certificar que estávamos acompanhando o seu raciocínio.

— Os exames toxicológicos afirmam que não possuía drogas nem substâncias ilegais em seu organismo. Mas, assim como no ano passado com... — fez uma pausa para conferir o nome no arquivo — Murilo Júlio, a pessoa que arquitetou tudo mantinha as duas vítimas à base de soro fisiológico, por conta da desidratação. Além de conseguir as bolsas de soro hospitalar, essa pessoa tem bons dotes médicos. É impossível uma pessoa que nunca tenha tido experiência em medicina ou enfermagem fazer furos intravenosos tão perfeitos.

Aquilo é o suficiente para que eu volte à realidade. Ou eu acho que era realidade, pois quando abro meus olhos vejo a silhueta de um homem de cabeça baixa dentro do meu quarto em frente à porta. Ele está nu. Quando se vira, a luz da rua que penetra pela janela ilumina o peito dele como se fosse uma listra.

Meus instintos naturais estão procurando a arma que guardo embaixo da cabeceira da cama, justamente para quando surge algo desse nível. Assim que pego na arma, engato-a, e quando estou pronto para atirar vejo seu rosto. O coração acelerado, a garganta seca.

Quando o homem dá mais um passo à frente reconheço seu rosto e estremeço.

Meu pai. *Como isso é possível?*

Ele estava com o rosto exatamente do jeito que me lembrava da última vez que o vi. Minha memória é boa. Consigo lembrar os movimentos dele, do afago que ele fazia em meu rosto. Do sorriso e da voz dele.

Abaixo a arma, e com uma expressão como se estivesse vendo de fato um fantasma, levanto-me em um pulo e ficamos frente a frente. Aquilo não podia estar acontecendo. Mas eu sinto sua respiração bafando meu peito nu. Os olhos dele estão concentrados nos meus e ele segura as minhas mãos.

Sussurrando quase inaudível, tento falar alguma coisa.

— Pai eu...

Sou cortado subitamente por ele, ao agarrar meu rosto e me beijar. Eu podia sentir a sua língua entrando e mexendo no céu da minha boca, o peito peludo dele encostando-se ao meu. Meus olhos se esbugalham no susto, tento me soltar, mas isto é mais forte que eu. Então deixo que aconteça, não deveria, mas deixo.

Deitamos na cama, ele está beijando meu peito e descendo até chegar em meu pênis, que já está ereto e pulsante. Fecho os olhos. Gemidos e sussurros saem da minha garganta.

Isso é uma ilusão, não pode ser verdade. Estou tentando me convencer, mas não está funcionando.

Ele faz o trabalho com a boca tão perfeito que nenhuma prostituta, que eu tivesse saído no passado, fizera com tanta maestria. Estava quase no ápice.

Ele levanta minhas pernas, iria me penetrar. O desespero e uma safadeza me consomem no

momento. A respiração ofegante. *Estou transando com meu pai. Isso não é possível. Ele está morto. Isso é imaginação.* Estou tentando me convencer cada vez mais e não adianta, porque ele continua ali com uma maestria como se já tivesse o hábito de fazer aquilo. Penso em gritar por socorro, mas parte de mim, a maior parte por sinal, está gostando. A respiração sai como um jato d'água de uma mangueira. Três tentativas são o suficiente para que ele consiga entrar em mim. Minha voz falha. Uns gemidos cortados por longos respiros saem cada vez que ele entra e sai. Com os olhos revirando de prazer e dor ao mesmo tempo eu deixo-o continuar.

— Isso... Não... Está... Acontecendo... Socorro... — tento falar num gemido inaudível.

Ao abrir os olhos, mal consigo vê-lo, pois já fora tomado por um beijo arrebatador. Que retribuo da melhor forma possível. O cheiro de baba, sebo e sexo começam a inalar pelo cômodo de forma que eu fico cada vez mais libertino. Era como se, em vez do ar-condicionado, libido em forma gasosa fosse expelida. Com ele ainda dentro de mim enquanto nos beijávamos, sinto a pulsação forte do seu membro expelindo o seu líquido viscoso, que parecia ser interminável de tanto que saía. Logo em seguida é a minha vez.

Meu pai remove seu pênis com cuidado e cai sobre meu peito. Eu o abraço tão forte que poderia estourá-lo. As lágrimas chegam rapidamente, não posso conter. Ainda com a respiração ofegante em cima de mim ele beija meu rosto e sussurra em meu ouvido:

— Eu te amo muito, mas como chegamos a esse ponto? O que você fez comigo?

Assim como uma cortina que cai desvendando um cômodo até então invisível, ou como uma parede que separa pessoas e lugares, tenho aquela sensação terrível de quando tentamos voltar para um sonho que a mente nem faz mais o esforço de recuperá-lo.

O choque de realidade é cruel comigo quando acordo com as pernas ainda abertas, os pelos da virilha e da barriga melados com meu esperma, a mão direita apertando meu pênis e a expressão estupefata de que aquilo foi tão real como os raios de sol que entram pelo quarto, me dando cada vez mais a certeza de que foi um sonho. Parte de mim, a maior parte para ser sincero, não quer que tenha sido um sonho. Ainda podia sentir o gosto da boca dele, o cheiro que saía do corpo dele.

Incesto. Eu desejei meu pai. Isso nunca tinha acontecido nesses quarenta e cinco anos de solidão. Sinto falta do meu pai, mas não nesse sentido. *Como isso era possível?* Foi tão real, prazeroso e nojento ao mesmo tempo. Corro para o banheiro, preocupado. Me inclino na pia e deixo as lágrimas caírem. Isso foi acontecer exatamente hoje nesta festa forjada de amor e felicidade. *Preciso me recompor.*

Pego uma gilete dentro da mini farmácia em cima da pia, sento na privada e ato um cinto em volta da coxa direita. A última vez que fiz isso faz um tempo, as cascas da ferida já tinham sarado, mas eu iria abrir novamente. Com precisão e sem pensar duas vezes, rasgo a pele que imediatamente pinga gotículas de sangue no chão.

Um som abafado sai da minha garganta, se misturando com as lágrimas. Depois de alguns minutos lá estava aquela velha palavra que eu sempre frisara na minha vida, “foco”, escrito na coxa direita, perto da virilha.

Tudo começou quando eu tinha dezessete anos. Sempre fui um desses jovens meio esquisitos. Introvertido e sem graça. Sempre arranjavam um jeito de tirar sarro da minha cara. Fosse pelo cabelo grande e lambido, ou pelo jeito quieto.

Certa vez no colegial, tive uma prova de história onde o desgraçado que fazia o meu inferno dentro do colégio me pediu fila. Consigo lembrar até hoje quando ele tocou no meu ombro com os olhos perdidos e o desespero no rosto de que se não tirasse uma boa nota iria para a final e a festa de formatura estaria na berlinda, caso reprovasse. Eu fitei-o por um período de tempo e um riso malicioso formou-se no canto dos meus lábios, eu era o manda chuva naquela situação. Uma euforia dentro de mim cresceu quando vi aquela cena, meu carrasco do ensino médio, pedindo minha ajuda. Cobri a prova o máximo que pude. O resultado já era esperado. Ele tirou menos de cinco, precisava de pelo menos um oito e eu fechei a prova. Voltei para casa naquele dia com um olho roxo, dor abdominal e o cabelo molhado com água da privada. Meu ensino médio foi marcado por várias situações parecidas. Desde então adotei a autoflagelação como forma de me punir por deixar que as pessoas se aproveitem tanto de mim. A palavra que escolhi foi “foco”. Quando estou nervoso, irritado ou com algum sentimento ruim eu sinto minha carne pulsar. Sinto a palavra sendo rasgada em minha pele. De tempo em tempo eu abro a cicatriz para me lembrar de que sempre precisarei de foco.



A noite chegara e com ela a farsa anual. Sorriso de porcelana no rosto, escondendo o ódio e desprezo de alguns parentes. Todo o ano essas pessoas, que se chamam de família Montibeller, reúnem-se no natal para celebrar o ano. E todos os anos é o mesmo fingimento. Esse ano a festa é aqui em casa. Passei o dia com minha mãe fazendo comida e preparando o espaço para receber os entes queridos. A primeira a chegar foi a tia Margarida que vem da Itália todos os anos, juntamente com seus dois filhos, meus primos, Lorenzo e Pietro. Lorenzo trouxe a esposa e a filha de sete anos. Pietro continua solteiro, embora seja bastante namorador. Margarida é uma mulher asquerosa, tenho certeza que ela fala, e já falou durante esses anos, um monte a meu respeito. A indignação dela é porque eu nunca me casei nem tenho filhos. E creio que ela compartilha do mesmo sentimento da minha mãe pela morte do meu pai.

Tio Enzo foi o segundo convidado a chegar. Esse ano, sua filha, minha prima Giovana, veio com o marido.

Meus primos têm a mesma faixa etária. Nossos pais casaram-se quase que em fileira, e assim nos tiveram um atrás do outro. Então crescemos nos vendo nessas reuniões.

Meus avós tiveram nada mais nada menos que nove filhos, cinco mulheres e quatro homens, eles emigraram para o Brasil anos atrás. Pouco a pouco, muitos dos meus tios e tias foram voltando para a Itália pelas condições e qualidade de vida. Minha mãe e o tio Enzo foram os únicos que ficaram aqui em Recife.

Pouco tempo depois que todos chegaram e se acomodaram estou no alto da escada fitando aqueles abraços apertados, os sorrisos por trás das taças de vinho, meu primo Lorenzo cochichando no ouvido da esposa, a tia Rita na mesa de doces e salgados como sempre, por isso que ela é tão gorda. Tio Enzo conversando com o tio Giovanni. Mas o que me chama a atenção é ver minha mãe a olhar para mim com a cara amarrada. Eu podia ouvir ela gritar através daquela expressão: “*você matou meu marido, seu merda!*”. Faço um aceno com a taça, como se a estivesse convidando para um brinde e dou um gole. Então vejo minha prima Bianca subir as escadas e parar ao meu lado. A única prima que sempre me dava um abraço apertado, pois realmente existe um sentimento entre nós.

— Quanto tempo resta até começar as mesmas conversas de sempre? – diz ela virando o rosto para mim com um sorriso.

— Não sei – falei conferindo o relógio de pulso. – Mais alguns goles e alguém vai soltar um comentário que vai magoar alguém e a briga tá feita. Até que todos vão embora cada um pra sua toca e ano que vem todos se reúnem novamente. Deixando sempre as feridas do passado abertas.

Continuamos contemplando por mais algum tempo.

— Vou pegar mais vinho, você quer?

— Sim.

— Já volto.

Enquanto ando até à mesa de bebidas, meu primo Lorenzo me puxa para dentro do quarto. Parecia que ele estava esperando isso acontecer. Essa é a primeira vez que ele volta ao Brasil depois de cinco anos ausente das reuniões familiares anuais.

— Lorenzo... – digo baixinho. – O que você está fazendo?

— Não me diga que você esqueceu e que não tá a fim – fala ele tão bêbado que posso sentir seu hálito me embriagar, desatando o cinto e baixando a calça. Apenas de cueca e com aqueles olhos azuis, cabelos loiros e beleza de deus grego.

— Olha, o que menos quero no momento é algum problema, então vista-se e esqueça o que aconteceu. Foi um erro e ficou no passado – digo saindo do cômodo e deixando ele só.

Exatos cinco anos atrás, a festa de natal foi no sítio do tio Enzo. Lorenzo e eu bebemos tanto que perdemos a noção do tempo e espaço. Estávamos afastados das pessoas, numa área arborizada e escura. Ficamos jogando conversa fora, contando piadas sem graça e rindo das leseiras que já aconteceram em nossas vidas. Até que em certo momento, quando tentamos

levantar, nos apoiando um no outro, caímos. Ele ficou em cima de mim e passamos pelo menos uns trinta segundos nos encarando, foi quando ele me beijou e aconteceu. Mas para a desgraça geral da nação, isso não foi o pior, uma outra prima minha estava passando no momento, viu tudo e nos chantageou para manter até hoje em segredo.

Andréia. Como detesto essa mulher. Loira com cabelos ondulados, corpo escultural e dona de uma empresa de roupas famosa na Itália. Ela passa por mim sempre com um sorriso no canto do rosto.

Quando saio do quarto lá está ela com o coquetel na mão e rindo para mim.

— Parece que as faíscas do passado, se atizadas corretamente, sempre viram uma fogueira novamente, não é mesmo? – diz ela arqueando a sobrancelha esquerda para mim.

— O que é que você quer? Não te devo satisfação de nada.

O pior é fingir que estamos tendo uma conversa amigável quando alguém passa. Soltamos sorrisos falsos que se desfazem quando qualquer pessoa dá as costas.

— Nossa... – fala ela ironicamente – tá nervosinho demais para quem não está escondendo alguma coisa. Tem certeza que não teremos nada esse ano?

No mesmo momento em que ela termina a sua indagação, o idiota do Lorenzo sai do quarto com a cara mais lisa de todas. Isso faz com que Andréia solte uma gargalhada.

— Parece que vocês terminaram o que começaram há cinco anos, não é...

Lorenzo não a deixa terminar a frase, avança em seu pescoço, pressionando-a contra a parede e deixando-a sufocada. Eu vou em cima sem fazer muito alarde para não assustar todo mundo e para que a festa não acabe antes do previsto. Com muito esforço consigo separar os dois.

— O que aconteceu no passado vamos deixar no passado, certo? – digo com tanta raiva na expressão, fazendo com que Lorenzo desapareça.

— Eu vou acabar com você – diz ela entre soluços e tosse, saindo de perto e massageando o pescoço. Quando a situação, aparentemente se acalma, vejo a filha de sete anos do meu primo Lorenzo, indo em direção ao porão. Ninguém entra ali. Aquele lugar é meu. *Como fui deixar a porta aberta?*

Corro rapidamente e pego a menininha nos braços antes que ela entre.

— Sinto muito, meu amor, mas esse lugar é proibido.

Fecho a porta do porão, tiro um pequeno molho de chaves do bolso e tranco a porta.

Meu porão é meu lugar seguro, onde ninguém tinha acesso desde que era mais jovem. Ali eu leio meus livros, passo noites em claro estudando meus arquivos de casos passados, pastas contendo coisas confidenciais da polícia, entre outras coisas pessoais.

Quando retorno com a garotinha, que nem o nome eu sei direito, nos braços, ouço algumas tias conversando.

As submissas, todas elas são assim. Dependem dos maridos para tudo na vida. Não têm renda própria e nunca trabalharam na vida. Tiveram sorte, de pelo menos, conseguirem maridos que ganham muito bem. O jeito como elas se submetem, me dá raiva. Os maridos conversando e rindo de um lado, e as esposas como empregadas servindo e apreciando a felicidade que emana apenas dos rostos masculinos presentes. Era perceptível que nenhuma delas é feliz completamente.

Elas são legais o tempo inteiro. Eu posso imaginá-las passando roupas, lavando, limpando a casa, na bancada da cozinha, servindo o marido enquanto este está de pernas para cima assistindo o futebol, tomando conta dos filhos, indo ao supermercado, fazendo o almoço e jantar e, no final do dia quando o seu macho chega em casa, tudo o que elas mais querem é um elogio pela casa limpa, pelos pratos lavados, e por todos os serviços em ordem. E claro um pouco de atenção. Mas ao invés disso, elas recebem mais tarefas. Têm que pôr a comida do macho na hora que ele quer, passar a roupa do trabalho do outro dia, lavar os pratos e copos que ele sujar e ainda ouvir que o serviço doméstico está mal feito.

A garota legal não reclama, apenas aceita e baixa a cabeça sempre que o marido quer. Sempre diz sim para tudo, não tem opinião própria e convive dia após dia aguentando esse fardo. No final do dia tudo o que a garota legal quer é descansar, mas ela tem que abrir as pernas, deixar ser penetrada e fingir um orgasmo para satisfazer seu macho. O beijo não existe mais, o carinho está perdido em algum lugar do espaço, o amor que ela sentiu quando se casou tão nova foi embora sem olhar para trás.

Após a ejaculação dele, ela vira-se para o lado, enquanto ele vai tomar banho. Ele volta para a cama e finge que ela não existe. Apaga a luz e cai num sono tão profundo que faz com que ela se sinta uma atriz pornô e que na verdade ele se masturbou olhando para ela. A garota legal chora escondida dos filhos e do marido, porque ela se vê sem saída, se separar não tem para onde ir, nem onde morar, porque toda a sua vida foi dependendo de um homem, que no final das contas depende tanto quanto ela, principalmente dos serviços domésticos que o machismo não deixou que eles aprendessem.

Depois dessa breve análise das garotas legais que estão na festa, formadas pelas minhas tias e as mulheres dos meus tios, sigo em direção ao outro lado da sala. Giovanna não está mais na escada. Acho que demorei demais para voltar. A impaciência e vontade de que as próximas horas avancem mais rápidas faz com que eu me sente no sofá e observe a movimentação ao meu redor.

Diferentemente das garotas legais que observei antes, aqui se trata dos machos alfa. Na cabeça machista desse bando de homens que está ao meu redor, as mulheres servem apenas para o serviço doméstico. Traição é normal, assim como cobiçar a mulher alheia. A ignorância dessa gentinha é tão revoltante que sou obrigado a ouvir os absurdos.

— Agora a conversa vai ficar boa! — diz o tio Enzo erguendo o copo acima da cabeça e molhando a calça bege de Pietro, que já está bêbado. — Cavalheiros eu vos apresento Rodrigo Montibeller, um dos maiores detetives do Brasil! — diz ele sorrindo à toa e pendendo a cabeça para trás. — Esse é o cara! Com certeza, meus nobres, já deve ter desvirginado muitas safadinhas por aí, né? — respiro fundo enquanto as risadas se alastram pela roda em volta da mesa, mas enquanto ele diz isso, vejo minha prima Andréia rindo ironicamente para mim, e na outra extremidade está Lorenzo, também me encarando. Baixo a vista, tomo mais um gole do vinho e volto a atenção para a conversa, com um sorriso tão teatral, que poderia ter ganhado um *Tony Awards* naquele momento.

Estar entre os machos alfa era isso. Na cabeça deles, para ser macho você precisa sair com várias mulheres, tem que ser promíscuo e safado, trair e tratar a sua esposa como uma empregada. Não ajudar em casa, pois tarefa doméstica é coisa de mulher. Se por acaso você chegar a trair, cobiçar, desejar ou olhar para outra mulher a resposta sempre vai ser a mesma.

— Mas homem é assim mesmo — diz um dos meus tios.

Enquanto a conversa continua, de instante em instante é possível vê-los solicitando a garota legal, exatamente igual a quando vamos ao restaurante, levantamos a mão e solicitamos ao garçom, que prontamente vem desembestado de onde estiver para nos agradar. Assim são as garotas legais dessa festa. Seus machos “inviabilizados” levantam as mãos enquanto elas trazem docinhos, salgados, guardanapos, bebidas e tudo o que for solicitado por eles.

Certa vez ouvi a história do tio Giovanni, que no passado, por ser tão bonito, chegou a trabalhar por anos como modelo. Viajou boa parte do mundo por conta da sua beleza. Hoje em dia é apenas um velho que foi bonito um dia. Sua esposa, Ângela, que por sinal está quieta desde que chegou, já sofreu, e muito provavelmente sofre com ele até hoje. Ele é o tipo de homem que maltrata e humilha. Já brigaram várias vezes. Uma vez ele jogou todas as coisas dela pela janela e disse que não queria mais ela, mas por ser tão dependente dele, mesmo sem culpa, ela se humilhou e voltou para ele. Se isso aconteceu, e só ficamos sabendo meses depois, fico imaginando o que essa mulher deve sofrer calada nas mãos desse homem.

Enquanto as conversas se prolongam eu percebo que Andréia desliza pela multidão. As crianças correm, os velhos continuam bebendo, as garotas legais continuam no serviço doméstico e Lorenzo continua tentando se aproximar de mim. Mas o que me deixa nervoso é quando vejo Andréia conversando com a esposa de Lorenzo, isso faz brotar gotículas de suor na minha testa e meu pomo de adão subir e descer rapidamente. Ela não está apenas conversando, e sim cochichando, fazendo questão de me encarar enquanto conversa algo no ouvido de Lúcia. Creio que está brincando com meu psicológico, afinal eu estou para sempre, em suas mãos. Enquanto olho para elas conversando, a palavra foco na minha coxa começa a arder e queimar. Então, decido ir lá fora respirar ar puro.

Encho o pulmão o máximo que posso. Fazer isso é libertador, às vezes. Como em todos os finais de ano, a rua em que moro está repleta de casas com pessoas felizes, famílias que têm problemas, mas que não são tão malucas feito a minha. Talvez esteja com aquele pensamento “*a grama do vizinho é sempre mais verde*”. Enquanto estou com os cotovelos apoiados na varanda e a cabeça enterrada nas mãos, percebo que mais alguém sai de casa para me fazer companhia, Lorenzo. Reviro os olhos e baixo a cabeça em negativa.

— Tudo bem? – fala ele se aproximando.

— Estou ótimo – digo com a voz abafada sem nem sequer olhar para ele.

— Você não parece bem. Quer compartilhar algo? – diz ele dando um impulso e sentando na varanda ao meu lado, de costas para a rua.

— Lorenzo, por favor. Só peço que você saia daqui. Já não basta os problemas que temos.

— Eu só não consigo entender como você pode ficar normal depois do que aconteceu entre a gente.

— Lá vem você de novo com esse assunto. Eu já disse e vou repetir novamente...

— Então fala na minha cara que o que você fez não foi por querer – diz ele, aproxima o rosto e ficamos cara a cara de novo.

— Você tem noção do que está falando?

— Eu só preciso entender...

— Entender o quê? – digo perdendo a paciência. – Você tem uma esposa lá dentro, uma filha e uma família de lobos que nos devorariam se soubessem. Agora, quer parar de uma vez por todas e esquecer que isso aconteceu?

— Não – diz ele ficando em pé na minha frente e vindo em minha direção. De repente sinto a respiração e o hálito dele de tão perto que estamos. – Eu não vou parar até você me dar uma explicação de que o que aconteceu naquele natal não foi por acaso.

Ficamos novamente uns trinta segundos, um encarando o outro, os lábios quase se tocando, quando ouvimos a porta abrir, num movimento tão rápido nos recompomos, e vejo minha mãe nos encarar com uma expressão tão séria e nojenta que parecia que tinha visto algo.

— Vamos. Está na hora.

Tão ríspida.

Trocamos um olhar desconfiado e voltamos para dentro.

Ainda tive que lidar com os olhares de Andréia. Fazendo gestos obscenos por trás das pessoas para me atingir.

— Bem, pessoal – começa tia Margarida – já é meia-noite, vamos começar o nosso amigo secreto anual. – Risos histéricos e sons de comemoração ecoam pela casa. – Esse ano temos mais participantes, espero que todos gostem dos seus presentes. Sem mais delongas eu vou começar – dirige-se à enorme árvore de natal e pega uma caixa retangular –, a minha amiga secreta é uma

mulher corajosa, batalhadora e que amo muito. Quer dizer amo todos vocês, mas essa pessoa...

— Tia Marta! – grita alguém entre risos e brincadeiras.

— É ela mesma! – diz Margarida chamando minha mãe com um sorriso de canto a canto.

Marta tirou Enzo, que tirou tio Giovanni e assim seguiu. As mulheres que tiravam mulheres recebiam quase sempre os mesmos presentes: Utensílios de cozinha, panelas, conjuntos de pratos, garfos ou copos importados. Os homens que tiravam homens davam carteiras, gravatas, canivetes ou perfumes de grife.

A brincadeira seguiu durante um bom tempo, então sento na escada e fico pensando em muitas coisas. Vejo tia Margarida rindo à toa. Lembro de uma situação que aconteceu há alguns anos no natal. Ela e Marta estavam na cozinha, e eu me encontrava no meu quarto, mas fui pegar um pouco de água quando ouvi um pequeno diálogo das duas.

“— Mas como assim, um homem de quase quarenta anos, nunca namorou ninguém, nunca arranhou ninguém, Marta? – dizia ela. – Com certeza ele deve esconder alguma coisa.

— Margarida, fala baixo que ele está no quarto e pode escutar...

— Não precisa cochichar, eu já ouvi tudo – cortei a conversa das duas aparecendo de repente na cozinha, deixando elas sem graça. – E pra sua informação, querida tia Margarida, minha vida amorosa e sexual não é da sua conta. – Peguei o copo e sumi da cozinha.”

Desde aquele dia que tenho uma raiva dela, pois sempre gostou de fofocar da vida dos outros. Agora nossa relação é marcada por essa falsidade que nos separa. Tenho certeza que ela já deve ter espalhado para Deus e o mundo assuntos que não são pertinentes para ninguém que está aqui.

— Rodrigo? – é a voz de Andréia, eu estou com a cabeça baixa, levanto subitamente cerrando os olhos para ver melhor, todos estão me olhando e isso faz com que eu fique alguns segundos olhando de um lado para o outro, sem saber o que está acontecendo. – Eu tirei você – diz ela num sorriso falso, um sorriso que eu jamais vira.

Me levanto, ajeito a camisa e vou ao encontro dela, devolvendo o sorriso, fingindo sermos os melhores primos do mundo.

— O que você disse a Lúcia? – digo no ouvido dela.

— Não se preocupe, eles vão saber no momento certo – fala ela enquanto nos separamos e voltamos com os mesmos sorrisos falsos. – Acho que você deveria abrir – diz ela dando um sorriso malicioso para mim, o que me faz estreitar os olhos e morder a parte inferior interna do lábio.

— Abre! Abre! – diziam todos em uníssono.

Andréia era terrivelmente maligna. Quando abro a caixa tinha uma vagina de plástico penetrável, o que faz toda a aglomeração e risos desaparecerem. Todos ficam estupefatos com a falta de respeito.

— Eu acho que vai ser bem útil para nosso querido Rodrigo, ninguém consegue passar muito tempo só, né?

Meus tios e tias começaram a ir embora depois do que aconteceu, muitos iriam para o hotel, outros visitariam alguns amigos que ainda tinham na cidade. Eu tinha tirado Lorenzo. Antes dele ir embora e sem que ninguém visse, coloco uma caixa pequena em sua mão e nos abraçamos. Ele voltaria para a Itália daqui a dois dias. Só Deus sabe quando nos reencontraríamos.

— Seis horas pra ser exata – diz minha prima Bianca sorrindo. – Foram necessárias seis horas pra que a briga começasse. – A abraço, desejando um feliz ano novo.

De volta ao meu quarto, depois desse longo dia de horror, vou ao banheiro e removo o curativo. A pele estava horrível. A ferida adquirira uma coloração esverdeada ao redor. Troco o curativo, me masturbo, tomo banho e vou para a cama.

Demora dez minutos para que meu pai apareça novamente nu. Fecho os olhos o mais forte que posso. *“Você não é real, isso não está acontecendo, vai embora”*. Ao abri-los ele ainda permanece lá. Senta na beira da cama, mas ao contrário da noite anterior, dessa vez ele me abraça com ternura e amor. Isso faz meus olhos se encherem de lágrimas, e um choro descontrolado sai da minha garganta. Deito no colo dele enquanto ele acaricia meus cabelos, assim como fazia quando eu era criança. Ele me cobre com o cobertor, me dá um beijo na testa e sai.

Naquela noite não tive pesadelos.

ALEXANDRE BELARMINO

DETETIVE CIVIL JÚNIOR

31 DE DEZEMBRO
PÂNICO

As festas de fim de ano na minha família são sempre excelentes. É uma alegria poder receber meus familiares. Durante o ano não temos muito contato. Neste ano quem vem passar o réveillon conosco é a Stacey. Diferentemente de algumas namoradas que tive no passado, ela é bem recebida por todos. Minha mãe recebe Stacey com um sorriso no rosto, sinal de que aprova o nosso relacionamento.

Recebo os parabéns de boa parte dos meus tios por conta do emprego novo. Falo com entusiasmo da minha profissão e comento também a questão de trabalhar com o Rodrigo, pois o cara é realmente conhecido. “*Se vocês soubessem que ele é um perverso que me assediou e que às vezes nem faz o trabalho duro, mudariam de opinião*”, penso enquanto os ouço.

Tio Júlio, irmão gêmeo do meu pai, chega no exato momento em que estou me servindo de cerveja. Por ser tão idêntico ao meu pai, o gole que tinha acabado de descer garganta abaixo embrulha meu estômago, dando uma ânsia de vômito repentina. Saio em direção à varanda, com Stacey me seguindo apressada.

Vômito como se tivesse encarado a maior montanha-russa do mundo depois de ter comido um hambúrguer de três quilos.

— Amor... – Stacey agacha ao meu lado com cara de nojo.

— Estou bem.

— O que você comeu?

— Não é nada disso – digo voltando e ficando frente a frente com ela. – Você tá vendo aquele homem ali? – aponto para que ela olhe em direção ao tio Júlio. – Pois bem, ele é gêmeo do meu pai. Quando ele atravessou a porta eu...

Perco as palavras, como se fossem tiradas da minha boca por uma rajada de vento, tão forte, que as leva para o outro lado do planeta.

Stacey continua me olhando, ela é uma boa ouvinte.

— Quando ele atravessou a porta eu... – digo novamente, ajeitando a voz numa tosse forçada – tive a sensação de que meu pai estava entrando. – Baixo a cabeça, *não era para aquilo estar acontecendo*. – Desculpa, eu só...

— Você não tem que ser o homem de ferro sempre. Toma, agora bebe isso – diz ela me passando um copo com água.

Bebo o líquido e fico observando o rosto dela enquanto a mesma olha a agitação da rua,

que durante os dias do ano é deserta e assustadora.

— Você se sente melhor? – diz segurando meu rosto entre as mãos e me beijando, enquanto eu assinto com um movimento positivo.

O beijo dela é simplesmente magnífico.

— Você está ficando excitado, é isso mesmo, senhor Alexandre? – diz ela me beijando a cada palavra.

— Não consigo ficar normal perto de você.

— Para com isso, seu bobo!

Ela puxa-me para um abraço apertado, mas algo no meu campo de visão, me deixa perturbado, fazendo com que meu amigo de baixo volte para a estaca zero. Na esquina da rua uma Chevette preta está estacionada. Minha reação é instantânea, então começo a abraçar Stacey mais forte e cravar minhas unhas nela.

— Ai!

— Desculpa... – falo meio ofegante, me soltando dos seus braços e descendo as escadas da frente. O suor começa a brotar na têmpora e nas axilas.

— Alexandre? – pergunta Stacey confusa. – Aonde você vai?

Mas eu não escuto mais nada, não é possível ser coincidência. Alguém está me seguindo e sabe como manipular a situação. E eu não posso deixar que ninguém se aproxime da minha família. Esse miserável está de brincadeira, só pode. Não tenho paciência nem preparo psicológico para passar por isso.

Stacey continua atrás de mim gritando, me seguindo. Estava quase no alcance quando a porta do motorista se abre e eu vejo aquele homem saindo. Sem pensar duas vezes, me jogo nele, o que faz com que a gente caia no jardim da casa da frente. Prendo os braços dele, pressionando-os em baixo dos meus joelhos. Os olhos do homem se esbugalham como se não estivesse esperando ser recebido daquela forma. Saco uma arma pequena, que anda sempre comigo no meu tornozelo.

— Quem é você?! – grito sem perceber a aglomeração que se forma ao redor da situação.

— Não sei do que você está falando... – diz o homem tentando se soltar.

— Por que você está me seguindo?

— Olha cara, eu não sei do que você está falando. Eu só vim aqui comemorar o fim de ano com a minha família.

— Solta ele! – recebo um chute de uma mulher que veio por trás de mim como um animal.

Eu me levanto e então percebo que tinha feito algo horrível. A placa do carro não era a mesma. Baixo a arma e fico olhando de um lado para o outro o transtorno que tinha causado na festa daquela família. Os rostos assustados, o pânico e medo, alguns familiares chorando. Mostro meu distintivo e tento me desculpar.

— Desculpe, eu... — as palavras somem mais uma vez — confundi o senhor... — aponto para o homem, que agora se levanta com a ajuda da esposa, provavelmente — com um suspeito que estamos buscando.

— Você aparece não sei de onde, agride uma pessoa desconhecida na rua, aponta uma arma para a cabeça dessa pessoa e vem com essa cara lisa de desculpas?! — diz a mulher, com tanta raiva, que é possível ver as gotículas de saliva sendo expelidas. — Eu vou reportar você para seu superior! Que tipo de policial é você?

Estou tão envergonhado e constrangido que passo mais um tempo me humilhando e lamentando a situação. Até que todos os familiares entram na casa e o último bate a porta na minha cara. Percebo que Stacey tinha assistido tudo. Ela está tão incrédula e com raiva, deduzo pela cara de espanto dela.

No caminho de volta para a varanda de casa, Stacey não fala nada. *“Como pude ser tão trouxa e fazer isso? A mulher disse que vai reportar a situação, estou frito se Rodrigo descobrir que isso aconteceu”*.

— Que merda foi isso? — diz Stacey enquanto eu a sigo.

— Amor... — começo tentando entender também esse meu comportamento — não sei o que aconteceu, mas posso tentar explicar.

— Explicar... — diz ela virando-se rapidamente e encontrando meus olhos que estão perdidos. — Então comece, porque espero que aquele homem tenha feito algo muito ruim com você, para merecer ser tratado daquele jeito.

— Certa vez eu fui para a sede da polícia, tinha sido chamado no meio da madrugada e quando estava mais ou menos no meio do caminho, um carro preto, na verdade uma Chevette exatamente igual àquela, ficou me seguindo. Para ter certeza eu cortei algumas ruas e aquela pessoa continuava lá, rua após rua. Então eu parei numa determinada rua e saí do meu carro, fui ao encontro da Chevette, mas antes que pudesse fazer ou dizer alguma coisa, o motorista do veículo deu uma arrancada. Pra me proteger tive que me jogar na calçada. Tempos depois eu fui atrás da placa que consegui anotar e...

Eu baixo a vista, pois sabia que minha atitude agora tinha sido terrível e imperdoável com aquele homem. Stacey busca meu olhar com um gesto de cabeça.

— E...

Neste momento eu deveria ser sincero com ela e dizer que eu a traí na missão secreta que fui com Rodrigo, deveria ter dito que fiz porque eu quis e que ninguém me obrigou a nada. A culpa e o arrependimento estão queimando meu coração. *“Diga! Vai! Diz a ela o que você fez. Talvez ela te perdoe se for sincero, mas talvez acabe aqui”*, os pensamentos estão me matando e Stacey continua aqui, esperando uma resposta. Meus lábios descolavam-se como uma fita dupla face, um bocado de saliva desce goela abaixo, eu preciso dizer para ela, não é justo fazer isso.

— E não existe nenhuma placa com essa numeração, era uma placa falsa. — Não tenho coragem de dizer para ela a verdade, começo a fazer promessas internas de que um dia eu poderia contar, mas não agora. Minha expressão fica vazia.

Ela me olha como se não tivesse acreditando em nada. Sai de perto de mim e entra em casa. Respiro fundo colocando as mãos na cintura. Em menos de um ano eu já seria reportado, provavelmente por abuso de poder. Como não vi que aquele homem e aquelas pessoas eram normais demais para que fossem subentendidas como perseguidoras? Aquela esposa estava com tanta raiva, com certeza ela não vai deixar barato.

Subo novamente as escadas frontais de casa, tiro o celular do bolso e noto que faltam quinze para a meia-noite. Dou uma olhada no *whatsapp* e vejo que recebera uma mensagem do José Chaves, do laboratório, mais precisamente de análises clínicas.

“Oi Alexandre, tudo bom? Passando aqui pra te informar

Sobre o hidróxido de amônia que você pediu.

Riscos: nocivo quando ingerido, inalado e absorvido pela pele.

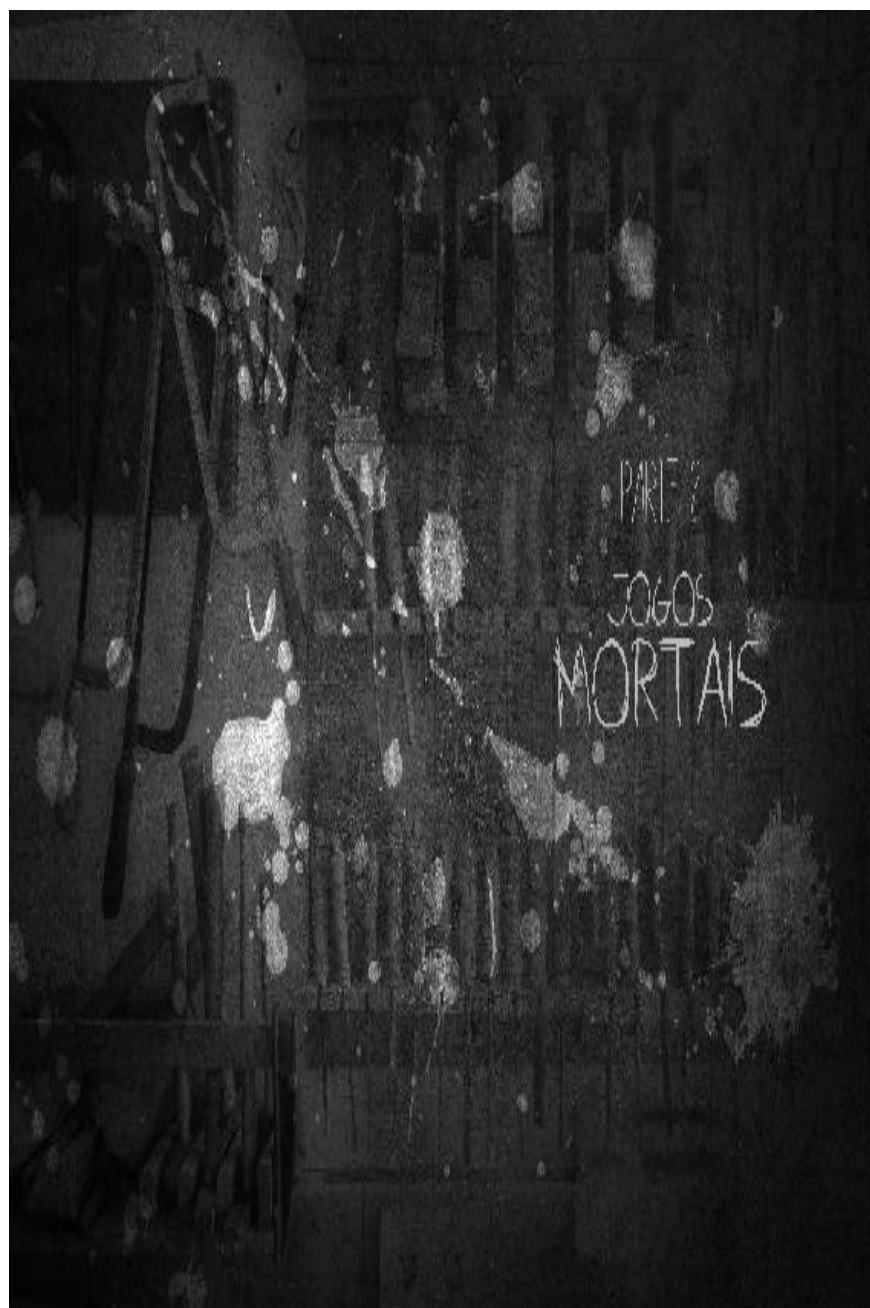
Extremamente irritante para as mucosas, sistema respiratório superior, olhos e pele.

Efeitos agudos: espasmos, inflamação e edema de garganta, pneumonia química e edema pulmonar.

Com esses dados, subentendemos que a vítima não foi exposta diretamente a esse composto, pois não apresentou nenhuma das características acima. Logo, o composto foi usado apenas após a morte, para destruir possíveis provas, digitais e vestígios deixados no local.”

Depois de ler a mensagem compreendi que o nosso alvo matou as vítimas e no final de tudo passou o composto para destruir as provas, *espertinho*. Às vezes tenho a sensação de estar correndo em círculos com este caso, como se nunca fosse ter um fim. Paciência. Sei que é preciso. Mas saber que tem um maníaco por aí, me deixa com raiva e ansioso para pegá-lo.

Após a virada de ano coloco na minha mente que me dedicaria ao máximo para pegar esse desgraçado. Ou desgraçada.



RODRIGO MONTIBELLER

DETETIVE CIVIL

01 DE JANEIRO
COLD CASE

Acordar tarde é algo que não faço constantemente, nunca consigo acordar realmente tarde, no máximo antes das nove da manhã já estou de pé, mesmo que tenha folga, e mesmo que esteja chovendo. Não importam as condições, sempre acordo cedo. Deitado na cama, com minha nudez exposta e uma preguiça que comumente não tenho, fico protelando entre me levantar e tomar banho. Algo na minha virilha começa a incomodar, estico o braço e começo a tatear às cegas até sentir um punhado de pelos. Depois de um tempo analisando, meus dedos chegam às cicatrizes. Estão quase sarando, sinal de que é hora de abri-las de novo.

Depois do fim de ano as coisas normalmente voltam à estaca zero. As pessoas fazem promessas para mudarem as suas vidas, dizem que este ano será “o” ano, traçam metas e desejos. Fazem do início de ano como se fosse um mantra que vai radicalizar as suas vidas para sempre. Tudo mentira. Só muda quem quer, só consegue se for atrás, e como a maioria das pessoas caem na mesmice todos os anos com as mesmas promessas de sempre, acabam tendo que viver o mesmo ano de outra forma. É como se as pessoas vivessem no conto de *Sísifo*.

Na mitologia grega, *Sísifo* foi condenado eternamente a pegar uma pedra de mármore e subir uma montanha muito alta, e quando finalmente estava chegando ao cume, a pedra escapava de suas mãos e rolava montanha abaixo, desprezando o duro trabalho feito. Então ele era obrigado a descer, pegar a pedra e subir novamente. Isso me lembra muito as pessoas hoje em dia, prometem, fazem juras, e até tentam chegar no cume do monte, mas de repente voltam a viver as mesmas vidas.

O curioso é que, enquanto penso nessa reflexão, eu me encaro no espelho. *Será que é meu subconsciente querendo me dizer algo?*

Espanto o pensamento para longe e começo a escovar os dentes, não tenho planos para hoje, talvez assista dezenas de episódios de *Cold case* ou qualquer outra série interessante. Limpo a boca, passo um pouco de desodorante e saio do quarto nu. Abro a porta do meu quarto e dou uma vasculhada de um lado para o outro no corredor que divide os quartos. Silêncio. Marta não está em casa. Saio tranquilamente, desço as escadas e vou direto para a cozinha preparar algo. Decido fazer um almoço prático e uma maratona de *Cold case*, já que não assistia há um bom tempo.



Quando acordo parece que tinham passado anos. Eu dou um súbito pulo como se alguém tivesse me cutucado. O susto foi grande. Não tive pesadelos nem nada parecido, tudo era um borrão. Lilly Rush está elegantemente na tv, não sei quantos episódios tinham passado, apenas que está num dos vários finais épicos que só quem acompanha a série sabe. Uma chuva forte e barulhenta cai do lado de fora. Levanto-me às pressas para fechar as janelas que estão abertas. Parte do piso da cozinha ficara encharcado, assim como do quarto de Marta. O vento leva chuva para o lado posterior à minha janela, então meu quarto está a salvo. Com raiva, limpo o que a chuva fizera no piso da sala e do quarto de Marta.

Enquanto estou no quarto dela, coisa que não faço habitualmente, me vem uma curiosidade de explorar algumas coisas. Embora o quarto da matriarca seja grande, não há muito o que fazer, apenas algumas fotos antigas com meu saudoso pai, o que me faz ter uma pontada na espinha ao vê-lo, lembrando da noite em que ele apareceu no meu quarto. Respiro fundo e continuo a olhar as fotos na cabeceira da cama e da cômoda. Nenhuma foto comigo.

Volto para a sala e pego meu *notebook*. Depois de alguns segundos carregando, consigo abrir o *google* e fazer umas pesquisas. Casos de estupro e assassinato, tráfico humano e de drogas, condições precárias em cadeias, agressão, roubo, dano ao patrimônio. Um assunto levava a outro. Estupro masculino não é algo comum. No meu e-mail recebi arquivos de alguns amigos de outros estados que continham casos possivelmente semelhantes, mas nenhum deles tinha as características do nosso. São Paulo, Paraíba, Maranhão, Piauí e Tocantins. Cinco estados diferentes com casos de estupro masculino, mas nenhum deles seguia os passos da nossa investigação. Eram estupros aleatórios. Esses daqui não, seguem uma linha, uma arquitetura premeditada que requer uma atenção maior.

Observando as fotos arquivadas na pasta, percebo que a ênfase dessa pessoa é exatamente no ânus das vítimas, ele ou ela, faz questão de deixar o esfíncter bastante dilacerado. Olhar aquelas imagens me faz respirar fundo e sentir pena daqueles homens. “*O que você quer nos dizer? O que vocês fizeram para merecer isso?*”, penso.

Nesse meio tempo o celular toca tirando minha atenção da tela. Deve ser uma nova mensagem no *whatsapp*. Desde a rompida de ano que não olhava para aquele objeto, sempre que posso tento me desligar ao máximo. Tinha milhões de mensagens no grupo da família, várias pessoas do departamento me felicitando pelo ano novo, com muita falsidade. Vinte e cinco mensagens de Verônica, provavelmente querendo outro encontro. Sete mensagens da nova estagiária, o que me faz revirar os olhos. Uma mensagem de José Chaves falando de um composto, o qual respondo com um “muito obrigado”. E por fim, uma mensagem de Alexandre em caixa alta.

“Feliz ano novo, Rodrigo! Que possamos nos empenhar cada vez mais e pegar esse desgraçado nesse novo ano que se inicia.”

Ao terminar de ler dou uma risada no canto da boca. Ele é tão infantil e tão esperto ao mesmo tempo. Gosto dele, mas não transmito isso. Tenho que manter a postura, séria e focada. Assim é mais fácil de ganhar o respeito de todos. Creio que as pessoas me pintam como um monstro. Às vezes tento imaginar o que elas devem pensar de mim, ou o que já falaram a meu respeito. O que tenho vontade de fazer é rir bem alto quando os estagiários entram na minha sala para pedir uma assinatura, eles entram com tanto receio, como se eu fosse um leão prestes a morder.

Pego o celular e respondo a Alexandre.

“Boa noite, Alexandre. Obrigado pelas felicitações, desejo o mesmo. Feliz ano novo!”

Tentei ser o mais simpático possível. Acho que consegui. Após responder a todas as pessoas, volto a atenção para o *notebook*. Continuo as pesquisas por mais alguns minutos, e por fim dou uma olhada no *facebook*. Algumas mulheres e homens que nunca sequer conheci na vida mandando convite, postagens idiotas de pessoas conhecidas, vídeos desnecessários. Enfim, chega de internet e trabalho por hoje. Fecho o aparelho e o coloco no centro, próximo do sofá.

Lilly Rush continuava com suas histórias envolventes ao lado de Scotty Valens, eles estavam indo prender alguém, mais um final de capítulo. Chega de seriado por hoje também. Desligo a TV. Passo cinco segundos para distinguir que cheiro é que estou captando naquele momento. Só depois de passar a mão no meu escroto é que me lembro de que não tinha tomado banho ainda, desde que acordara. Uma fina camada de sebo desprende da minha virilha quando coço, sinal de que realmente meu corpo está implorando por um banho.

Pego meu *notebook*, desligo as coisas da tomada, confiro mais uma vez as janelas, e antes de subir as escadas, dou uma geral na sala com um olhar minucioso. Até que algo me chama a atenção. Um envelope fora deixado por baixo da porta. Aquilo faz meu coração disparar. Não parecia ser uma fatura qualquer, e mesmo se fosse, existe a caixa do correio que serve exatamente para isso. São exatamente mais de dez horas da noite, em pleno dia dois de Janeiro. *“Qual carteiro estaria entregando correspondência neste momento?”*, penso.

Como se estivesse pisando em ovos, começo a andar para pegar o envelope. Ao chegar perto, me dou conta que não é um envelope e sim uma carta lacrada com um fino saco plástico transparente. Ainda estava com algumas gotículas da chuva, me agacho e pego a carta. Confiro a tranca da porta, olho rapidamente pela persiana para o lado de fora, mas nada acontecia lá, apenas a chuva torrencial que inundava a rua. Confiro novamente a tranca da porta principal, e como um gato que foge do pepino, eu corro para meu quarto e me tranco.

Abro o pequeno pacote às pressas para conferir seu conteúdo. Assim como o bilhete deixado junto ao corpo da segunda vítima, era um novo bilhete para a minha pessoa.

“Pode ser que um dia não mais existamos,

mas se ainda sobrar amizade, nasceremos de novo, um para o outro.” – Albert Einstein

Como esse desgraçado sabe que eu gosto muito das citações de Einstein?

Procuro meu celular para entrar em contato com o chefe, mas não consigo achá-lo. Tenho certeza que o tinha deixado na cômoda que fica ao lado da porta do quarto. A não ser que...

Meu coração gela. O celular começa a tocar, mas o som não vem do quarto. Encosto o ouvido na porta do quarto e percebo que vem da sala. *“Droga! Ficou lá em baixo”*. Isso me faz dar três murros na minha testa, de raiva. Não tinha alternativa a não ser descer e pegar o celular. *“E se alguém entrou em casa enquanto estava adormecido? E se isso for uma emboscada para me pegar? E se o perigo estiver dentro e não fora?”*

Com toda a experiência que ganhei ao longo dos anos, coisas assim são para ficar com a maior cautela possível. Esse ser miserável sabe que posso ser um calo no pé dele. As vítimas foram sequestradas e mantidas em cativeiro. E geralmente os sequestros acontecem sem nem perceber de onde vêm. Por isso é importante ficar sempre ligado. Visto o primeiro calção que vejo pela frente, abro a porta do quarto e entro na escuridão do corredor, que agora assustadoramente, parece um set de filmagem de um filme de terror. A respiração e o tilintar da chuva são os únicos sons audíveis. Antes que o celular parasse de tocar, pois já estava no oitavo toque, segundo minhas contagens, desço as escadas e atendo-o sem nem ver quem é o contato.

— Alô? – falo ofegante olhando em todas as direções possíveis.

Ninguém diz nada. Tinha alguém na linha. Dava para ouvir o respirar do outro lado. Espero mais alguns segundos.

— Eu sei que tem alguém aí – falo calmamente –, então se você não quiser parar atrás das grades, responda.

Após jorrar essas palavras a pessoa se rende.

— Então você teria coragem de me prender depois do bilhete que te enviei? – diz a mulher.

— Verônica? – não conseguia acreditar. – Você está doida? Como você passa na frente da minha casa, pós-feriado, em um dia chuvoso e deixa uma mensagem com as mesmas características do perverso que estamos atrás? Você quer ser indicada como uma possível suspeita? – estou atônito e não consigo me concentrar.

— Desculpa Rodrigo, pensei em fazer uma simples surpresa. Estava apenas demonstrando o carinho que tenho por você.

— Então se for pra demonstrar esse tipo de carinho, guarde para você ou para alguém que queira. Espero que isso não aconteça mais.

— Mas tivemos momentos tão bons que pensei que pudesse evoluir para algo mais.

— Pessoas adultas saem umas com as outras, transam sem compromisso, despejam seus desejos e sensações e pronto. Não é necessário se apegar. – Tento convencê-la de uma vez por todas. – Verônica, o que tivemos não passou de uma simples ficada.

— Mas você disse que eu era...

— E por favor – corto antes que ela termine, porque lembrei no momento que ela usaria isso – não me ligue mais.

Desligo.

Quando tive o primeiro caso com Verônica foi em meados de 2004, ela era novata no setor. Começou com uma conversa aqui, outra ali, até chegar ao nível de saídas e happy hour após o expediente. Não demorou muito até que fomos para a cama, embora ela fosse já uma adulta na faixa dos trinta, naquele ano, ainda era virgem. Eu fui o primeiro a explorá-la e cada vez que transamos ela descobria uma forma nova de fazer sexo. Ensinei tudo a ela, como deveria fazer com a boca, que posições seriam mais confortáveis. No início era prazeroso, até que depois de um tempo ela começou a ficar atrás de mim sempre, bisbilhotando, cochichando. As pessoas do departamento fingem que não, mas corre o burburinho de que tivemos um caso. Nunca contei a ninguém. Porém, da parte dela eu não tenho como afirmar. Depois de alguns anos, foi ficando cada vez mais raro. Até nos encontrarmos no arquivo o ano passado e quase sermos flagrados por uma estagiária. Depois disso, Verônica começou a ficar em cima de mim novamente.

Depois de desligar o telefone os músculos do corpo relaxam de uma forma que parecia que eu tinha levado uma injeção relaxante. Minha testa está brilhando com o suor, minhas axilas suam, escorrendo até ao cotovelo. O cheiro de sebo está mais forte agora que transpirei.

Ao voltar para o quarto, sento no vaso e levo as mãos à cabeça desacreditando que isso acontecera. O celular toca novamente, mais uma mensagem dela: “desculpa, não foi minha intenção”. Solto uma grande quantidade de ar esvaziando os pulmões. Preciso me distrair. Procuro algum pornô sujo e marrento, que combine com a minha atual situação, encosto a porta e começo a masturbar-me.

4 DE JANEIRO

Chego ao escritório central da polícia depois das dez da manhã, como de costume. Enquanto saía da minha casa percebi que o sol estava castigando lá fora. 35 graus dizia o termômetro no visor do celular. Muito calor.

Como sempre, saio após o grande movimento de carros, não pego o entediante trânsito do Recife. Embora o calor seja muito, faço questão de ir com as janelas abaixadas. Sentir a brisa que a cidade tem é algo fascinante. Gosto de observar as pessoas na rua e tentar imaginar o que estão fazendo, para onde estão indo, com quem estão falando no telefone. É mais estranho ainda pensar que existem milhões de pessoas no mundo e todas estão ao mesmo tempo, saindo de suas casas, pegando o ônibus e indo para algum lugar, ou simplesmente dormindo, ou na escola, ou em casa passando o tempo.

Alguns minutos a mais e lá estão as pontes do Recife. A Veneza brasileira. Embora seja meio esquecida pela prefeitura e desvalorizada pelos próprios moradores, eu sempre amei esse lugar. Cada pedaço, cada local.

Voltar à ativa após o fim de ano, com certeza trará alguns outros atrasados, que nem sequer lembram da minha existência. Logo de início, a recepcionista que tem fama de fofoqueira, abre um largo sorriso quando me vê entrar.

— Bom dia, senhor Montibeller!

Dou apenas um pequeno riso forçado, puxado no canto da boca. Ela se constrange, deve ter entendido o recado. Subo as escadas e dou de cara com outros detetives que vieram me dar alguns abraços e fazer promessas para esse ano, dizendo que tudo ficou para trás e que de agora em diante, tudo seria diferente. Mentira. Verônica sai de uma das salas e nossos olhares se encontram de primeira.

Alexandre passa por mim apressado.

— Tenho uma coisa que preciso te mostrar – fala quase correndo pedindo passagem. Se eu não tivesse saído da frente poderia ter derramado todo o café nele, tirou minha atenção que estava em Verônica. – Vou pegar um documento lá embaixo com o José do laboratório e volto já.

Apenas faço um movimento positivo com a cabeça.

Antes de entrar na minha sala posso sentir que ficou um clima tenso entre mim e Verônica. Por baixo das lentes, enquanto ela entrega um arquivo ou outro para algumas pessoas, trocamos olhares sugestivos. Eu desvio os olhos, abro a porta e entro na minha sala.

Exatos quinze minutos depois, Alexandre e José entram na sala. Cada um puxa uma

cadeira para perto, sentam-se e Alexandre me entrega o que parece ser um arquivo.

— O que é isso? – digo retirando o envelope de dentro da pasta.

— Olhe essas fotos atentamente e me diga o que você vê – diz Alexandre inclinando-se para a frente com o olhar apreensivo, como quem espera um sinal de algo.

Abro o envelope e visualizo várias fotos, de vários ângulos, da cabana onde jazia o corpo de Murilo e Jonas. As fotos estão etiquetadas, diferenciando cada uma.

— Nós já vimos isso antes.

— Sim, mas você consegue ver alguma diferença?

— Aparentemente não.

— Então olhe com mais atenção, por favor – diz João.

Observo as fotos. Parecem todas iguais. O corpo levemente jogado do lado esquerdo da cabana, as mãos tapando o rosto, marcas de agressão em ambas as vítimas, a cueca aparentemente suja de sangue, os corpos com sinal de desnutrição. Levanto a vista.

— Não sei onde vocês querem chegar – digo remexendo os olhos entre Alexandre e João.

— Sempre há uma falha. Você não está verificando direito.

— Não – digo friamente, acho que ser rebaixado por um novato e um bioquímico magoa de certa forma o meu ego. – Vocês que estão vendo coisas demais, aqui estão duas pessoas com mortes semelhantes em anos diferentes e com as mesmas características. – Baixo a visão de volta para as fotos. – Não vejo nada que possa...

De repente, tudo começa a fazer sentido e posso observar a diferença entre as vítimas.

— Consegue ver agora? – pergunta Alexandre.

Embora fossem idênticas, havia um erro nas fotos. As paredes da cabana estavam meladas com sangue das vítimas. Respingos de sangue davam um ar tenebroso e horrendo ao local, mas o que me chama mais a atenção é o seguinte: *“como pode ter tanto sangue espalhado pelo local, se as vítimas não estão mutiladas, nem com ferimentos ou cortes profundos, para que tivesse toda aquela sanguinolência?”*. FRANZO o cenho e olho para eles que esperavam que eu tivesse captado a mensagem dessa vez.

— Me deixa ver se entendi direito. Então quer dizer que o miserável não matou as vítimas lá na cabana?

— Isso! – diz Alexandre com alegria. – Nunca aconteceu nada lá, perceba que a cena do crime parece forjada agora. O cativo verdadeiro ainda é desconhecido. Esses homens foram mantidos em cativeiro por uma semana, mas não foi nessa cabana. Esse local foi projetado apenas para retardar a investigação, isso faz com que o que a Sra. Monte disse seja verdade, que ela e Michael não sabem de nada a respeito disso. Então, podemos chegar à conclusão de que Murilo e Jonas foram sequestrados, mantidos em cativeiro em outro lugar, e quando chegou a hora certa, foram direcionados para esta cabana, onde a cena do crime foi alterada. É por isso que

a posição do corpo está igual, a mancha de sangue na cueca é igual e as marcas no corpo também.

As palavras de Alexandre saem como se fossem uma cachoeira, letra após letra, palavra após palavra. Gosto disso nele, da motivação e do empenho, mas como aprendi que não devemos mostrar muito as emoções, apenas olho inexpressivamente.

— E tem um detalhe que provavelmente passou despercebido também – diz João complementando o diálogo –, na veia periférica do braço direito, há um pequeno furo de agulha em ambas as vítimas, que inicialmente achávamos que teria sido o local de injeção do hidróxido de amônia, já que tinha uma pequena quantidade na corrente sanguínea. Mas depois que vimos esse detalhe na cena do crime, podemos afirmar que foi por este mesmo orifício que foi tirada uma certa quantidade de sangue e armazenada em local apropriado com substâncias anticoagulantes, para que pudesse servir alguns dias depois, visto que não tem como tirar todo esse sangue em um único dia, pois a vítima poderia morrer de hemorragia. Isso foi um trabalho feito ao longo dos sete dias de cativeiro. Ou seja, o cara que fez isso sabia o que estava fazendo, como manipular esse tipo de material e como armazenar também. Um outro detalhe muito importante é que o sêmen encontrado no local é da própria vítima em ambos os casos.

— Como uma pessoa goza num estupro? – pergunto incrédulo.

— Estímulos – responde José. – Não é necessário estar com prazer para chegar ao orgasmo. Facilita e torna-se natural, mas não é determinante. Percebam que não foi apenas uma tentativa de estupro e sim várias. Ou seja, tem toda a condição psicológica e física da pessoa em questão. Às vezes, por ver que não há saída, muitas vítimas se entregam.

— Então, você está dizendo que tudo na cabana foi forjado?

— Sim.

— E você – digo para Alexandre –, tem algo mais que queira acrescentar?

— Eu diria que devemos conversar com a esposa de Jonas. Tentar falar com ela sobre o que ocorreu dessa vez e tentar arrancar algo dela.

— Nós já falamos com ela, o marido morreu há muito tempo e ainda estamos presos no mesmo caso.

— Mas poderíamos visitá-la novamente...

— É mesmo? – digo ironicamente. – E dizer o quê?

— Questionar sobre alguma coisa do passado.

— E você não acha que eu já fiz isso?

— Eu estou tentando ajudar!

Essa última frase soou como um leão rugindo. Faço um movimento de cabeça para trás. Nunca tinham gritado comigo daquele jeito. João coça a cabeça, pois sabia que não era bom negócio vir para cima de mim daquele jeito.

— Pois você está fazendo do jeito errado – falo sério e seco como um uísque descendo garganta abaixo, na verdade ele estava certo, mas eu não queria dar o braço a torcer.

— Então me diga o que fazer – diz ele na mesma dose, me deixando sem palavras. Ele fez a pergunta que eu estava temendo que fizesse. *O que fazer?*

Trinta segundos se passam e o silêncio paira no ar. Meu ego diria para eu sair da sala e deixar para lá, pois os egoístas quando estão pressionados fogem da responsabilidade. Outra parte diria que eu deveria dar espaço a Alexandre e o deixar seguir em frente. Pela primeira vez na vida, escolhi a segunda opção. João estava totalmente por fora e continuava calado, apenas observando, com certeza seria o comentário do dia no laboratório.

— Eu estou tão perdido quanto você.

— Então não me impeça de fazer as coisas, pelo menos estou tentando e você sabe disso.

Sem ter respostas para dar e antes de sair da sala digo:

— Faça o que for necessário, mas me deixe avisado sobre tudo.

ALEXANDRE BELARMINO

DETETIVE CIVIL JÚNIOR

08 DE JANEIRO

É simples, pela primeira vez na vida alguém tinha batido de frente com Rodrigo. E esse alguém fui eu, neste caso não sei se isso é algo bom ou ruim. As notícias correm, e lógico que a maioria do departamento já sabe.

— Você brigou com Rodrigo? – pergunta Stacey enquanto me empurrava para dentro da sala de reprografia, olhando desconfiada antes de fechar a porta atrás dela.

— O quê? Não... – minha última palavra sai entre risos. Como as pessoas mentem e aumentam as coisas.

— Pois estão dizendo por aí que você enfrentou Rodrigo e que provavelmente tá se achando a última bolacha do pacote. Por que você fez isso?

— As pessoas mentem. Maldito José do laboratório, só pode ter sido ele que espalhou essa mentira. Ele era o único que estava na sala com a gente. – Stacey continua com os braços cruzados esperando que eu explique o que aconteceu. De alguma forma esse jeito dela me excita. – Eu disse a Rodrigo que precisamos falar com mais pessoas do passado das vítimas e tentar achar uma solução. Mas ele disse que já tinha feito isso, então eu falei que estava tentando ajudar e alterei minha voz um pouco. Só isso.

— Menos mal. Só, por favor, cuidado com o que você faz, para não levar uma medida disciplinar. Não vai ser legal para você.

Isso me faz aproximar dela, estávamos a sós na reprografia.

— Alexandre! Não! – diz tentando se esquivar do meu abraço. – Aqui é local de trabalho. Sai daqui.

— Só um beijinho – digo parecendo um cachorro querendo carinho.

— Tá... Só um beijo – ela fala olhando em volta para conferir se não tinha alguém olhando.

Nos beijamos. Aquele beijo em pleno trabalho numa mistura de medo e perigo em ser descoberto. Nunca fui de abrir os olhos enquanto beijava, mas como estou com a sensação de que alguém nos observa, abro levemente os olhos enquanto trocamos de lado e lá está ela. Verônica. A mulher dos arquivos. Parece uma estátua, o cabelo em Chanel, o terno feminino que ela usa sempre, os olhos vidrados em nosso movimento. Empurro Stacey. Ela fica sem saber o que está acontecendo, até olhar em volta e ver Verônica em pé, com os braços cruzados e a cabeça inclinada.

— Bem, parece que a reprografia serve para outras coisas além de cópias e xerox, né? –

indaga ela ironicamente.

— Verônica... — começa Stacey, mas logo é interrompida na mesma velocidade em que começou a frase.

— Não se preocupe, meu anjo. Os seus segredos estão salvos comigo. Deem graças a Deus que fui eu. Imagina se fosse outra pessoa, não é mesmo? — ela anda em nossa direção, tão silenciosa que não dá para ouvir o tilintar da sola do sapato, inclina-se entre nós dois e tira um documento da parte de cima da impressora. — Vivo esquecendo meus documentos. Cuidem-se! — antes de sair do aposento volta com a porta entreaberta. — Só um conselho, tem uma sala lá no quarto andar, onde colocamos o arquivo morto, ninguém atrapalha, juro. — Fecha a porta e sai.

— Tá vendo o que você nos fez passar? — pergunta Stacey.

— Eu?

— É. Você... Agora vai todo mundo ficar sabendo e nós estaremos falados no departamento inteiro.

— Stacey, você acha mesmo que ninguém sabe de nós dois? Várias pessoas já nos viram juntos fora daqui e isso não vai ser novidade para ninguém.

— Se pra você é normal ficar falado no trabalho, pra mim não é. — Ela sai da sala apressada e preocupada.

11 DE JANEIRO

Consigo entrar em contato com a esposa de Murilo Júlio, o homem que foi assassinado no ano anterior a Jonas. Eles eram próximos, estudaram juntos e com certeza ela pode ajudar em algo.

— Tudo o que eu tinha para falar já disse a essa maldita polícia, e até agora nada. – Desliga o telefone na minha cara. Na primeira tentativa de contato.

É necessário um jogo de cintura para convencê-la. Após três tentativas ela atende o telefone de novo.

— Senhora, aqui é novamente o detetive que está cuidando do caso que envolve a morte do seu marido. Será que eu posso saber pelo menos o seu nome?

— Eu já disse meu nome, você veio aqui em casa quando tudo estava um caos e pegou todas as informações possíveis. Ou você vai me dizer que já perdeu tudo, que vai ter que começar de novo e que o caso não vai ser solucionado, enquanto meu marido está morto e ninguém faz nada.

— Nada disso. O detetive que estava à frente era o Rodrigo Montibeller, você deve conhecê-lo.

— Sim. E mesmo assim não fez nada.

— Ele continua à frente do seu caso, mas eu estou auxiliando na investigação e preciso ter uma conversa com a senhora para saber alguns detalhes que só a senhora pode me explicar. Mediante isso, posso marcar um horário com você?

A linha fica em silêncio, então uma respiração calma e barulhenta começa.

— Tudo bem. Não tenho escolha.

— Quando a senhora pode me atender?

— Pode ser na próxima segunda-feira.

— Ótimo! A senhora pode ficar tranquila que estou dando meu melhor e vou fazer o possível para encontrar quem fez isso com seu marido.

— Espero que sim. A propósito, meu nome é Indiana Soares de Lima.

Antes de sair do departamento, bato na porta de Rodrigo.

— Estou indo lá na casa da senhora Indiana pegar algumas informações. Você vem?

— Não. Pode ir. Estou entregando um formulário para o departamento de homicídios e preciso de tempo.

— Certo. Vou indo.

— Qualquer problema, me avisa. E me atualize das coisas que ela falar pra ver se bate com

o depoimento que ela me deu antes.

Faço que sim com a cabeça e saio.

Passo o fim de semana preparando algumas informações para falar com ela. O endereço informado é Rua Alfredo de Castro, bairro do Espinheiro, zona norte do Recife. Bairro nobre e bastante habitado, além de movimentado, liga o subúrbio ao centro. A rua é tranquila, não há muita movimentação, pois é residencial e não há arranha-céus nela. Na verdade, é uma conexão entre a ensurdecedora Avenida João de Barros e a Avenida Norte. Dependendo da hora que eu saia da casa dela, na volta pegarei trânsito na certa.

O muro da casa está desgastado, o sol castiga as paredes dando um tom desbotado no muro marrom. Alguns musgos crescem numa mistura de lodo e humidade. No terceiro toque da campainha a porta abre.

— Pode entrar – diz uma voz através do interfone. Percebo uma micro câmera instalada na parede. – Pode seguir em frente, estou na cozinha esperando.

A porta fecha-se atrás de mim, soltando um estalo quando a tranca engata. A casa está realmente descuidada, o jardim desbotado, as paredes mal pintadas e descascando, suponho que desde a perda do marido o trem da vida descarrilou. Os vidros da varanda superior estão manchados e descuidados. A casa encontra-se escura, enegrecida. Uma sala de estar grande bagunçada, lençóis jogados no sofá, duas garrafas de cerveja abertas em cima de uma mesa de vidro, na televisão passa a primeira edição do repórter local o NETV da rede Globo.

Ao lado da TV há uma pequena cesta com várias faturas e boletos. Um quadro com várias fotografias de tempos atrás está ao lado, com Indiana e Murilo em vários locais. Na torre Eiffel em Paris, no Times Square em Nova Iorque, na calçada da fama em Los Angeles, em frente às fontes do Bellagio em Las Vegas, momentos em que foram felizes. Com certeza a alegria já reinou nesta casa que jaz na solidão atualmente. Mas o que me chama a atenção é o fato de que, enquanto baixo o olhar seguindo em direção das fotografias, três camisinhas usadas se encontram jogadas no chão. Essa informação faz minha sobancelha arquear.

— Detetive? – chama Indiana lá da cozinha. – Por aqui, por favor.

Sigo o corredor casa adentro e deparo-me com uma mulher perdida, como se a vida não fizesse mais sentido. Ela está envolta num roupão de banho, a maquiagem borrada, meio embriagada, o rosto cansado, os cabelos húmidos como se tivesse saído do banho agora. Uma mão trêmula leva o cigarro até aos lábios manchados de batom.

— Pois bem – diz apontando uma das cadeiras para que eu sente. – Aqui estou mais uma vez. Seja breve e direto, tenho uma visita daqui a pouco.

— Bem senhora...

— Indiana, por favor. Nada de senhora.

— Indiana – corrijo. – Eu quero apenas juntar alguns fatos sobre a morte do seu marido.

Primeiro gostaria de saber onde vocês se conheceram.

— No colégio, ele foi meu primeiro namorado e meu único esposo.

— Então, você conhece o Jonas que era amigo de Murilo e que também morreu este ano nas mesmas condições. Certo?

— Sim. Nós três formamos na turma de 1975 no colégio internacional do Recife. Foram os melhores anos da minha vida.

— Você conhece Luís Cézar Belarmino?

— Sim. Com certeza, ele também andava com a gente naquele tempo de colégio, não sei que fim levou. Mas era um grande companheiro.

— Ele era meu pai – a notícia faz ela tossir copiosamente. – Ele foi um grande pianista, mas morreu ano retrasado, de câncer.

— Nossa! Meus pêsames. Não foi minha intenção...

— Não se preocupe.

— Eu sabia que ele seria músico. Às vezes Luís levava o violão para o colégio, ficávamos todos impressionados com a habilidade que ele tinha para aquilo.

— Você disse que o meu pai, Luís, andava com vocês na época da escola. Ele também participava dessas maldades que vocês faziam?

— Que maldades?

— Eu sei que vocês não eram boas peças no colégio.

— Queria dizer que não, mas sim, ele participava.

— Por acaso vocês quatro teriam motivos para deixar alguém com muita raiva a ponto de se vingar de vocês?

— Não, muitas pessoas tinham inveja da nossa amizade, mas nunca fizemos nada com ninguém.

A cada palavra, ela dá uma tragada no cigarro. O ar da cozinha já está ficando saturado.

— Colégio bom, de gente que tem dinheiro. Com certeza é fácil arranjar confusão.

— O que você tá querendo insinuar?

— Que pode ter acontecido algo, que só vocês quatro sabem que aconteceu, e que está sendo refletido hoje.

Depois de um longo suspiro ela solta uma informação um tanto valiosa.

— Ok – pausa para uma tragada longa. – Tinha um menino chamado Alexandre, que sempre era chacota da turma, ele e outro que nem lembro o nome. Mas não fazíamos nada demais, só coisa boba de adolescente.

— Alexandre, que se tornou dono das empresas Monte e virou um grande farmacêutico?

— Isso.

— E que tipo de brincadeiras de adolescentes vocês faziam com ele?

— Confesso que éramos muito chatos e que perturbávamos alguns professores.

— Como a professora Jeane?

— Nossa! Como você sabe disso?

— Eu tive uma conversa com ela. Como falei, eu estou indo a fundo para saber o que aconteceu. Então preciso de detalhes do passado.

— A velha ainda está viva – diz ela tragando novamente o cigarro. – Certa vez, na aula de educação física, a professora pediu para nos separarmos em grupos de seis, pois ela iria começar a passar as regras do vôlei. Mas Murilo e Jonas já sabiam jogar, pois treinavam no time oficial do colégio. Eu lembro que Alexandre estava comendo alguma coisa enquanto o jogo rolava. Jonas levantou a bola para Murilo atacar e, com certeza ele fez isso de propósito, atacou a bola na direção de Alexandre, que caiu no chão com a dor e teve de ir ao hospital, pois a sua boca estava cortada.

— E você disse que isso não era nada demais. Parece demais, não?

— Eu sei. Eles eram estúpidos.

— E o que mais vocês aprontavam no colégio?

— Eu levava escondido, às vezes, a carteira de cigarros do meu pai e durante uma aula e outra, quando mudávamos de sala, porque lá no colégio cada professor tinha uma sala específica e decorada de acordo com a matéria em questão, nós gazeávamos a aula para fumar no beco do vento, como costumávamos chamar. – Ela solta um leve sorriso como se a lembrança tivesse trazido à tona uma parcela de saudade de algum momento bom. – A gente chamava assim, porque naquele beco nunca parava de ventar, e caso alguém aparecesse, o cheiro de cigarro não ficaria impregnado no local.

— Você falou que existia outro menino que vocês também judiavam. Será que você consegue lembrar o nome?

— Não. O nome não.

— Mas você sabe como esta pessoa está, se ele se formou em algo, se possui família, empresa ou coisa do tipo, assim como Alexandre?

— Não. Infelizmente não sei...

— Algo me diz que você ainda está escondendo alguma coisa.

Ela baixa a cabeça enquanto eu procuro os seus olhos novamente. Com certeza tem mais alguma coisa que ela quer me contar, mas está em dúvida.

Segundos depois ela começa a dizer.

— Esse garoto que não lembro o nome, era louco por mim, e Murilo tinha muita raiva dele. Ele andava muito com Alexandre, eles eram os esquisitões da turma. Sempre eram negados nos grupos de trabalhos, os últimos a serem escolhidos nos times, nunca eram levados a sério e coisas do tipo. Houve um dia em que ele fez uma carta para mim contando do quanto eu tinha

significado para ele. Uma carta muito bem escrita. Essa carta continha todas as minhas qualidades e me exaltava. – Pausa para uma tragada no cigarro. – Confesso que gostei, aquela carta mexeu comigo. Era uma carta linda. Em anos eu não recebera nenhuma de Murilo.

— Você parece ter ficado balançada pelo rapaz, não? Retribuiu de alguma forma?

— Eu...

— Murilo descobriu isso de alguma forma? Você contou?

— Sim. Ele descobriu.

— E o que aconteceu com o garoto?

— Eu tentei esconder ao máximo de Murilo, mas certo dia ele estava copiando um exercício de geografia do meu caderno e a carta estava lá. Eu me esqueci de guardar quando cheguei em casa. Ele leu e eu tentei deixar pra lá e disse que não era pra ele fazer nada, que aquilo não tinha nada a ver com a gente. Mas Murilo era uma pessoa difícil, se achava o dono do pedaço. Então ele se juntou com Jonas e disse que o menino iria pagar caro. A sorte do garoto foi que na hora em que eles foram atrás dele, o coordenador de disciplina viu tudo e impediu que eles batessem nele. Mas...

— Mas...?

— Desde aquele dia eu comecei a ver o menino com outros olhos.

— Você se apaixonou por ele?

— Eu não diria me apaixonar...

— Então o quê?

— Digamos que ele passou a ter minha atenção.

— Você chegou a ter algo com o garoto?

— Não.

— Eu trouxe uma foto... – começo a mexer na pasta de arquivos que está comigo, a mesma foto que mostrei à professora Jeane – da sua turma de 1975 e gostaria que você me dissesse quem é esse menino.

Aponto para a imagem a fim de mostrar o garoto meio afastado dos demais, a qualidade ruim da fotografia não ajuda, mas se ela se lembrar de algo, vai ajudar bastante.

Indiana pega a foto e começa a olhar a sua turma de setenta e cinco, eu tento disfarçar, mas não posso deixar de notar as lágrimas se formando em seus olhos. Logo se transformam em cachoeiras.

— Onde você conseguiu isso?

— Somos da polícia, vamos atrás do que for preciso para resolver o caso. Isso é o de menos agora, preciso que você veja o garoto e me diga o nome dele.

— Acho que ele é esse aqui – aponta ela demonstrando dificuldade em reconhecer o garoto pela foto envelhecida.

— Sim, eu sei.

— Mas não lembro o nome. Infelizmente, são muitos anos. Muitas lembranças. Eu lembro só dos mais próximos, e alguns outros. Mas esse maldito garoto... — aproxima a foto do rosto — infelizmente não lembro.

Devolve a foto.

A campainha toca e Indiana de súbito fica em pé, apaga o cigarro e passa as mãos no cabelo.

— Bem, detetive Alexandre, agora se o senhor me der licença eu tenho uma visita me esperando.

— Tudo bem — digo levantando-me e apertando a mão dela. — De qualquer forma, irei deixar meu cartão com você, caso se lembre de algo, ou se eu precisar de mais informações, entro em contato novamente, certo?

— Certo.

Ela conduz-me até à porta, no caminho passando de volta pela sala de estar, Indiana tenta esconder as camisinhas que eu já tinha visto anteriormente. A campainha toca mais uma vez. Ao abrir a porta, para minha surpresa, dois homens esperavam ansiosamente do lado de fora. Eles, no mínimo eram adeptos do crossfit, pelo tamanho dos braços.

Eles trocam olhares.

O céu se encontra com tons de laranja e rosa, um lindo crepúsculo num fim de tarde de uma segunda-feira.

Saio e vou direto para o carro, que está encostado na calçada, de frente para a casa.

— Se eu me lembrar de alguma coisa eu entro em contato com você depois. Obrigada pelo cuidado no caso e sinto muito pelo seu pai — diz Indiana, do outro lado da rua calma e silenciosa.

Faço um gesto de positivo com a mão, enquanto um dos homens a coloca nos braços e adentra a casa, fechando a porta atrás de si com um dos pés.

11 DE JANEIRO

Depois de alguns meses de namoro com Stacey eu tenho certeza que ela é a mulher da minha vida. Não sei se ela pensa o mesmo a meu respeito, mas eu já estou pronto para dar um importante passo em nosso relacionamento, mesmo sem avisar e sem saber qual vai ser sua reação.

— Vamos jantar hoje? – digo a ela enquanto passava de um lado para o outro nos corredores do departamento.

— Hoje não posso, estou cheia de coisas para resolver e terei que levar trabalho acumulado para casa.

— Eu garanto a você que não vai se arrepender.

— Mas...

— É rápido! Eu tenho uma surpresa para você.

— Como assim? Droga! – solta baixinho. – Você me deixou curiosa.

— E aí? Vamos?

— Tudo bem – faço um gesto como se tivesse ganhado uma competição. – Mas não vou poder demorar muito, tá?

— Certo. Até mais.

Voltamos para as nossas tarefas.

O dia passa lento e arrastado. Comento com Rodrigo todas as informações que consegui com Indiana, mas não parece surpreso. Ele nunca está surpreso com nada. Acho que é a parte dele que o faz tão profissional e destacado dos demais detetives. E chato também.

— Só isso? – diz num tom debochado, ao ver minhas anotações. Ele está reclinado na cadeira com aquele semblante mórbido de sempre, ódio.

— Como assim, só isso?

— A maioria dessas informações, nós já possuímos.

— Sim. Mas você sabia que as vítimas Murilo e Jonas estudaram juntos com Indiana, esposa de Murilo, que eles eram o trio ternura do colégio e que judiavam de dois garotos? Um era Alexandre, esposo da Sra. Monte, pai do Michael, dono daquele terreno que possui a cabana onde os dois corpos foram achados. O outro é um garoto que até o presente momento ninguém sabe, ninguém viu.

— Como assim, ninguém sabe?

— O garoto simplesmente sumiu do mapa, não consigo descobrir se ele morreu, se está em outro país ou em outro estado.

— Você checkou a listagem de alunos daquele ano?

— Sim. Mas...

— Mas o quê?

— Olhei nome por nome e nenhum é o menino que aparece na foto.

— Como você tem certeza disso?

— Eu chequei no sistema. O garoto sumiu, evaporou da terra. Mediante isso, eu tenho quase certeza que se trata de um plano de vingança. Essa criança cresceu frustrada com alguma coisa que aconteceu e planejou tudo isso.

— Plano de vingança? Onde estamos? Num filme de terror de Hollywood? – diz ele sorrindo.

— Não faz sentido para você?

— Não.

— Quando estava falando com Indiana, tenho certeza que ela escondia alguma coisa. Ela queria me dizer algo que aconteceu, mas não teve coragem. Aqueles adolescentes, juntamente com meu pai fizeram alguma coisa que está vindo como um revés atualmente.

— Seu pai? O que seu pai tem a ver com essa história?

— Sim. Meu pai também estava metido nisso, infelizmente.

— E qual o nome do seu pai mesmo?

— Luís César Belarmino.

— Então... – diz ele endireitando-se na cadeira – você está me dizendo que seu pai, junto com Murilo, Jonas e Indiana tramaram alguma coisa, sabe-se lá Deus o quê, contra um garoto, e que ele está se vingando?

— Não tenho certeza se Indiana está envolvida. Mas ela deve ter sido o motivo da briga.

— Mas ainda assim não faz sentido. Quem guardaria um rancor em longo prazo, a ponto de fazer coisas assim? É uma boa hipótese, mas mesmo assim precisamos investigar mais. Vou pedir que você foque em descobrir quem é esse maldito garoto, onde ele está, onde mora, o que faz da vida. Tudo. Esqueça as outras coisas e foque nisso, estamos sem tempo e o superintendente está em cima de mim pressionando atrás de respostas e não temos nenhuma hipótese concreta.

— Certo. – Dou meia volta e antes de sair da sala ele me chama de novo.

— O que aconteceu no ano novo?

— Como assim, o que aconteceu no ano novo?

— Chegou isso aqui pra você – diz ele jogando um envelope na mesa.

Quando leio o título, vem à memória uma mulher enlouquecida dizendo que iria me reportar por abuso de autoridade, por causa do ataque que eu fiz ao marido dela. Não preciso ler muito, apenas o título já me faz entender o que está acontecendo. “ADVERTÊNCIA”.

— Olha, me desculpa... — digo baixando a folha e olhando diretamente para ele — eu estava nervoso, pensei que um cara que estava lá perto de casa fosse o mesmo que tinha me seguido naquela noite que te contei, mas não era.

— E o que você fez?

— Eu pulei no cara e rendi ele na frente de todo mundo, só aí me toquei que apenas o carro era parecido, a placa não era a mesma e ele estava na frente da casa de algum familiar. Todos ficaram assustados, a esposa dele começou a me xingar e disse que me reportaria.

— E por que você não me disse antes? Você sabe que eu teria como evitar isso aqui, agora não tenho mais. Lembra o que falei sobre o diálogo? Pois bem, não estamos tendo. Preciso que você me deixe sabendo das informações, você não pode sair por aí desbravando tudo, achando que está num filme, isso é vida real. Preciso que você assine aqui — diz apontando para uma linha que continha meu nome. — Por causa disso terei que deixar você um pouco fora das ruas, nada de trabalho externo, para que pensem que estou dando uma prensa em você, então, nas duas próximas semanas, você fica aqui dentro. Certo?

— Mas agora que estamos com uma hipótese e...

— Alexandre! — diz firme e sério cortando meu raciocínio. — Certo?

— Certo — digo engolindo em seco.

— Ok. Pode ir agora. — Sem poder dar uma resposta, mordo a parte interna da bochecha e saio batendo a porta.

Não tenho nem um ano de operação e já começo com uma advertência. Isso é patético.

O restante do dia foi bem monótono dentro do departamento, passei horas em frente ao computador pesquisando, imprimindo, falando no telefone, conseguindo alguns contatos. A maioria das pessoas daquela turma, de classe média alta para cima, se deu bem na vida, quase todos são formados. Eram trinta alunos, só não possuo informações de um deles. Os demais são médicos, advogados, empresários, engenheiros, um farmacêutico, um músico e três arquitetos. Literalmente um orgulho de classe.

Consegui o contato de alguns alunos e falei no telefone com eles, mas não serviu de muita coisa, até conversar com Flávio Saraiva. Atualmente um grande advogado do estado. Um de seus escritórios fica perto da sede da polícia no Recife antigo.

— Será que podemos nos encontrar para que eu possa fazer algumas perguntas rápidas?

— Sim. Mas eu só tenho meia hora, pois preciso ir para uma reunião.

— Tudo bem, não vou tomar muito do seu tempo. Chego em dez minutos no seu escritório.

Saio do escritório sem Rodrigo perceber que vou pegar outro depoimento. É errado, eu sei, mas é necessário. Se ele descobrir estou frito.

O vento se encontra muito forte nesta tarde, parece que um furacão está se formando, o tempo fica meio nublado, vou segurando a gravata até ao local de encontro para não ficar

voando. Quando chego próximo, Flávio já está na porta do escritório me esperando. Um coroa muito bem cuidado, moreno, sem traços de velhice ou descuido, sem aliança, mas no escritório tinha foto com algumas crianças, suponho que sejam seus filhos.

— Eu soube que Murilo e Jonas morreram. Foi uma atrocidade, uma brutalidade sem medida.

— É exatamente por isso que estou aqui. Estou no caso pegando alguns depoimentos e preciso da sua ajuda para descobrir o nome de uma pessoa que estudou com você – digo tirando a foto do bolso –, reconhece esta pessoa na foto?

— Nossa! Quantas lembranças... – pondera ao olhar a foto envelhecida. – Esse é... o garoto que todo mundo tirava sarro da cara dele. Caramba! Esqueci... não lembro bem.

— Você é minha última esperança, preciso desse nome. Já falei com algumas pessoas que estudaram com vocês, mas não...

— Lembrei! – corta meu diálogo.

Meus olhos esbugalham com a ansiedade de saber o seu nome.

— O nome dele era muito estranho.

— Qual era?

— Igodror Libertelmon. Esse era o nome dele.

Anoto na mesma hora.

— Escreve assim? – mostro para ele.

— Bem, não sei como se escreve, mas lembro de que o nome dele era esse, nós costumávamos chamá-lo de “Igozinho”. Os meninos faziam uma roda em torno dele e ficavam empurrando ele de um lado para o outro. Pobre criança, sofreu bastante.

— Você lembra se ele tinha mãe, pai, irmão, alguém que possamos ir atrás também?

— Nesta parte, “infelizmente” não lembro. – Ele põe a mão no bolso do paletó e tira o celular, estende a mão formando o número um e pedindo um minuto.

Demora apenas trinta segundos e eu já sabia que meu tempo tinha acabado.

— Infelizmente terei que ir... – diz Flávio.

— Tudo bem. Vida corrida, eu entendo bem o que é isso. De qualquer forma, obrigado pela ajuda e desculpe o incômodo.

— Não – diz levantando-se e estendendo a mão em cumprimento –, eu que agradeço por ajudar. Pegue esse desgraçado e ponha atrás das grades.

— Farei meu melhor.



Quando chego em casa depois do expediente, tomo banho e saio para encontrar Stacey no

restaurante. Este será um grande dia para nós. Sim, vou pedi-la em casamento, mas ela ainda não sabe.

Stacey chega deslumbrantemente no local, simples, mas radiante. Como de praxe. Acho que ela não faz noção do que espera por ela essa noite, preparei tudo. Daqui vamos lá para casa para terminarmos a noite com estilo.

— Só você mesmo pra me fazer sair de casa em plena semana cheia de coisas pra fazer – diz sentando e apertando minha mão, soltando um leve sorriso. – E pra que esse estilo todo, se é só um simples jantar?

— Eu gosto de me arrumar pra você. E então, como foi seu dia?

— Corrido. Estou investigando um assassinato que aconteceu. Caso difícil e enigmático. Uma família envolvida e muita gente para investigar. E você? Como andam as investigações – diz olhando o cardápio com atenção.

— Consegui umas informações privilegiadas e tenho um nome para ir atrás. Mas vou deixar para outro dia.

— Por quê? Se você já tem um nome deve começar a investigação de imediato.

— Fui impedido por Rodrigo.

— Como assim, impedido?

— Levei uma advertência hoje e Rodrigo me afastou de campo por duas semanas.

— E como que aconteceu isso? Por que você não me contou antes?

— Você se lembra do ano novo? – questiono baixando o olhar.

— A mulher, que você atacou o marido dela na rua, que ela jurou de pés juntos que iria reportar você. Foi ela?

— Exatamente.

Faço um sinal para o garçom trazer o champanhe.

— Agora você tá feliz depois do surto que teve na rua? Espero que tenha aprendido a lição! – o garçom serve o líquido, Stacey simplesmente vira a taça e fica intrigada com o que encontra no fundo.

Os olhos começam a marejar, ela fica em dúvida e não sabe se chora ou ri, as bochechas, que normalmente são brancas, ficam rosadas. Stacey leva as mãos ao rosto em um gesto que dizia sim. Eu me levanto e chego próximo, contratei um violinista para tocar “*Photograph*” do *Ed Sheeran*, enquanto me ajoelho e peço Stacey em casamento. Vários rostos curiosos e esticados em nossa direção, estão na expectativa, assim como eu.

— Então, senhora americana... – digo rindo para ela – você aceita se casar comigo?

— Sim!

Esse é o momento em que coloco o anel em seu dedo e dou um beijo, ouvindo apenas os aplausos e alguns gritos. Ficamos olhando um para o outro. Este momento está sendo mágico, até

meu celular tocar e eu verificar quem está me chamando. O superintendente João Barbalho, o velho barrigudo, está me ligando. Mostro o celular a Stacey que faz sinal para que eu atenda. Vou em direção ao banheiro.

— Alô?

— Alexandre! Aqui é João, olha, preciso que você vá agora para o Real Hospital Português! – diz ele atônito e gritando.

— Por quê? O que aconteceu?

Então veio a informação como uma facada no tendão de Aquiles.

— Rodrigo foi atacado por nosso agressor e está no hospital.

— Quando foi isso?

— Agora pouco, ele estava em casa, alguém entrou e o agrediu. Recebi a ligação dele pedindo socorro. Por favor não demore, ele disse que quer falar com você. Eu também estou indo para lá.

Do corredor onde estava, olho para Stacey, com a expressão assustada, o que faz com que ela venha ao meu encontro.

— O que aconteceu? – ela parece preocupada.

— Rodrigo foi atacado por alguém e querem que eu vá até o hospital.

— Como assim, atacado?

— Alguém entrou na casa dele e o espancou, recebi a ligação do superintendente João. Desculpe meu amor, mas eu preciso ir.

— Eu vou com você.

Pagamos a conta e saímos do restaurante. O caminho é feito em silêncio, há um peso na atmosfera. “Era uma vez um pedido de casamento”. Embora Stacey esteja preocupada, com certeza não foi esse fim de noite que eu planejei com ela e não era desse modo que ela esperava terminar a noite em que foi pedida em casamento. “*Como isso aconteceu? Quem fez isso?*” penso.

Na frente do hospital está um caos. Algum pervertido deve ter acionado a imprensa, pois há repórteres. Eles batem na janela do carro como se nós fôssemos celebridades. João está do lado de dentro, de pé em frente à porta principal do pronto socorro. Ele faz um gesto para nós assim que descemos do carro.

— Desculpem atrapalhar alguma coisa entre vocês, mas isso é muito importante – diz quando chegamos perto dele. – Vamos.

Pelos corredores do hospital só se ouve falar de Rodrigo, os cochichos do que pode ter ocorrido, do quão absurdo soava um detetive do porte dele estar nesta situação, dos absurdos que a mídia predadora está apontando. Entramos no elevador e aguardamos em silêncio até chegarmos no décimo oitavo andar. No fundo do corredor uma vista panorâmica do centro da

cidade, os arranha-céus, as casas e a comunidade da Joana Bezerra, são visíveis. O quarto em que ele está internado é o 1804. Alguns policiais estão de plantão na porta e nos saúdam.

João abre a porta e quando entramos é possível ver um Rodrigo debilitado e machucado. Vivo, graças a Deus. Mas muito machucado. O agressor estava com raiva. A cabeça enfaixada com gaze, a perna esquerda engessada e levemente inclinada para cima. Aparentemente ele encontra-se dormindo. Eu chego próximo e toco em seu braço, mas não há reação, a não ser a respiração que faz seu tórax expandir e comprimir.

— Alguma notícia de como isso aconteceu? – pergunto a João olhando para trás.

— Não – diz ele soltando uma grande quantidade de ar. – Sem vestígios, sem impressões, sem sinal de arrombamento. Nada. Temos uma equipe lá na casa dele cuidando disso tudo, mas de antemão, me informaram que aparentemente não temos provas, mais uma vez.

— Será que isso foi obra do nosso alvo? – pergunto.

— Não tenho certeza, mas o *modus operandi* a princípio segue a mesma linha de abordagem. Esse desgraçado só não conseguiu fazer mais, porque ele lutou contra o agressor.

— Para lutar com Rodrigo deve ser alguém muito forte e preparado, então podemos dizer que seja um homem?

— Não necessariamente. Existem muitas mulheres que podem e têm mais força física que muitos homens, principalmente quando estamos falando de um suspeito desse nível. Pode ser qualquer um.

Ao retornar a visão para Rodrigo, noto que existe alguém na janela, olhando para a cidade. Estava tão imóvel que quase me passava despercebido.

— E a senhora é...? – digo dirigindo a palavra a ela.

Uma mulher velha sai das sombras projetadas pelas cortinas e vem para a luz que reflete sobre Rodrigo, um rosto amargurado e enrugado olha fixamente para mim. Ao andar pelo cômodo era como se deslizasse no chão.

— Eu sou Marta – diz numa voz rouca e incisiva.

— Eu me esqueci de lhe apresentar, Alexandre – diz João chegando próximo –, essa é a senhora Marta, mãe de Rodrigo. Ela não estava em casa na hora que tudo aconteceu, ficou sabendo através da ligação que recebeu do departamento.

— Sinto muito pelo que aconteceu com Rodrigo senhora...

— Não me chame de senhora – corta ela.

— Desculpe. Eu...

— Não me interessa seu pedido de desculpa – a voz rouca e asquerosa vomita palavras rispidamente. – Esse é o preço que se paga por se meter onde não deve. Há anos que digo a esse garoto – dá um tapinha no braço de Rodrigo, como se estivesse brigando com uma criança – que essa profissão não é boa. Olha aí no que deu? Bem feito...

Stacey fica altamente incomodada com a situação, a ponto de quase rebater a velha. Não vale a pena. Com certeza eles devem ter problemas pessoais que não cabe a nenhum de nós intervir. Mas é estranho, um filho, por mais rixa que possa existir em casa, estar hospitalizado, debilitado e a mãe, que deveria ser a pessoa mais preocupada, parecer gostar da situação. Curioso.

— Onde a senhora estava, dona Marta?

— Não é da sua conta, rapazinho.

— Creio que queira ajudar nas investigações, assim como nós.

— Agora eu faço parte de uma investigação?

— Talvez – digo me aproximando dela. – O fato curioso é que a senhora nem sequer está preocupada e muito menos ligando para a saúde do seu filho.

— O que você está querendo insinuar, meu jovem?

— Nada. Apenas acho curioso como...

— Chega! – corta o superintendente João. – Alexandre, me acompanhe aqui fora, por favor. – Saímos, ele fecha a porta devagar, e antes de bloquear a visão, eu posso ver um leve sorriso no rosto da velha, um rosto maligno e perverso, ela esconde alguma coisa. – O que você está fazendo? Enlouqueceu? A senhora Marta está aflita e isso deve ser o mecanismo de defesa dela. Já foi informação demais para você hoje, tire o dia de descanso amanhã. Eu vou pedir para que uma patrulha fique em frente a sua casa, dando cobertura, nunca se sabe o que pode acontecer, o que pudermos prevenir daqui pra frente, será bem-vindo. E quanto ao estado dele, o médico informou que dependendo das condições, amanhã mesmo ele já estará livre para ir pra casa. – Stacey sai do quarto e fica ao meu lado. – Me desculpem se tudo isso atrapalhou os planos de vocês para hoje, mas foi necessário, graças a Deus nada de tão grave ocorreu. Isso na sua mão é o que estou pensando? – diz pegando delicadamente a mão de Stacey e olhando a aliança.

— Sim – responde Stacey com um sorriso nos lábios. – Vamos nos casar em breve.

— Isso é maravilhoso! Aproveitem e me chamem para o casamento – Solta uma gargalhada. – Bem, minha querida tenho muito que fazer hoje. Aproveitem e tenham uma boa noite.

O caminho de volta para casa é tranquilo. Deixo Stacey na casa dela. Desde a saída do hospital até a residência, vou tentando me desculpar pelo ocorrido.

— Você não tem que se desculpar – diz ela pegando meu rosto em suas mãos antes de deixar o carro. – Amei a nossa noite, embora tenha tido esse imprevisto. Não tem porque se desculpar. Graças a Deus Rodrigo está bem. Fico bem mais aliviada, são tantos casos de tragédia que acompanhamos. E quanto a você, procure descansar. – Ela agarra meu rosto e me dá um beijo, aquele beijo.

Stacey sai do carro e entra em casa. Eu vou para o meu lar feliz, mas preocupado.



De longe, na minha rua, já dá para ver os dois policiais que ficariam de guarda naquela noite. Uma viatura estacionada na frente. Embora a vizinhança fosse tranquila, ainda assim estava temeroso. Cumprimento os dois policiais e entro. Lar doce lar. “Rodrigo está no hospital”, penso. Com certeza não conseguiria dormir naquela noite, principalmente agora que não precisaria ir ao escritório, já que o superintendente me dera folga. Após o banho, a primeira e única coisa que penso é ir pesquisar nos arquivos da polícia o nome Igodror Libertelmon. Nunca mais me esqueceria dele, foi tão difícil achá-lo. Após o banho e um leve lanche, abro o *notebook* na minha mesa de trabalho e coloco uma xícara de café forte ao lado, é imprescindível. Começo a pesquisa no próprio sistema da polícia instalado no computador, mas nada encontro. Nas pesquisas do *google*, o nome Igodror achou um perfil no *Facebook*, mas nada que fosse demais, apenas um perfil de alguém que gerencia uma página que faz resenhas de filmes. Uma copiadora com endereço em Atlanta, o endereço de uma agência de modelos em Roma, uma empresa russa e um *site* de *download* ilegal por *torrent*.

Nada. De novo.

O nome Libertelmon, quando pesquisado no *google*, não é satisfatório também. Apenas perfis de pessoas desconhecidas e que não usam o aplicativo há anos, sites russos pornô, endereços da França, Grécia e Itália. Nada que de fato chame a atenção para o caso.

Quando pesquiso os dois nomes juntos, não dá em nada. “*Não foi possível encontrar nenhum documento para a pesquisa*”.

Um barulho no andar de cima tira minha atenção da pesquisa. Algo caíra. Meus olhos olham para o teto e rolam até a entrada que dá para a escada. Franzo o cenho e me levanto afastando a cadeira, produzindo um barulho de móvel arrastando. Pego a arma que está em cima da mesa e, cautelosamente subo a escada. No andar de cima há silêncio. As portas dos três quartos estão fechadas, deduzo que o barulho viera do quarto do meio. Tento abrir a porta vagarosamente, a dobradiça está razoavelmente velha e range. Ao abrir, a cortina que estava aberta em duas partes começa a mexer-se com o vento forte e levemente frio que entra. Eu já estou começando a suar quando, de repente, escuto um novo som vindo de trás da cômoda. Acendo a luz e quando chego perto, apontando a arma, vejo um gato, deve ter entrado pela janela. Na hora, meus músculos relaxam, desengato a arma, respiro fundo e pego nele com cuidado. Coloco de volta na janela e fecho-a. Logo em seguida fecho a cortina, e por último saio do quarto, soltando um suspiro de alívio e com um leve sorriso no canto da boca. “Estou ficando maluco”, penso.

Desço a escada, sento novamente na cadeira, estico a coluna provocando estalos audíveis e

relaxantes de tensão, isso faz com que me afaste do computador. Estou de frente para o corredor principal, que dá de frente para a janela, no final do corredor debaixo. Mas o que me chama a atenção é o fato de se estar a formar uma silhueta pela luz da lua irradiada através da janela. Não é uma árvore ou uma nuvem passando, e sim uma pessoa.

Meu coração acelera. Alguém está me olhando e continua lá imóvel, parado que nem uma estátua, vestido com uma roupa negra como as sombras. Se a intenção era que eu visse, agora aquele ser tinha certeza que eu o tinha visto. Estou tão atônito que não sei o que fazer no momento, o telefone está na minha frente a quase dois metros. Se eu sair correndo e ele estiver com uma arma, já era. O celular está longe, qualquer movimento pode ser fatal neste momento. Mas eu posso pedir socorro pelo computador, no sistema da polícia, posso acionar a viatura que está fazendo a escolta lá fora.

Quando estou prestes a digitar sem tirar a vista da janela, o ser desconhecido começa a abri-la. Meus dedos começam a querer parar de digitar, reflexo do sistema nervoso afetado pelo medo. Eu insisto. Ainda que com dificuldade, continuo no meu pedido de socorro pelo sistema online da polícia. Lágrimas querem brotar dos meus olhos, mas eu forço para engolir o choro, a janela está quase completamente aberta neste momento. Duas mãos cobertas com luvas negras de tecido cintilante tocam no parapeito da janela. “Ele vai entrar”.

É neste momento, que sem pensar duas vezes, eu me levanto tão rápido que tropeço nos fios do carregador do *notebook* e caio no chão. “Falha no carregamento”, “tente novamente mais tarde”, diz na tela. Então eu corro o mais rápido que posso para fora da casa até chegar à viatura da polícia.

— O que está acontecendo? — pergunta um dos policiais apavorado, enquanto bato freneticamente na janela.

As travas são destrancadas e eu entro no carro amedrontado.

— Não interessa! Só dirige! — grito olhando com medo para todos os lados.

— Como assim, não interessa? Estamos aqui para fazer ronda, se aconteceu algo, você deve nos passar.

— Eu estava lá dentro agora e de repente alguém entrou pela minha janela, estava todo de preto e eu fiquei sem ação, saí tropeçando nas coisas dentro de casa e vim correndo pra cá — respondo sem respirar, disparando as informações nos policiais.

— Nós estivemos aqui o tempo inteiro e não vimos nada chegar próximo a sua casa.

— Mas eu juro que tem alguém lá dentro.

— E nós juramos que ninguém perturbou o senhor até o momento. Por conta disso, vou me certificar de que ninguém está dentro da sua casa, detetive Berlarmino — diz o policial que está no carona abrindo a porta e se levantando antes que eu pudesse impedi-lo —, vai durar só um minuto.

— Desculpe detetive – diz o que ficou comigo dentro do carro. – Estamos preparados para tudo, não podemos fazer um pedido de reforço, se não tivermos certeza que nada ocorreu.

— Alguém aparece na minha janela, eu saio que nem louco correndo pra fora de casa e você ainda quer se certificar antes de chamar reforço?

— Tudo o que fizemos aqui será reportado. Como meu parceiro disse, não vamos fazer alarde, se algo de verdade não aconteceu.

O jeito é aguardar. Os dez minutos mais longos da minha vida, o silêncio que sucedeu após o diálogo me deixa mais nervoso. De repente, no beco ao lado da casa, próximo a uma enorme árvore, sai o policial com a lanterna na mão. O semblante tranquilo.

— Não tem nada dentro da sua casa – diz ele quando chega próximo. – A janela está fechada, as portas trancadas, nada fora do lugar, a não ser o seu computador que está espatifado no chão. – Ele abre a porta traseira e faz um sinal para que eu saia. – Sei que passou por um dia cheio, mas você precisa descansar, estamos aqui fora, não vamos deixar nada entrar. Agora preciso que você volte para sua casa.

— Mas eu juro que tinha alguém lá...

— Olha, se você quiser ligar para o superintendente, fica à vontade, mas, por favor, não diga que nós não estamos fazendo o trabalho que nos foi designado. Certo?

Espero alguns segundos e noto que aquilo tudo realmente não fazia sentido, devia ter sido algo da minha cabeça. A casa deve estar intacta, conforme ele acabou de mencionar. Saio do carro, fecho a porta e agradeço aos policiais.

— Me desculpem. O dia foi puxado hoje.

— Não se preocupe, entendemos completamente.

Simplesmente dou meia volta e entro em casa. Silêncio. Tudo no devido lugar, o policial se deu ao trabalho de pôr o *notebook* em cima da mesa, ajeitar os fios, ele até fechou a porta do banheiro que estava entreaberta e desligou a TV.

Após um novo banho e uma checagem ferrenha na casa consegui dormir. Mesmo assim acordei três vezes naquela madrugada.

RODRIGO MONTIBELLER

DETETIVE CIVIL

12 DE JANEIRO

A intensidade das luzes incomodam meus olhos, tento forçar, mas forçar a vista para se adequar à claridade dói. Um grunhido sai das minhas cordas vocais, pareço anestesiado. Não consigo sentir uma das minhas pernas, estou apavorado demais para saber qual. Aos poucos, meus olhos vão se abrindo, a visão está embaçada, mas consigo visualizar uma silhueta parecida com a que me atacou. Foi a última coisa que vi antes de ser atingido a ponto de desmaiar. Minhas mãos apertam com força o lençol, estou numa cama, tem alguma coisa no meu braço. Ao virar a cabeça levemente para o lado, vejo uma bolsa de soro fisiológico conectada a mim.

Está de dia, não sei a hora, nem como vim parar aqui. Sei que estou no quarto de um hospital, mas debilitado demais para pedir ajuda. A silhueta move-se em minha direção, não tenho o que fazer, a não ser esperar a morte, provavelmente vai colocar alguma substância letal no soro para que eu morra lentamente.

Aquela pessoa é silenciosa, se aproxima como se estivesse flutuando sobre o chão. O meu coração acelera, minhas mãos estão suando, tenho vontade de gritar, porém estou dopado demais para o fazer. Espero apenas a morte, peço que ela seja silenciosa e rápida. Fragmentos de toda a minha vida passam na minha mente. Os casos que saíram nos jornais do país inteiro, os assassinos que mataram e foram presos por várias das minha investigações, o dia em que passei a ser detetive.

Uma mão úmida e fria passa em minha testa e minha visão volta ao normal. O rosto se aproxima do meu e dá-me um beijo na testa. Marta. Mãe. Ela continua olhando para mim, com os olhos fixos nos meus e solta um sorriso. Um desagradável sorriso. Aos poucos a sensação de alívio toma conta dos meus músculos e da minha mente. Dos males, ter Marta ao meu lado neste momento, é o menor.

— Dorme, meu bebê – fala ela baixinho ao meu ouvido.

Tento falar, mas não consigo e adormeço novamente.



Acordo de tarde, às três e quinze. O quarto está vazio. Minha mãe não se encontra mais lá e milagrosamente eu me sinto melhor. A visão já não está mais tão prejudicada, nem tenho mais aquela sonolência mortal. Faço um esforço para me levantar, estou com aquela típica bata hospitalar, ridícula, a qual cobre apenas a parte da frente do meu corpo. Sinto o gelo do ar condicionado entrando em contato com as minhas costas e bunda. Quase que arranco a agulha

que está ligada ao meu braço fornecendo soro, está coçando. Não tenho tempo para ficar em hospital. “*Preciso sair daqui*”, penso.

Ao chegar próximo da janela, mancando, ainda que com dificuldade por conta do gesso na perna, um pequeno espelho reflete um Rodrigo machucado e feio. O nariz com vários arranhões. Quando baixo a gola da bata, vejo pequenos cortes na região peitoral. Tenho um corte na mão direita que está enfaixada. Um risco de sangue é visível na palma da minha mão. Tento tocar em várias partes do corpo, mas não consigo.

Da altura em que me encontro creio estar entre os andares dezesseis e dezoito. Muito alto. Deu tempo apenas de chegar à janela e pensar nesta informação até Alexandre entrar no quarto e ver minha nudez traseira, sem tempo hábil para que eu escondesse.

— Eita! – diz ele fechando a porta e cobrindo o rosto.

— Não se preocupe, não tem nada no meu corpo que seja diferente do seu.

— Você está melhor?

— Tentando me recuperar – digo voltando para a cama. Alexandre prontamente vem até ao meu lado e me ajuda a chegar mais rápido. – Obrigado. – Sento na cama com dificuldade, Alexandre senta ao meu lado e fica olhando para meu rosto. Olho para ele também. – O que foi?

— Como isso aconteceu?

— Eu não sei. Eu simplesmente cheguei em casa ontem depois do expediente, e fui terminar uns relatórios, eram umas oito e meia da noite, quando eu ouvi um barulho. Estava sozinho em casa, minha mãe tinha ido à casa de alguém, não sei quem, nem lembro se ela me disse algo a respeito. Só lembro que ouvi esse barulho e fui verificar o que era, não encontrei nada a não ser a janela do banheiro uivando com a corrente de ar passando. Depois disso, recordo-me que preparei um lanche e voltei minha atenção para o trabalho, mas aí... – respiro fundo tentando puxar as lembranças da noite passada – foi rápido demais. De repente eu vi uma pessoa toda de preto, uma roupa cintilante, como de sadomasoquismo. Não deu tempo de fazer algo. Quando percebi já estava em cima de mim. Lutamos. Sei que intacto, aquele miserável não ficou. Tentei pegar tudo que estava ao meu alcance, mas o miserável leva jeito em artes macias, fui golpeado pelo menos umas três vezes, até que na última eu caí no chão sem fôlego. Só deu tempo de discar o número da polícia. Ele deixou-me fazer isso, ficou me observando enquanto me arrastava com o celular na mão, agonizando. Quando comecei a falar, ele deu um chute no telefone, pegou meu braço e fez isso.

Mostro a Alexandre o corte que está de ponta a ponta no meu antebraço.

— Ontem eu pedi Stacey em casamento.

— Que notícia boa! – digo tentando melhorar a situação.

— Estávamos no meio do nosso jantar quando soubemos do que tinha acontecido e viemos voando para cá.

— Me perdoe por...

— Não seja idiota, meu caro Rodrigo. Nada de desculpas, o que aconteceu com você é uma prova de que alguém está nos perseguindo.

— Como assim, nos perseguindo?

Olho para o chão e endireito a coluna que deu um leve estalo, antes de responder.

— Depois que vim aqui para o hospital ontem à noite, o superintendente João enviou uma viatura com dois policiais para ficar de ronda na frente da minha casa. E eu tenho certeza que a mesma pessoa que te atacou, me visitou ontem.

Eu faço que não com a cabeça, não acredito que estamos sendo chacota de um maníaco imbecil.

— Mas ele fez alguma coisa com você também?

— Não.

— Então o que aconteceu?

— Quando você contou o que aconteceu com você, eu tive um *déjà-vu*, porque foi bem semelhante comigo.

Faço um sinal para que ele continue a história.

— Eu também estava trabalhando em um documento do escritório. Consegui um nome para pesquisar no sistema da polícia, mas enquanto o fazia, ouvi um barulho. Fui verificar o que era e logicamente não encontrei nada. Na verdade, era só um gato que tinha entrado pela janela de um dos quartos lá de casa. Quando voltei minha atenção ao trabalho, percebi uma pessoa como a que você acabou de descrever, na janela do andar inferior. Ele abriu a janela e quase entrou, mas eu saí correndo e informei os policiais, que me obrigaram a ficar na viatura enquanto um deles foi lá fazer uma varredura. Logicamente não encontrou nada. A casa, os móveis e a própria janela estavam intactos.

— Você contou isso a alguém mais?

— Não. A primeira pessoa é você.

— E por que você não está lá no escritório hoje?

— Esqueci de contar que depois disso que aconteceu com você, o superintendente me deu o dia de hoje de folga.

— Descobriu algo mais do caso?

— Ontem eu tive contato com um homem chamado Flávio, que estudou com as duas vítimas na turma de setenta e cinco, e consegui o nome daquele menino da foto que era bulinado todos os dias.

— E qual o nome do garoto?

— Igodror Libertelmon.

— Nome estranho.

— Pois é. Também acho.

— Não conseguiu encontrar nada a respeito dele?

— Nada. O menino é um fantasma, sumiu do mapa. É como se nunca existisse.

— Nem no sistema da polícia?

— Nem no sistema da polícia.

— Preciso sair daqui o quanto antes. O médico disse que provavelmente amanhã de manhã já poderei ir embora.

— Deve ser um martírio pra você ficar aqui dentro.

— Estou quase trocando de roupa e saindo escondido quando você for embora.

— Não seria uma má ideia – diz ele meio triste. – Estou precisando da sua ajuda pra ontem. Do jeito que as coisas estão indo, provavelmente o superintendente João, vai passar o caso para outros detetives. – Ele vira-se em minha direção ficando frente a frente comigo e frisa bem a frase seguinte. – E eu não vou suportar ver esse caso nas mãos de outras pessoas sem poder fazer nada, só vou descansar quando esse ser miserável e desprezível estiver atrás das grades.

Marta entra no quarto no exato momento em que Alexandre conclui a frase dele.

— Estou atrapalhando algo? – diz clinicamente.

— Não – responde Alexandre levantando-se e olhando para ela. – Já estou de saída, só vim conferir como está o quadro do detetive. – Vira-se para mim e completa o raciocínio – Melhor logo, estou contando os dias da sua volta.

— Pode deixar – digo sem ânimo. Alexandre sai do quarto, enquanto isso Marta dá um jeito nas cortinas, senta-se na poltrona em frente da cama e começa a ler uma revista, não sem antes seus olhos me fitarem. Desvio o olhar e deito-me. Respiro fundo tentando afastar da mente a informação do meu afastamento do caso. Me viro para o lado esquerdo da cama e forço o sono a vir, mesmo estando totalmente alerta.

Durante a recuperação sou obrigado a conviver com a proximidade de Marta todos os dias. O jeito que ela me olha, o modo como me serve, parece ser um peso em suas costas. Sempre tenho a sensação de que, todas as vezes que ela me leva para o banheiro no andar de cima, na cadeira de rodas, ela irá me jogar escada abaixo e depois chamará a polícia e dirá que foi um acidente. Ou então quando ela prepara uma comida e fica me encarando, segurando a faca na mão. São dias difíceis. Dias de medo e desconfiança.

“— Deixe-me ajudá-lo a tirar a roupa... – disse ela certa vez quando fui tomar banho e não consegui me despir sozinho.

— Não precisa!

— Claro que precisa – falou tirando minha calça, mesmo eu lutando contra, não tive escolha a não ser deixar. – Não precisa ter vergonha de mim. Não tem nada que eu já não tenha

visto em você. – Tirou minha cueca e contemplou minha nudez, meus pelos estavam grandes, mas ela não aparentou ligar.

— Agora, você pode me deixar só?

— Posso. Mas antes disso... – Ela colocou as mãos na minha virilha e escorregou os dedos por meus pelos até chegar no meu testículo, como se estivesse à procura de algo.

— O que você está fazendo? – falei, mas não impedi.

As pontas dos dedos indicador e médio dela tocaram na minha cicatriz. Alguns segundos se passaram e ela permaneceu ali acariciando as cascas da ferida.

— Pensei que você tinha parado com isso.

— E parei. Cicatrizes ficam para o resto da vida. Tudo o que fazemos aqui causa um impacto positivo ou negativo na vida de alguém.

— E o que você quer dizer com isso, querido? Que eu causei um impacto negativo na sua vida?

— Você nunca me quis, Marta. Eu sempre fui um peso para você, como você acha que eu me senti todos esses anos sendo rejeitado? A única pessoa que eu amava na vida era o papai.

Os olhos negros estavam fixos nos meus, aos poucos, a expressão dela foi mudando e transparecendo raiva. Eu deveria atirá-la para longe, mas não tinha força nem coragem para isso. As carícias foram se tornando cada vez mais intensas, a ponto das cascas da ferida se soltarem da pele e sair sangue. Um grito saiu da minha garganta e com as pontas dos dedos melada de sangue ela deu um tapa na minha cara. Um estalo seco e alto ecoou no banheiro. Olhei para ela com a respiração ofegante. Lágrimas começaram a rolar dos meus olhos.

— Agora você pode tomar banho – disse ela se afastando e segurando a maçaneta da porta. – Você está fedendo e sujo”.

Desde então começamos a nos evitar mais, como se fôssemos duas raças de seres distintos, onde cada um é a caça do outro. Muitas vezes fico me questionando como as pessoas reagiriam se soubessem que Rodrigo Montibeller, aquele homem viril e másculo da polícia, respeitado dentro e fora do estado, tem uma relação bizarra com sua mãe e se masturba todos os dias. Seria um choque para a sociedade. Ainda bem que o que acontece na sua intimidade fica para você.

A mobilidade reduzida não permite retornar as minhas atividades de imediato. Alexandre me atualiza acerca de tudo o que aconteceu. Ele está se empenhando, estou literalmente orgulhoso do garoto. Mas não digo nada, meu lado egocêntrico é maior que eu.

26 DE JANEIRO

Passaram-se duas semanas até eu tirar a droga do gesso da perna e voltar a ter mobilidade normal. Não aguentava mais ficar com Marta em casa, enchendo meu saco e falando o quão insignificante eu sou para ela. É engraçado, porque quando estamos na ativa nada parece acontecer, mas quando ficamos alguns dias parados, tudo acontece. Muita coisa mudou enquanto recuperava do ocorrido. João do laboratório está namorando, Michele do arquivo se divorciou, duas salas se transformaram em uma grande sala de arquivo morto.

Quando chego no escritório há um bolo em cima da minha mesa e algumas cartas. Nada de festas nem coisas que chamem a atenção, as pessoas sabem que detesto isso. A última carta enviada é de Verônica, me desejando uma excelente recuperação.

— Surpresa! – diz ela entrando na minha sala de repente e me dando um susto.

— Não faça mais isso!

— Desculpe, senhor Montibeller, não foi minha intenção.

— Obrigado pelas felicitações.

— Por nada. Você merece – diz ela se aproximando. – Acho que foi bastante difícil para você ficar longe daqui.

— Sim. Foram dias cruéis.

— Como foi sua recuperação?

— Tranquila – digo mentindo, lembrando da minha mãe com a mão no meio das minhas pernas –, devagar, mas tranquila. Ainda dói em alguns lugares, mas o médico disse que é normal até voltar aos cem por cento.

— Eu não via a hora de você voltar, já estava com saudade de entregar os arquivos a você.

— Agora você não precisa mais sentir saudade, estou de volta – a porta abre e um Alexandre contente e feliz entra. Ao nos ver próximos, hesita. – Entra! Verônica já está de saída – digo olhando para ela e soltando um sorriso forçado.

— Sempre que precisar, pode me chamar – diz ela saindo da sala e fechando a porta.

— Interrompi algo?

— Não seja idiota, garoto!

— Se eu não te conhecesse, eu diria que ela está a fim de te pegar.

— Ok. Não tenho tempo para suas bobagens. O que você está fazendo aqui? Não deveria estar atarefado? Ou vai passar o dia inteiro enchendo meu saco?

— O que a intimidade não faz, né? – diz ele se aproximando de mim com um envelope na mão. Na verdade, não é um envelope, e sim o convite do casamento. – Quando cheguei aqui

existia respeito, agora só me resta aguentar a sua chatice.

— Eu quem o diga.

— Eu vim aqui para entregar pessoalmente o seu convite. — Ele me entrega o envelope.

— Meus parabéns — digo me levantando e puxando-o para um abraço, encosto minha barba, que estava crescendo, no pescoço dele, e ele me devolve o abraço. — Espero que você seja muito feliz, e que esse casamento seja para acrescentar muita coisa boa em sua vida. Com certeza estarei lá. — Nos soltamos.

— Por favor, só deixa esse seu humor chato em casa pra não estragar a minha festa.

— Vou pensar no seu caso.

Gargalhamos antes dele sair e me deixar só de novo. Faz tanto tempo que não rio desse jeito, não me lembro quando foi a última vez. Estou cada vez mais gostando dele. Tem algo nele que me faz ser paternal. É como se eu não quisesse que nada de mal aconteça com ele.



ALEXANDRE BELARMINO

DETETIVE CIVIL JÚNIOR

05 DE FEVEREIRO
PRECISAMOS FALAR SOBRE O KEVIN

Depois de muita pesquisa e material reunido, continuo com dúvidas sobre o que estávamos procurando. “Quem é essa pessoa? Que perfil ela tem? Como podemos estar um passo à frente dele ou dela?”, esses questionamentos ecoam em minha mente sempre que paro para pensar no assunto. Mediante isso, peço a José Chaves que me explique um pouco mais sobre o perfil dessas pessoas e como lidar com as mesmas.

Marcamos às onze da manhã no escritório. Finalmente as viaturas na frente da minha casa e na de Rodrigo, foram liberadas. Agora não tenho mais a sensação de estar em liberdade condicional, sendo escoltado para todos os cantos.

No começo ele foi relutante, pois em plena véspera de feriado estávamos lá para, assim digamos, uma aula particular. Ele preparara um material em slide no *power point*, e alguns textos impressos. Muito fácil para ele arranjar esse material já que é professor da Universidade Federal.

— Quero começar dizendo que essa não é uma área que domino – diz ele entrando na sala e ligando o retroprojeter –, mas tenho um pouco de conhecimento que posso compartilhar.

— Tudo bem professor José, em você eu confio.

— Primeiramente, vamos começar com o conceito de sociopatia. – O retroprojeter mostra alguns textos de conceitos de vários pensadores e pesquisadores da área, eu tiro meu bloco de notas da fina pasta que estou carregando e me preparo para anotar os pontos importantes. – Nada mais é do que um indivíduo que tem transtorno de personalidade antissocial, os psiquiatras e psicólogos os chamam pela sigla TPAS. Para alguns casos, não todos, os sintomas podem acontecer na infância, mas como muita gente é leiga no assunto não consegue definir alguns comportamentos estranhos. Os psiquiatras conseguem de fato diagnosticar na adolescência e em fase adulta.

— E como essas pessoas se apresentam perante a sociedade? – pergunto involuntariamente enquanto escrevo e sem olhar para ele.

— É exatamente neste ponto que vou chegar agora. – Passa o slide. – Normalmente, pessoas diagnosticadas com sociopatia costumam mentir e fazem as pessoas acreditarem nas mentiras, infringirem leis sem pensar nas consequências e agirem impulsivamente sem pensar na sua própria segurança e na segurança dos outros. À medida que a idade avança e a lentidão de raciocínio se aproxima, pode acontecer desses sintomas e dessas respostas diminuir.

Rodrigo entra na sala.

— Desculpem o atraso, estava terminando um relatório. Podem continuar. — Senta-se e tira do bolso um bloco de notas e uma caneta.

— E quanto à psicopatia? Qual a diferença? — pergunto.

— Bem, a linha que divide essas duas personalidades é bastante tênue e delicada. Ambos são transtornos graves e que, quando diagnosticados, precisam de acompanhamento. Para os adultos só há resultado quando a pessoa quer melhorar e contribuir para o tratamento. — Ele mexe no computador, trazendo alguns tópicos sobre o tema. — A principal diferença entre eles, com certeza, é que os psicopatas não têm consciência. Eles não pensam que aquilo vai fazer mal, ou que vai doer. Em sociologia existe um sujeito chamado Durkheim que nos ensina sobre o fato social, no qual nos diz que aprendemos através da pressão que a sociedade faz em nós, principalmente coisas básicas. O famoso pode e não pode. É como se esses seres burlassem isso. Não existe essa pressão social neles, eles agem impulsivamente. Diferente dos sociopatas que falei anteriormente, e que ainda assim podem fazer laços de amizade e demonstrar, ainda que relutantemente, alguns sentimentos, os psicopatas podem ser extremamente manipuladores e calculistas, conseguem disfarçar suas emoções com tamanha maestria, de forma a organizar seu comportamento e deixar de lado a espontaneidade. Sendo assim, os sociopatas são mais “normais” — diz ele fazendo o sinal das aspas.

— Agora, deixem-me mostrar esta imagem para vocês — são dois cérebros humanos, parece ser uma imagem extraída de uma tomografia, ou algum tipo de eletroencefalograma. — Na imagem da direita é um cérebro normal e na da esquerda é um cérebro de um psicopata. Vocês conseguem me dizer alguma diferença entre os dois?

— Por que o cérebro do psicopata está apagado na parte da frente? — pergunta Rodrigo.

— Boa pergunta! É exatamente esse o ponto chave das imagens. Mostrar a diferença de ambas. Como vocês podem ver nesta tomografia, o córtex pré-frontal, ou seja, a parte da frente do cérebro em pessoas normais é totalmente funcional — ele aponta para a imagem, o cérebro normal está todo colorido em tons de verde, amarelo e vermelho —, esta parte do nosso cérebro é responsável por coisas como tomada de decisões, expressão de personalidade e comportamento social. Entretanto, no cérebro do psicopata percebam que nesta parte da frente não há tanta atividade cerebral, ou nenhuma atividade cerebral para essas funções. Mediante isso, podemos concluir que as pessoas normais, quando expostas a perigo, medo, ansiedade, violência e situações de risco, podem ter respostas do tipo aceleração cardíaca para melhor oxigenação, sudorese nas mãos, dilatação de pupila para melhorar o foco. Os psicopatas são totalmente o inverso disso, por isso eles mantêm a calma em situações de risco e conseguem pensar no que fazer. Sendo assim, podemos dizer que a psicopatia é um agravante da sociopatia, então todos os psicopatas são sociopatas, mas os sociopatas podem não ser psicopatas — diz ele fechando a tampa do retroprojeto e acendendo as luzes. — Obrigado pelo tempo de vocês.

— Nós que agradecemos, José — diz Rodrigo apertando firme a mão dele.

— Bem, espero ter ajudado vocês a entender toda essa loucura. Mas agora eu preciso ir, pois vou aproveitar o feriado com minha esposa.

Ele sai da sala após organizar e deixar tudo como estava. Apago as luzes, me despeço de Rodrigo e saio do escritório. Meio-dia de sexta-feira, pré-carnaval, e todo o escritório já está vazio. Detesto o carnaval, mas gosto do feriado prolongado. Prometi para mim que tiraria esse carnaval para estudar o assunto.

A volta para casa transcorre tranquila, tirando as inúmeras vezes que tenho que cortar caminho, porque as ruas estão interditadas ou passando algum bloco carnavalesco. Esse é o momento em que a população brasileira se vende, mais que o normal. Os animais do congresso em Brasília devoram as leis, passam por cima das regras e aprovam o que eles querem, enquanto a população está de olhos vendados aproveitando as festas municipais superfaturadas. Mendigos, classe C e classe média, todos se tornam uma única classe para algo sem propósito com uma educação baixa e rala.

O galo da madrugada está em plena ponte Duarte Coelho esperando a multidão que o cercará no dia seguinte. São mais de dez metros de uma construção que surgiu em meados dos anos setenta. Nunca fui contra a história, e o legado que este bloco carrega, afinal, faz parte da minha cultura como pernambucano, mas já imagino os números das estatísticas aumentando em termos de pessoas infectadas com AIDS, estupro, roubo, assassinato, violência e tudo o que não presta. Reflexo de uma população com pouca educação, que faz do lixo a rua e da desonestidade, mérito. Reflexo de um governo corrupto e totalmente desprezível.

Chego em casa. Finalmente.

08 DE FEVEREIRO

LOUCA OBSESSÃO

Após um Sábado e Domingo maravilhosos na companhia de Stacey, eu prometi que hoje iria focar nas minhas pesquisas. Preciso levantar alguns perfis de pessoas que já foram notícia nacional para comparar com as informações passadas por José na semana passada.

Graças a Deus a internet ajuda bastante. Mais precisamente o *google*. “O que seria de nós sem nosso amigo *google*?”

Primeiramente confiro as informações anotadas de traços de psicopatia e sociopatia, além da forma como essas pessoas agem perante a sociedade. Incrível como estamos rodeados de pessoas com esses perfis e nem sequer sabemos disso. Estatisticamente, 1% da população mundial tem traços de psicopatia, mas a grande maioria não é um “Jason Voorhees da vida”, mas causa danos onde quer que passe.

Continuando a navegação na internet, vejo os mais famosos casos de psicopatas do Brasil. Cada um mais bizarro que o outro.

Na década de sessenta, um caso muito famoso aconteceu, ficou denominado de “o bandido da luz vermelha”. João Acácio Pereira da Costa entrava na casa das pessoas para roubar, e como provavelmente encontrava resistência, alguns desses roubos terminaram em morte. Estuprou dezenas de mulheres. Ao todo foram quatro mortes e setenta e sete assaltos. Dizem que ele praticava necrofilia. Ou seja, o estupro só ocorria após o falecimento. Ele morava em Santos e foram longos seis anos até a prisão dele ocorrer. Foi indiciado por roubo, estupro e assassinato, sendo condenado a trinta anos de prisão.

Outro caso mais recente foi o de Lindemberg Alv de 22 anos, que ficou conhecido como o maior caso de cárcere privado até o ano de 2008. Eloá Cristina Pereira Pimentel tinha 15 anos e acabou o namoro com Lindemberg. Enfurecido e não concordando, ele entrou no apartamento onde a garota e seus amigos faziam um trabalho da escola. Dois dos amigos foram liberados, ficando apenas a vítima e uma amiga. Após mais de 100 horas de cárcere os policiais arrombaram a porta, pois alguém dissera ter ouvido tiros vindos de lá de dentro. Eloá levou um tiro na cabeça e outro na virilha, enquanto sua amiga levou um de raspão no rosto. Lembro como se fosse ontem. O Brasil assistiu essa trama ao vivo durante um dia inteiro.

Descendo mais a página, deparo-me com o caso Marcos Kitano. Ele era um grande empresário brasileiro que conheceu uma prostitua, Elize Araújo Kitano, por quem se apaixonou, mas depois de casado, começou a sair com outras prostitutas, ela com ciúmes, foi até um advogado saber o que poderia ser feito para se separar dele, e para ele pagar algo a ela. O

advogado em questão disse que ela não teria direito a nada por ter sido prostituta. Após uma longa discussão, Elize teria atirado em Marcos com uma pistola 380, esquartejado o corpo com um facão de 30 cm e saíra do prédio como se nada tivesse acontecido, com três malas. Numa delas estaria o corpo. Os restos mortais foram achados em Cotia, São Paulo. Ela foi indiciada por homicídio, esquartejamento e ocultação de cadáver.

Mais adiante, vejo o caso de Daniela Perez, filha da novelista Glória Perez na década de 90. Guilherme de Pádua era um ator e fazia parte do elenco regular de uma das novelas da autora, mas ele ficou com inveja e raiva pela personagem de Daniela começar a fazer mais sucesso e ter mais notoriedade. Tentando se vingar da autora da novela, Glória Perez, ele e sua esposa que estava grávida, premeditaram um dos casos que parou o Brasil. Eles teriam interceptado o carro de Daniela e socado ela a ponto de desmaiar. A levaram para um local afastado, estrangularam e lhe deram mais de dez tesouradas. Ele foi indiciado por assassinato e cumpriu apenas sete anos de prisão. Um absurdo.

Vários outros casos aconteceram neste Brasil onde a justiça é simbolizada com uma venda nos olhos. O casal Nardoni, que jogou uma criança do sexto andar do apartamento, a “fera da penha”, nome como ficou conhecida Neyde Maria Maia Lopes, por matar uma criança de quatro anos, nos anos 50. O goleiro Bruno do Flamengo, por ter matado uma mulher junto com um amigo.

Tragédia. Morte. *O que levou essas pessoas a fazerem isso? Será que elas pensavam que não seriam descobertas?* O perfil deles era muito semelhante. Sempre acontecia algo que trazia à tona essa psicopatia embutida. É como se estivesse ali, pronta para sair, mas era guardada a sete chaves. Todos eles envolviam sentimentos reversos como vingança, ódio, rancor, possessão, ciúmes, traição e intolerância.

E por fim, há o caso mais chocante, no meu ponto de vista, que é o da Suzane Von Richthofen. A família Von Richthofen é uma família aristocrata e rica. Tudo começou no final de 1999 quando ela conheceu Daniel Cravinho e logo depois tiveram um relacionamento. Os pais, desde o início, foram contra a proximidade dos dois. Em três anos, o que era um amor adolescente virou uma louca obsessão. Chegou ao ponto deles não se separarem e só fazerem algo, se um estivesse próximo do outro. Brigas familiares foram ficando cada vez mais frequentes, algumas ameaças feitas. Definitivamente o pai dela proibiu-a de namorar com ele. Suzane planejou a morte e tudo o que iriam fazer com seus pais. O plano inicial era matarem os pais para dividirem a herança, ela, o namorado e o cunhado. Mas graças a Deus deu tudo errado e eles foram condenados a trinta e nove anos de prisão para ela e o namorado, e trinta e oito para o cunhado.

09 DE FEVEREIRO

NÃO DESLIGUE O TELEFONE

O dia vira e o relógio no canto inferior do *notebook* aponta para a meia-noite. Não parece ter passado tantas horas. Faço um movimento preciso para estalar a coluna que soltou um barulho alto, enquanto as vértebras voltam para o lugar correto.

Mando uma mensagem para Rodrigo com algumas informações.

“Vai dormir, crianças já deveriam estar dormindo”, responde brincando.

Troco algumas mensagens com Stacey que tinha acabado de chegar a São Luiz, no Maranhão. Foi passar parte do feriado lá. Continuo conversando com eles intercaladamente. Antes de ir tomar banho para ir dormir logo em seguida, checo todas as portas e janelas da casa, para ter certeza que está tudo seguro. Tudo trancado. Levo para o banheiro o som portátil da JBL e coloco música para relaxar. Uma das melhores partes de morar em casa é que o som pode estar alto sempre que você quiser, sem ter que se preocupar em baixar o volume.

A música escolhida por mim começa a tocar, “Animals” dos *Maroon Five*, coloco no último volume. Encho a banheira e fico lá relaxando enquanto curto o som da música. “*baby, i’m preying on you tonight, hunt you down, eat you alive, just like animals*”. De alguma forma a letra desta música, juntamente com o clipe não fogem da realidade. *Adam Levine* interpreta um cara que ficou obcecado por uma mulher. Esta vai ao frigorífico onde ele trabalha, isso é o suficiente para que ele crie um mundo em sua cabeça no qual ele pensa que ela deve ser apenas dele e de mais ninguém. É muito insano pensar nisso e saber que existem pessoas assim. “*You’re like a drug that’s killing me, I cut you out entirely*”. A canção me traz à memória exatamente o caso que estamos enfrentando. Um psicopata matou duas pessoas e continua livre, brincando, caçando por aí. Não sabemos o que ele está aprontando, nem por onde anda. Não temos respostas.

A canção continua ecoando e fico lá cantando como se estivesse no clipe. Eu era o *Adam*, parecia que tinha uma câmera em minha frente me filmando e eu estava atuando. Idiota, eu sei. Mas é tão legal fazer essas idiotices às vezes. Estava chegando à melhor parte da música quando escuto o barulho do telefone residencial sem fio tocando lá embaixo. Levanto, mesmo estando molhado, e dou pausa na música. Silêncio total. Porém, antes de volta a dar play, o telefone toca de novo. “*Quem tá me ligando uma hora dessas?*”

Enrolo a toalha na cintura fazendo uma saia estilo um kilt escocês. Saio do banheiro deixando a luz acesa e pegadas por onde passo. Desço as escadas e tiro o telefone do gancho.

— Alô? — um ruído do outro lado da linha, mas sem nenhum som de voz. — Alô? — digo enfatizando a última sílaba.

Desligo. Coloco o telefone no gancho e subo em direção ao banheiro de novo. Tiro a toalha da cintura. Estou quase fechando a porta quando o telefone toca novamente. Isso me faz gerar uma careta de raiva. Sem toalha, desço do jeito que estou e tiro o telefone sem fio do gancho, com raiva, pois já havia descido por causa do seu toque e estava a ficar farto daquela situação tão estranha.

— Alô? – digo sem paciência.

— Alô, Alexandre. – Uma voz robotizada igual a do ghostface fala pausadamente.

Eu não sabia o que pensar, então gargalho na hora.

— O que é isso? O ghostface agora está na vida real? – lembro que Stacey já me fizera uma partida. – Stacey, você não sabe nem passar um trote. Só falta você me perguntar qual é o meu filme de terror favorito – digo soltando um sorriso.

— Você acha que é um trote?

— Com certeza! Stacey, isso é ridículo.

— Quem é Stacey?

— Já que você gosta de brincar de ghostface, deveria saber de todas as informações antes de ligar para a vítima.

— É a sua futura esposa?

— Hum. Nada mal, mas isso todo mundo já sabe – digo andando pela sala e conferindo as portas e janelas. – Tem que ser mais criativo para assustar as pessoas. Hoje em dia ninguém mais cai nessa.

— Então vamos jogar um jogo para apimentar. Eu prometo que se você acertar as perguntas nada vai acontecer com você.

— Stacey, para. Isso é muito ridículo. Eu não quero jogar nada, estou me preparando para ir dormir.

— Por que você fala tanto de Stacey já que ela está em São Luís?

— Lógico que você sabe que ela está em São Luís, você é ela.

— Se você tem tanta certeza que é Stacey quem está falando, por que você está conferindo as portas e janelas?

Meus ouvidos se abrem, meu coração bate mais forte. Não é Stacey?

— Eu não estou conferindo nada. Essa brincadeira já está tirando minha paciência.

Desligo o telefone e subo a escada. Ao entrar no banheiro confiro a rua olhando por trás da cortina em uma janela pequena, onde observo que começa a chover com força. A rua está tranquila, a iluminação das casas acesa, um carro passando, água escorrendo pelas canaletas. Pego meu celular que está na bancada do banheiro junto ao som portátil, abro o *whatsapp* e mando uma mensagem para Stacey.

“Muito engraçada a sua brincadeira, onde você arranhou esse aplicativo que muda a voz?”

Dois minutos depois ela responde.

“Mudar a voz? Aplicativo? Do que você está falando?”

“Não se finja de boba...”

“Eu estou numa balada com minha prima neste exato momento”

Ela manda uma foto fazendo bico com um drinque na mão, junto com sua prima e algumas outras amigas. Não foi ela.

“Certo. Depois falo contigo”

Bloqueio o celular e sento na beirada da banheira. O telefone toca novamente. Levanto e vou atender.

— Alô?

— Desculpe decepcioná-lo.

— Olha aqui – digo levantando a voz –, você não me conhece, não sabe onde eu moro, nem sabe com quem está falando, se você...

— Alexandre Belarmino, detetive da polícia civil, o seu endereço é na Rua Jader Andrade, número 1006, você é um dos responsáveis pela investigação na qual eu sou o personagem principal.

— Seu filho da mãe! Você é um covarde! – grito ofegante tentando enxugar ao máximo o suor que começa a escorrer na testa. – Por que não deixa desses joguinhos e aparece?

— Seu pedido é uma ordem!

Na mesma hora a janela que se encontra atrás de mim é quebrada. Corro para a cozinha e abaixo-me perto da bancada. Estico o braço para cima até conseguir pegar uma das facas que há no faqueiro. Minha arma e celular estão no quarto e no banheiro, respectivamente. O telefone solta um chiado e eu encosto-o de novo no ouvido.

— Vai ser muito fácil pegar você já que você está nu.

— A polícia está a caminho, seu desgraçado! – falo razoavelmente baixo. – Nós vamos pegar você!

— Como você chama a polícia sem energia?

— O quê?

A casa escurece. Toda a rede elétrica foi cortada. O telefone fica mudo. Internet, luz e telefone sem funcionar. A única solução seria o celular. Tenho que ir lá no banheiro pegá-lo. Como me encontro totalmente nu, a chance de me ferir é maior. Esse escroto premeditou tudo. Olho de relance pela janela próxima e vejo que a vizinhança está com energia normal. Apenas meu contador foi desligado. Desgraçado.

Preciso me vestir. Cautelosamente, olhando para todos os lados, com os sentidos apurados, de tal forma que conseguia ouvir até minha respiração, vou engatinhando com a faca na mão. A única luz próxima é a tela do *notebook*, que está aberto na mesa onde eu fazia minhas pesquisas.

Subo as escadas como se fosse um gato, totalmente em silêncio. O piso de madeira na parte de cima, não deixa que eu continue minha caminhada em silêncio. Então, para não fazer muito barulho, encosto as costas na parede e vou tateando até achar a porta do banheiro. Tudo intacto, inclusive o celular que continua em cima da bancada. Sem demora, pego o celular e desbloqueio-o. Cinco chamadas de Stacey. Na mesma hora, recebo uma chamada de um número desconhecido. Atendo antes do segundo bipe.

— Alô? – digo ofegante.

— Estou sentindo o seu medo daqui – fala a mesma voz robotizada.

— Isso não tem graça! – fecho a porta do banheiro.

— Vamos lá, Alexandre! – diz sarcasticamente. – Entre na brincadeira, você está tendo a oportunidade de ser o protagonista do seu próprio filme. Imagine que depois disso tudo, você vai ser o grande herói na mídia.

— Eu não me importo com isso, meu único desejo neste momento é pegar você. Desgraçado!

— Você terá esta oportunidade, se conseguir escapar. Você disse que a polícia estava a caminho e até agora ninguém chegou, Alexandre. Você está mentindo? – um tiro pela culatra. – Coisas ruins acontecem para quem mente.

— Coisas ruins acontecem para pessoas como você! Seu merda!

— Não é uma boa ideia tentar brigar comigo no telefone Alexandre, afinal eu que estou no comando agora. Se você ligar ou mandar uma mensagem para alguém, saiba que as consequências serão terríveis. Você precisa vestir algo, vai deixar muito trabalho para a perícia quando entrar aqui.

Não ouço mais nada, o cretino desligara.

O meu quarto fica duas portas para a esquerda. Preciso ir lá. Enrolo a toalha na cintura novamente e saio tateando a parede. A luz do celular ajuda a enxergar as coisas. Quando abro a porta do quarto tomo um susto. A mesma pessoa que vi outro dia na janela está em pé na minha frente. Eu tento correr, mas sou arremessado na parede antes de poder reagir. Ele vem para cima de mim, me dá um soco no rosto e outro na barriga. A faca cai da minha mão e desliza pelo piso de madeira até chegar próximo da escada. O jeito é entrar na briga ou morrer ali.

Ao retomar o equilíbrio, devolvo os socos que levei e dou um chute nele que o faz cair de frente para o piso, para que não se levante. Agarro-o por trás e forço o pescoço num mata leão.

— Você vai morrer, seu desgraçado! – digo gritando enquanto lhe aperto o pescoço. Ele está vestido com aquela roupa ridícula de couro preta, uma dessas roupas escrotas de sadomasoquismo.

Enquanto continuo a pressionar o seu pescoço, o assassino consegue se desvencilhar dos movimentos, e com uma mini faca que estava na mão, atinge o meu abdômen. Uma dor

insuportável rompe minha pele e me fura. Chuto o rosto dele, o fazendo cair para o lado e soltar um grunhido.

Com muito esforço levanto-me e coloco a mão no ferimento, tentando parar o sangramento que estava emanando do corte. Gotas de sangue caíam no chão. Acho que algum órgão fora atingido.

Minha mente começa a vagar e traz-me lembranças, como se eu estivesse me despedindo, pego a faca que tinha caído próximo da escada e desço cambaleando. Preciso de ajuda, preciso ir para o hospital, preciso chamar por socorro. O primeiro número da discagem rápida é o de Rodrigo. Sem pensar duas vezes ligo para ele, enquanto ouço os passos do agressor. Ele se levantara.

Primeiro bipe.

— Atende, por favor – digo baixinho, quase inaudível. Segundo bipe, Vou direto para a porta da frente. Terceiro bipe, ela encontra-se trancada. Viro para sair pela porta dos fundos, quando acontece o quarto bipe.

— Alô? – Rodrigo atende com uma voz grogue.

— Preciso. De. Ajuda – falo pausadamente.

— O quê? Alexandre?

— Estou sendo atacado, chama alguém do escritório. Invadiram a minha casa...

— Como assim?! Vou chamar reforços, estou indo para aí agora! Por favor, não faça nada estúpido, aguenta firme.

— Vem logo. Estou esperando.

Estou quase chegando do lado de fora quando o telefone toca novamente com o número confidencial.

— O que você quer?! – grito.

— Detetive Alexandre? – diz uma voz feminina. Demoro meio segundo para me lembrar de quem é.

— Indiana? É você? – chego na porta de vidro do fundo da casa.

— Desculpe incomodar essa hora, mas desde que você veio aqui eu tenho algo para revelar.

— Olha, agora não é o melhor momento para conversar. Preciso que você ligue para...

— Faz dias que não consigo dormir por causa disso – diz ela me cortando enquanto abro a porta, o ar frio da chuva bate na minha pele causando um pouco de frio. – Naquela noite nós fizemos uma atrocidade.

— Nós? Que noite? Não estou entendendo. Ligue para...

— Todos os dias eu me lembro daquilo com se...

Nocaute. A dor se espalha por minha coluna, o golpe acertara em cheio a minha nuca.

Fatal. Caio de joelhos e o celular cai da minha mão. O assassino passa do meu lado e pega o telefone, vai lá para fora e liga o contador. A casa se ilumina novamente. Ele volta, fecha a porta e me arrasta pelos pés até à sala. A minha visão se torna turva e enegrecida, meus olhos veem vários pontos brilhosos. Meu ouvido apita. Uma lágrima escorre pela lateral do meu olho esquerdo.

Ao chegar na sala, o agressor solta meus pés, que batem no chão com força por causa do peso da perna. Ele sobe a escada e desce com o som portátil pendurado no pescoço, pela alça. A música tinha parado exatamente na parte da ponte, entre o penúltimo refrão e o último, quando o pausei. Ele dá play e *Adam Levine* continua cantando. “*Just like animals, animals, animals. Ah wooh! Baby, I’m preying on you tonight, hunt you down, eat you alive, just like animals, animals, like animals*”. Ele se aproxima e tira do bolso um líquido e uma seringa. “*Maybe you think that you can hide, I can smell your scent from miles, just like animals, animals, like animals*”.

Sinto uma agulha entrar na minha veia periférica, o líquido entra e, em menos de dez segundos, apago.

RODRIGO MONTIBELLER

DETETIVE CIVIL

09 DE FEVEREIRO

Estou deitado quando o telefone toca e um Alexandre sem ânimo e com medo diz que está sendo atacado. O primeiro movimento que faço é pular da cama e sair correndo para o carro, enquanto visto um samba calção e uma camiseta da banda *Imagine Dragons*. Como nossos bairros são próximos, chego a casa dele em menos de quinze minutos. O restante da polícia chega logo em seguida.

Saio correndo do carro, após estacioná-lo, a chuva forte castigava qualquer pessoa que estivesse na rua, só dá tempo de pegar minha arma. Entro na casa com passos largos e o piso liso faz-me escorregar e cair no chão. Silêncio.

A luz de um dos cômodos se encontra acesa na parte de cima, uma ventania vem da parte de trás. O *notebook* de Alexandre está em cima da bancada principal com o título de uma notícia em aberto, “*os dez maiores casos de Psicopatia no Brasil*”. Olho ao redor, tudo parece estar em seu devido lugar, exceto o telefone celular, que se encontra jogado no chão.

Subo a escada, e sorrateiramente com a arma apurmada, entro no banheiro. Nada. Gotas de água estão espalhadas pelo corredor, elas me levam em direção à escada. Observando com os olhos estreitos percebo que há um rastro no corredor que vem da cozinha, engato a arma e sigo com o coração acelerado. Depois de observar atentamente noto que o rastro, na verdade é água, e que provavelmente alguém foi arrastado da cozinha até à sala.

Um barulho do lado de fora chama minha atenção, aponto a arma e em alguns segundos meus olhos esbugalham. Um homem está vindo em minha direção.

— Parado! Polícia! – grito na frívola esperança de detê-lo.

— Rodrigo? – pergunta o homem continuando na minha direção, fico parado até o conseguir reconhecer.

É o superintendente João. Baixo a arma e me seguro na ponta da mesa, tentando recuperar minha oxigenação.

— Que diabos você está fazendo aqui?

— Eu que pergunto o que você está fazendo aqui – digo ofegante.

— Assim que recebi o chamado vim para cá, eu e um esquadrão – diz ele virando-se para a escuridão do quintal –, pessoal, podem entrar! Vocês já sabem o que fazer. – Cinco homens saem da escuridão e adentram a casa com cautela. – Você viu alguma coisa aqui dentro?

— Não, nada suspeito.

— Por que você não me avisou assim que soube?

— Como iria avisar, se meu parceiro me liga na calada da noite desesperado porque invadiram a casa dele e correndo o risco de sei lá o quê.

— Precisamos ser cautelosos. Se os vizinhos desconfiarem, vão chamar a imprensa.

— Cautelosos, uma ova! Precisamos achar Alexandre o quanto antes. Ele sumiu, João – digo desmotivado – e nós nem sequer temos um culpado.

— Vamos manter a calma. O que mais precisamos nesse momento é calma.

Vamos para a frente da casa, onde uma grande equipe da polícia já está pronta e pegando todo o material proveitoso para análise. A faixa amarela em frente, as marcas em locais que continham sangue, os sacos transparentes com fluidos, fios de cabelo, alguns curiosos do lado de fora e uma série de coisas que foram removidas da casa de Alexandre. Toda essa informação me lembra que estamos enfrentando tudo de novo, e agora mais perto do que nunca.

O vômito vem de repente, não o consigo conter. João fica ao meu lado ajudando a me recompor.

— Superintendente! – grita um dos agentes vindo em nossa direção. – Encontramos isso aqui – diz mostrando um pedaço de papel.

— Uma mensagem.

“Bem-vindo ao jogo”

Para Sr. Montibeller

ALEXANDRE BELARMINO

DETETIVE CIVIL JÚNIOR

09 DE FEVEREIRO
O SEQUESTRO

Minha mente está rodando. A única coisa que consigo sentir é uma dor insuportável na região lombar. Tento mexer uma mão, mas não consigo, pois percebo que estou com as mãos amarradas atrás, e os meus braços estão dormentes. Continua doendo, pareço ter levado uma surra. “*Onde estou?*”, *penso*. Estou jogado no que parece ser uma mala de um carro, mas consigo esticar minhas pernas, deve ser alguma van ou o baú de algum caminhão. Algumas tentativas de toque nas laterais com as pernas me fazem ter a certeza de que estou num baú de um caminhão.

Meus olhos estão vendados, minha boca tapada com fita, estou com algum tipo de máscara e minha respiração continua ofegante. Estou nu. Sinto o movimento do veículo sobre a estrada. Quem quer que seja, está dirigindo e me levando para algum lugar distante. Tento me mexer, mas a posição em que estou e com os braços amarrados, deixa qualquer movimento impossível.

A pessoa que está dirigindo ouve alguma música, mas não consigo definir qual é. O carro começa uma leve desaceleração até parar totalmente. A porta do motorista abre rangendo e logo em seguida é fechada brutalmente. O barulho de passos andando ao redor do veículo deixa-me apreensivo, fazendo minha respiração ficar mais ofegante. A adrenalina na corrente sanguínea me faz conseguir ficar de pé e tatear o local, mesmo com toda dificuldade. Os músculos contraem, a narina expande o tamanho e as orelhas ficam atentas. Medo.

A porta traseira do caminhão abre, e sem pensar duas vezes, saio correndo desequilibrado, sem nem saber onde estou nem para onde vou. A minha intenção é gritar por socorro, mas não consigo, por mais que tente. Subitamente, sou atingido com algum pedaço de madeira ou bastão no abdômen. Caio em posição fetal. Não tenho como colocar as mãos em volta da barriga para tentar aliviar a dor, então a única saída é ficar ali me contorcendo, até que a dor passe. Sou arrastado pelos braços, tendo que esticar o abdômen, o que me causa mais dor. O piso não é de concreto, parece ser um local descampado, pois as minhas pernas oscilam, ao serem arrastadas, entre grama e terra. O único som que se ouve é a minha tentativa de dar gritos que saem abafados da minha boca.

A pessoa que está me arrastando, joga-me novamente no baú do caminhão. Pega um punhado de cabelo e puxa com força, meu pescoço faz um movimento para o lado, sinto apenas a picada na artéria e apago mais uma vez.



Meus movimentos começam a voltar aos poucos, como se estivesse numa sala pós-operatória. A cabeça ainda dói, principalmente no lado esquerdo. Uma dor latejante quase insuportável. Ainda estou vendado e com as fitas na boca, mas o mais curioso é que não estou mais em um caminhão. Fico parado, imóvel, como se não tivesse acordado ainda. Não tem barulho, não tem nenhuma música distante, não tem movimentação, está tudo em silêncio. O local não fede, mas também não exala nenhum aroma bom. A iluminação parece ser artificial, pois não há calor.

Demora alguns segundos para eu descobrir que minhas mãos não estão mais amarradas atrás. Cada uma das minhas mãos está amarrada com algum tipo de corrente. Estou deitado em decúbito dorsal no chão levemente frio e úmido. Se meus braços subissem mais alguns graus eu estaria fazendo o sinal da cruz. *“Será que essa gente grava tudo para colocar na deep web? Onde estou? Como posso sair daqui? O que vou fazer agora?”*, os questionamentos comem meu cérebro deixando-me cada vez mais nervoso. Gotas de suor brotam na testa, nas axilas e na virilha. É então que percebo que ainda me encontro parcialmente nu. Essas pessoas são espertas, com certeza já sabem que acordei, não sei o que estão esperando para virem aqui. Começo a passar a mão no meu corpo, na verdade estou vestido com um *jockstrap*, um tipo de cueca desenvolvida há pelo menos uns cento e cinquenta anos para desportistas, mas que hoje em dia é fetiche para homens e mulheres. Apenas a parte da genitália é coberta. Composta por um cóis que normalmente é feito de elástico deixando toda a nádega à mostra.

Tateando o local ajoelhado, próximo ao final da corrente do meu braço direito, há um vaso sanitário, e ao lado, um colchonete sujo com uma mistura de suor, urina, chulé e sebo. Aquele colchonete foi usado várias vezes por várias pessoas. A sensação de enjoo faz com que queira vomitar. Sem hesitar, removo a fita da boca e tateio até chegar no vaso e expelir o que restava em meu estômago.

RODRIGO MONTIBELLER

DETETIVE CIVIL

10 DE FEVEREIRO
PRIMEIRO DIA SUMIDO

A mídia começa a perseguir-nos. Já está sendo anunciado em quase todos os sites pernambucanos de notícias, o desaparecimento de Alexandre. O escritório tem estado constantemente a receber ligações de jornais e revistas querendo cobrir o caso, nada além de sensacionalismo e chance de se promoverem em cima da dor dos outros. Stacey está apavorada, por ordem do superintendente, foi afastada das atividades até que se descubra algo. A mãe de Alexandre veio pessoalmente falar comigo me implorando para achá-lo.

— Faremos nosso melhor. — É a única frase que tem em meu estoque no momento, fazendo força o suficiente para não deixar minhas emoções e condolências serem notadas através dos meus olhos.

A mãe de Alexandre teve que ser tirada à força do escritório.

— Eu quero meu filho de volta! — gritava ela enquanto os guardas a seguravam.

Não iria demorar muito para que se tornasse um caso de cunho nacional, como tantos outros.

— Senhor? — diz um agente que eu nunca tinha visto no escritório, abrindo a porta da minha sala e colocando apenas a cabeça para dentro. — A equipe designada para a cabana onde Jonas e Murilo foram achados, não conseguiu encontrar absolutamente nada. Não há rastros, nem movimentação por lá nesses últimos dias.

O jovem fecha a porta enquanto eu respiro fundo observando o escritório e lembrando o quão produtivo era Alexandre e quanta alegria, de certa forma ele trazia para este ambiente. A mesa dele vazia, os papéis de anotação, as pastas e cadernos inseparáveis, me fazem sentir falta dele. Sem poder controlar, lágrimas começam a rolar dos meus olhos. O superintendente João entra na sala subitamente, acompanhado por José do laboratório e Adriano, um detetive muito competente, de pele negra, mas com os olhos azuis parecendo lentes de contato, não dando tempo de enxugar as minhas lágrimas. Pela primeira vez na vida, em todos esses anos de polícia, alguém do departamento me vê chorando. A reação deles a esse feito é de condolência.

— Vamos pegar esse desgraçado — diz José tentando melhorar o clima.

— É só o que sabemos dizer, mas na verdade não sabemos nem por onde começar. Ele pode estar em qualquer lugar, sendo exposto a qualquer coisa, sabe Deus o que pode estar acontecendo com ele.

— Rodrigo — diz o superintendente —, o foco da nossa conversa neste momento não é isso.

— E o que é então?

— Infelizmente terei que passar o caso para outro detetive – diz friamente.

— O quê? Pra quem? Pra ele? – digo apontando para Adriano, que me fitava com os olhos azuis, parecendo um Husky Siberiano.

— Você está envolvido demais nisso.

— Lógico! É meu dever estar envolvido.

— Sabemos que a intenção desse maníaco não é simplesmente sumir com Alexandre, ele quer te atingir. Não posso deixar que isso aconteça de novo e principalmente com você.

— E a solução para o problema vai ser essa? Afastar-me do caso?

— Não será a cem por cento, você pode continuar na investigação, mas de longe e com cautela. O detetive Adriano será encaminhado para o caso, juntamente com seu ajudante que é o detetive Júnior Lúcio. Preciso que você passe tudo para eles ainda hoje. Não vamos mais perder tempo com isso. Quero Alexandre de volta o quanto antes. Coloquei uma equipe especializada em ciber crimes que está navegando na *deep web* tentando ver se acha alguma coisa. – Faz um movimento para sair da sala, mas volta para trás. – Antes que eu me esqueça, o especialista José tem algo para lhe dizer.

— Fizemos os testes laboratoriais nas amostras que pegamos ontem na casa de Alexandre e é tudo dele. Os fios de cabelo, as digitais, os espirros de sangue, tudo. Nada que foi coletado aponta para outra pessoa.

Bato fortemente na mesa, com raiva. Os dois indivíduos na sala se assustam.

— Olha... – começa Adriano calmamente – eu entendo a sua frustração, mas não leve isso como algo ruim. Estamos aqui para ajudar da melhor forma possível. É uma grande honra poder estar aqui com você. Mas para que tenhamos êxito, precisamos da sua colaboração e ajuda.

— Não me venha com esse discurso de bom moço. Eu sei o que tenho que fazer. Chame logo o Lúcio para eu passar tudo o que aconteceu até agora.



No final do dia eu estou acabado e sem paciência para nada. Passo todas as informações para Lúcio e Adriano. Acalmo Stacey e a mãe de Alexandre dizendo que tudo ficará bem, mas nem eu mesmo acredito nesta sentença. Tudo agora é incerto. A sensação de estar num show de ventríloquos onde estávamos todos à mercê de um psicopata em potencial, me deixa estarecido.

Sou proibido de sair de casa a não ser para ir ao escritório. Uma enorme escolta policial está na frente da minha casa. A mídia começara a publicar a notícia e mentiras sobre o ocorrido. Marta reclama de hora em hora por paz e silêncio. O único momento de paz que existe, é no banheiro. Toda esta situação diminui minha libido, a masturbação constante ficou para segundo plano. Não estou com excitação suficiente para tal ato. “Levaram Alexandre e eu não consigo

fazer nada”, esse é o único pensamento que está martelando em minha mente.

A única certeza que eu tenho é que naquela noite eu não conseguiria dormir. Mas precisava descansar, afastar para longe toda essa loucura. Deito na cama e fecho os olhos.

ALEXANDRE BELARMINO

DETETIVE CIVIL JÚNIOR

11 DE FEVEREIRO
SEGUNDO DIA SUMIDO

A fome e fraqueza já me começam a afetar. Passaram-se horas e ninguém apareceu. Nenhum barulho, a não ser o tilintar das correntes no chão, devido às minhas tentativas de rastejar de um lado para outro. Preciso de comida. A minha reserva de energia já foi consumida, meu corpo a essa altura já deve ter transformado várias proteínas em gordura, para me alimentar da melhor forma possível. A sensação de fome oscila. Uma leve dor de cabeça começa a tomar conta do lóbulo frontal do meu crânio. Todo esse tempo que estou aqui, só agora que minha pele começa a transpirar, com uma sensação de calor, da nuca descendo pela espinha dorsal, até se transformar em micro gotículas na testa, nos braços, pernas e axilas.

Um barulho me deixa nervoso e atento. Tem alguém aqui.

Embora não consiga tirar a venda que tapa meus olhos, consigo sentir que o barulho vem da minha direita, um barulho de chaves, um estalo de porta destrancando, um rangido de porta abrindo.

— Socorro! – grito o mais alto que posso.

Começo a espernear, a me debater, chutar o ar como se fosse uma parede. De nada adianta. A porta fecha e passos ecoam pelo aposento. Pela atitude tranquila deste ser à minha frente, percebo que não adianta gritar, é inútil.

— Por favor! O que é que você quer? O que eu te fiz, para você fazer isso comigo? As pessoas estão me procurando e logo vão encontrar você, seu desgraçado!

O desespero começa a tomar conta de mim. Já não estou mais conseguindo manter o controle. As correntes amarradas em meus pulsos começam a arder, pois pequenos cortes foram abertos. O suor começa a ficar mais intenso. Eu consigo sentir meu peito todo molhado, derramando o mesmo pela barriga.

Uma pequena corrente de ar umidifica o local, mas ainda assim é insuficiente para o medo e nervosismo que eu estou enfrentando. Não dá conta de secar todo o suor.

Alguns segundos se passam e finalmente penso estar só. Mas na verdade, num movimento muito rápido e preciso, uma mão agarra minha perna esquerda, suspende-a e amarra em algum lugar, pois ela fica para cima e imóvel. Tento gritar e espernear, mas é inútil, eu não consigo mais movê-la. Todas as minhas forças se dirigem para tentar tirar minha perna daquela posição tão incômoda. Em outro movimento rápido, ele pega minha outra perna e amarra-a também, ficando suspensa, de modo que agora as duas pernas estão para cima, as costas eretas no chão e

os braços amarrados em forma de T.

— Alguém me ajuda!

A venda é removida dos meus olhos. Minha visão está embaçada, enegrecida. Vários pontinhos coloridos aparecem na minha frente. Li num artigo científico, certa vez, que isso é a falta de oxigenação nas células oculares, até elas se adaptarem e voltarem ao normal. Minha cabeça gira e fico com uma tontura que nunca experimentara antes.

Aos poucos posso contemplar o local. É um cubículo de mais ou menos cinco metros quadrados. O piso é de concreto, as paredes são cinza. Há uma luz artificial fluorescente bem no centro da sala que não tem poder suficiente para iluminar todos os detalhes daquele local. Isso com certeza é proposital para dar um ar mais sombrio. Não há janelas nem brechas. Pelo modo como as paredes são, suponho que seja um local subterrâneo, as paredes de concreto denunciam isso, o teto é forrado com espuma acústica, exatamente como nos estúdios de gravação, a fim de abafar o som. Não há câmeras espalhadas, então suponho que nada está sendo gravado, a não ser se estiverem todas camufladas, porém há caixas de som nas duas quinas do teto. Ninguém me ouvirá. Uma pequena mesa de plástico quase passa despercebida em minha observação inicial. No meu tornozelo há uma tornozeleira de metal com algumas argolas. Olho ao redor e vejo que há argolas iguais, espalhadas em lugares estratégicos. Minhas pernas começam a formigar, tento mais uma vez puxá-las para baixo, mas não consigo. Duas correntes de metal que estão pregadas no teto são as responsáveis por manter minhas pernas em sustentação, então percebo que essas argolas estão dispostas não por acaso, mas para que a vítima fique imóvel em posições sexuais. Minhas costas começam a grudar no piso e sinto que o meu couro cabeludo já está totalmente encharcado.

Passo tempo demais observando o local e não presto atenção na pessoa que está ali, me observando em pé, como uma estátua. Vestindo aquela roupa preta cintilante, uma máscara preta e sombria cobre o seu rosto, não dá para distinguir se é homem ou mulher. A roupa, embora seja de couro ou algum material próximo, é folgada demais a ponto de não revelar a silhueta. A única parte que é visível é a boca.

O agressor encaminha-se até uma mesa de plástico. Na hora da agonia, não percebi que ele tinha entrado com uma bandeja de metal, onde há uma banana, uma maçã e dois pedaços de chocolate, além de um copo com água. A intenção é manter minha taxa de glicose normal, deduzo.

— Você vai fazer o quê? — pergunto enquanto ele se vira e ajeita algo na mesa. — Vai me estuprar, assim como você fez com Murilo e Jonas? — ele vira-se e vem em minha direção, com a bandeja na mão. — Você não tem que fazer isso, me deixe ajudar você.

Abaixa ao meu lado, e como se fosse um dono dando comida ao seu cachorro, ele descasca a banana e coloca na minha boca. Estou com medo, mas não há como negar, estou há mais de

dez horas sem nada no estômago. Como a banana, em seguida a maçã, por último os dois pedaços de chocolate e bebo a água. O alívio da fome é instantâneo. Olho profundamente para a máscara, antes dele se levantar novamente.

— Por favor! Me tira daqui, eu posso te ajudar. — Fica dez segundos me olhando, alisa o meu cabelo e dá-me um beijo na testa.

Aquele psicopata volta a atenção para a mesa, junta o pequeno lixo e sai, deixando a porta aberta.

— Socorro! — grito a ponto de sentir uma dor na garganta. — Socorro! Socorro! Por favor! Alguém me ajuda!

Ele volta com uma nova bandeja, com uma expressão tranquila, como se ninguém tivesse gritado ou pedido socorro. Fecha a porta. Põe a bandeja em cima da mesa de modo que fica de costas para mim de novo. Está preparando algo. Assobia como se estivesse colocando expectativa naquilo que iria fazer.

Meu coração pulsa mais forte e eu passo a ficar com dispneia. O susto é muito grande, não sei o que pensar ou como agir, na verdade não tenho como agir, não tenho como sair daqui, vai acontecer e eu só poderei ficar calado e sentir.

Ele vira-se para mim, com um consolo sexual amarrado em sua cintura e tudo fica em *slow motion*, parece que o mundo perdeu a noção do tempo e espaço. Eu grito e tento me mexer, mas não consigo. Um sorriso malicioso sai daquele ser. Falta pouco mais de um metro para ele chegar perto de mim, então ele se abaixa e vem engatinhando e colocando a língua para fora, insinuando sexo oral. Nojo e repulsa me consomem, de tal forma que me vem a vontade de vomitar. Ele aproxima-se, minhas pernas abertas, meu ânus à mostra. Como estou amarrado e não consigo mexer as pernas, tudo é favorável para ele.

Ele possui uma luva azul em cada mão, passa o que me parece ser um gel lubrificante, nos dedos e alisa meu ânus. As lágrimas começam a rolar. Um choro como se fosse uma criança, sai da minha garganta. Mesmo assim ele não para, quanto mais choro, mais ele continua a me violar. Um dedo entra. Lembranças começam a vir à tona: minha mãe me levando para a escola, meu pai e eu pescando quando tinha doze anos, meu primeiro beijo com minha melhor amiga na casa dela quando fomos fazer um trabalho. Dois dedos entram. A minha primeira briga na vida, a decepção de ser um aluno tão bom no colégio e tirar menos da média na primeira nota da faculdade. Os dedos saem de dentro de mim. Ele começa a se debruçar por cima do meu corpo e ajeitar o pênis de borracha para me penetrar.

— Não! Por favor... — grito numa mistura de choro, pavor e medo.

Foram sete longas tentativas até me conseguir penetrar por completo. Dói muito. Na mente tudo desmorona. Minha primeira vez, meu primeiro beijo, meu primeiro emprego, minha aprovação na faculdade, a felicidade de entrar para a polícia, o amor que sinto por Stacey, meu

pai sorrindo, as festas de fim de ano, meus amigos de infância, as viagens, o intercâmbio inesquecível para o Canadá, a oportunidade de trabalhar com Rodrigo. Parece que cada memória dessa é apagada cada vez que aquele objeto entra em meu corpo.

Estou com a sensação de que todas as minhas conquistas foram por água abaixo. Como se estivesse numa casa pegando fogo sem poder sair. Ser violado é a pior sensação que jamais pensei viver.

Longos vinte minutos ininterruptos de estupro brutal. Quanto mais eu choro e imploro por socorro, mais força ele faz. Então percebo que eu tinha que deixar. As lágrimas rolam cada vez mais, mas aquele agressor parece não se cansar. Ele para abruptamente, tirando o membro de dentro de mim e olhando minuciosamente meu ânus. Mais lágrimas.

Levantando-se e se dirigindo para a mesa, posso ver que sangue banha o consolo, ele pega um pequeno espelho e coloca perto de mim, de forma que dá para ver o reflexo do ânus. Está dilacerado. O agressor solta minhas pernas das correntes, que caem no chão como se fosse um peso de mil quilos, minhas pernas estão absolutamente dormentes e formigando. Não sinto dor na queda por causa disso. Afrouxa as correntes do meu braço, de forma que agora eu posso me mexer e ficar sentado de lado, pelo menos.

Ele recolhe as coisas na bandeja e sai do aposento. Me encosto na parede e fico ali chorando e sentindo-me sujo e humilhado. O suor começa a feder, preciso de um banho.

Enquanto estou encostado na parede tentando me recompor, meus dedos tateiam meu ânus cuidadosamente, uma dor e ardência estão me consumindo. As pontas dos dedos voltam para minha visão com sangue. Na verdade, sangue escorre pelas minhas nádegas e pernas. Engatinho e encosto-me ao vaso sanitário. Tento me acalmar e afastar para longe as cenas de minutos atrás. Um cansaço de repente toma conta dos meus músculos, sono, olhos se fechando. Apago.

RODRIGO MONTIBELLER

DETETIVE CIVIL

13 DE FEVEREIRO
TERCEIRO DIA SUMIDO

As horas passam lentamente, como se eu estivesse sempre em câmera lenta. Pensar que Alexandre estaria sofrendo qualquer tipo de agressão me deixa paranoico. Stacey também foi afastada até o encontrarmos. Olhando de fora da minha janela observo a viatura lá na rua, parada, sem fazer nada. Se o maníaco seguir a maldita linha de raciocínio dos outros sequestros, Alexandre estará morto em quatro dias.

Só quando estamos do outro lado, no lado familiar é que percebemos o quanto a polícia é lenta e falha.

Olho para a mesa do meu quarto e vejo o convite de casamento que Alexandre me dera há três dias com tamanha alegria. Abro o envelope e leio. Estava tudo dando bem na vida dele e de repente tudo mudou. Fico imaginando como Stacey deve estar se sentindo. O celular vibra e meus pensamentos voltam para a realidade. Olho para a tela, é um número desconhecido.

— Alô? – digo, mas não ouço nenhuma voz, só uma respiração constante do outro lado da linha. – Alô!

— Precisamos nos mexer – diz uma voz feminina.

— Quem é?

— Precisamos nos mexer e rápido. – Após um breve momento é que percebo de quem é a voz que não me parecia estranha, é de Stacey.

— Stacey? É você?

— Preciso que você me ajude a achar esse desgraçado. Eu não vou esperar pelo departamento. Você, assim como eu, sabe que estamos sem tempo. E que em breve poderá surgir uma notícia muito ruim. – A última frase é encoberta com um choro desesperado.

— Mas o que você está pensando em fazer?

— Eu vou achar esse desgraçado e matá-lo – fala com raiva na voz, dando ênfase à última palavra.

— Stacey... – digo tentando acalmá-la – eu também estou tão enfurecido quanto você. Mas...

— Mas? – diz ela ironicamente, me cortando. – Não me venha com mas! I'm gonna find this mother fucker and kill it – diz num inglês firme e pesado desligando a chamada logo em seguida.

Não posso julgá-la, só Deus sabe o que se passa na cabeça dela e como ela está se sentindo.

Não é normal dias antes do casamento acontecer do noivo sumir.

Com o superintendente e o restante do departamento em minha cola, nem sair daqui para fazer as coisas por minha própria conta, posso. João sabe como sou, por isso colocou uma viatura em frente à minha casa. Desgraçado, ele me conhece, sabe que eu faria as coisas sem permissão de ninguém.

Sem ter para onde ir, nem o que fazer, o jeito é ficar em casa e tentar assistir alguma coisa, tentar relaxar o máximo possível. O pior de toda a situação é ficar em casa, no mesmo ambiente de Marta. Sentar perto dela no sofá é como sentar ao lado de *Hannibal* e esperar um golpe ou uma insinuação perigosa. Tento escolher algum filme no *Netflix*, mas as várias opções me deixam cansado demais para continuar, e adormeço no sofá.



A campainha toca. Meus olhos se abrem como se eu tivesse pegado um cochilo, mas percebo que a luz do dia desaparecera e que o crepúsculo já havia passado. Segundo toque. Me levanto esticando o pescoço e fazendo uma careta, depois que uma das vértebras da nuca solta um estalo. Ando devagar até à porta, ainda tentando me equilibrar. Olho pelo olho mágico e vejo o superintendente João em frente da minha porta. Abro-a com o terceiro toque ainda ecoando.

— Que bom que você está aqui – diz ele sério.

— E por que não estaria?

— Porque preciso que você ponha a cabeça de Stacey no lugar.

— O que ela fez? – questiono soltando um bocejo, e sentindo o hálito não muito agradável sair da minha boca, o que me faz pôr a mão à frente.

— Ela simplesmente fugiu do seu apartamento e não estamos conseguindo encontrá-la.

— Como ela fugiu?

— Não sabemos, precisamos achá-la o quanto antes – diz tirando o telefone do bolso. Fala com alguém. Estende o dedo indicador, e pede um momento, afastando-se um pouco.

Cruzo os braços e observo a rua. Tudo muito calmo e tranquilo, até o momento em que alguns carros começam a chegar, mas não são carros comuns, e sim carros grandes, carros de emissoras de televisão, rádio e jornais locais. Flashes começam a piscar, fazendo com que eu leve a mão ao rosto. Conto-os, são pelo menos quinze veículos das mais variadas emissoras nacionais e locais. João desliga o telefone e me empurra para dentro de casa. Uma gritaria ecoa. Os policiais que estão na rua, prontamente começam a conter a pequena multidão que se formava em frente à minha casa.

— Rodrigo! – dizem várias vozes enquanto João continua me puxando para dentro de casa.

A porta fecha. Não consigo ter nenhuma reação. A mídia sabia, alguém contou. Stacey. Só pode ter sido ela.

— Percebe o quão encrencado estamos agora? – diz João me segurando fortemente com as duas mãos.

— Foi Stacey.

— Stacey? O que Stacey tem a ver com isso?

— Ela ligou pra mim hoje cedo e queria que eu me juntasse a ela para fazermos justiça e encontrar a pessoa que está com Alexandre.

— E o que você disse?

— Eu tentei acalmá-la, mas não adiantou. Ela disse que acharia quem está fazendo isso.

— Droga! – diz João enfurecido.

— Rodrigo? – diz Marta vindo da escuridão do corredor como um fantasma. – O que está acontecendo, querido? – muda o tom de voz ao ver o superintendente, como se a nossa relação fosse às mil maravilhas. – Por que há tantas pessoas lá fora tirando fotos da nossa casa? – diz ela fingindo ser uma velha inocente e olhando por uma brecha da persiana.

— Sai daí, Marta!

— Ei! – diz o superintendente para mim. – Calma – vira para ela –, são apenas alguns paparazzi enchendo nosso saco.

— E tem alguma coisa que eu possa fazer por você, meu filho? – diz ela olhando para mim com a malícia de sempre nos olhos.

— Não, Marta.

— Então, eu vou me deitar, estou cansada.

— Até mais, dona Marta. Tenha um bom descanso – diz João esperando Marta sumir de vista. – Antes que eu esqueça, naquela hora que atendi o telefone, antes dessa loucura acontecer, Stacey foi encontrada. Estava na casa de um primo, mas eu ainda vou conversar com ela pessoalmente para ter certeza se foi ela quem deu com a língua nos dentes. No mais, espero que fique bem e por favor não apronte nada. Já basta tudo que está acontecendo e tudo que teremos daqui para frente, vamos manter a calma e seguir com a investigação.

João vai embora logo em seguida. O efeito doppler, causado pelo burburinho da multidão ao abrir a porta e fechá-la, me deixa com raiva. Ficar aqui preso, de mãos atadas, me deixa irritado. Pela primeira vez em toda minha carreira eu estou incapacitado, inutilizado. Saber disso mexe com meu ego.

Agora é questão de tempo para todos da cidade ficarem sabendo e comentando. Mas o pior é o que vão pensar de mim e como eu vou lidar com isso.

ALEXANDRE BELARMINO

DETETIVE CIVIL JÚNIOR

15 DE FEVEREIRO
QUINTO DIA SUMIDO

Os dias são lentos e sufocantes. Cinco dias sem tomar banho, escovar os dentes e qualquer atitude que lembre da higiene pessoal. Minha barba está grande e coçando, mas não consigo pôr as mãos no rosto. Meu corpo fede. Muito. O suor já faz parte do meu cheiro natural. A sensação é que mesmo tomando banho, ainda passaria alguns dias para esse odor sair de mim. A comida melhora a cada dia, ele está me alimentando muito bem, por sinal. Pelo menos isso. Mas não condiz com as outras vítimas que encontramos durante a investigação. Murilo e Jonas estavam com sinais de desnutrição, por passarem sete dias sem alimentação adequada.

Muitas vezes eu tento maquinar como desamarrar as correntes, como sair correndo e como atacar esse inescrupuloso, mas sou sempre vencido pelo medo de que o pior ainda está por vir e que não adianta tentar fugir, pois serei pego.

Embora eu não tenha mais medo da presença e da figura do mal personificada. Quando escuto os passos descendo, o que acredito ser uma escada, tenho duas certezas: comida ou violação. Violação no mais podre sentido da palavra. Não sou apenas vítima de um sequestro, se eu conseguir sair daqui, depois dos exames, perceberão que não fui simplesmente estuprado. Estou servindo de brinquedo sexual para um maníaco. Em cinco dias os abusos foram tão constantes que nem sinto mais dores. Ele me humilha em todas as posições possíveis e imagináveis, cada vez que aparece traz um consolo de tamanho maior. A partir de agora, apenas fico imóvel, esperando a boa vontade dele para acabar com meu sofrimento, enquanto as lágrimas escorrem dos meus olhos.

Sei que o mentor disso tudo é um homem, pois quando está em cima de mim escuto os gemidos másculos. Numa das muitas vezes em que estava sendo abusado, o nojo e a sensação de estar nessa situação me conduziram ao vômito. Numa das vezes, quando pensei que já era suficiente estar vulnerável, meu agressor tirou o consolo amarrado na cintura, melou no vômito com o resto de comida, amarrou novamente na cintura e continuou a me estuprar. Tudo que consegui fazer foi gritar por socorro. Essa foi a primeira vez que desmaiei.

Meus braços doem, minhas pernas estão dobradas e frágeis, de estar tantos dias seguidos agachado. Estou fedendo tanto que sinto nojo de mim mesmo. As lágrimas invadem meus olhos novamente e eu apenas rezo para que tudo isso acabe.

Ouçó os passos se aproximando. Alguém para em frente da porta. As chaves começam a girar e ele entra no aposento com uma nova bandeja repleta de instrumentos de sadomasoquismo.

— Não... Por favor! — digo chorando. — Eu não aguento mais. Me diga o que você quer e eu te darei. Só não faça mais isso...

Ele parecia não ouvir, era como se eu estivesse falando com o vento.

— O que foi que eu fiz pra você? — pergunto enquanto ele mexe nos materiais à sua frente.
— Peça o que quiser, eu te darei — digo ofegante.

Quando ele se vira, vejo que está com um consolo amarrado à cintura, maior do que o último. A seguir, ele ajeita as correntes para me deixar na posição anal de quatro. Enquanto ele solta uma mão e outra, em pleno impulso eu consigo atingi-lo com um golpe certeiro na testa, usando uma das correntes. Ele cambaleia para trás e cai sobre a mesa. Sem pensar duas vezes, enquanto ele agoniza de dor, destranco as correntes dos pés, pois elas estão presas com argolas ajustáveis. Com um esforço muito grande e dores nos joelhos, levanto-me e vou para cima dele atacando com o que sobrou das minhas forças. Pego as chaves que estão em um de seus bolsos e tento abrir a porta.

O nervosismo é muito e a fraqueza me deixa lento. O assassino se recompõe e eu ainda estou tentando achar a chave correta. O coração parece pular pela boca. Uma das chaves entra bem, mas infelizmente não é a certa. Ele já se encontra de pé, cambaleando em minha direção. A segunda chave entra, giro e a porta abre, para meu alívio, mas ao tentar correr, meu joelho trava. Uma dor inimaginável atinge meu tendão. Provavelmente é o ligamento patelofemoral medial, pelos dias que fiquei com as pernas sem exercício. Caio no chão, um corredor que deveria ter uns dez metros de comprimento, está à minha frente. No final dele parece haver uma escada. “Será a saída?”, penso. Me arrasto com todo o esforço que meus músculos conseguem fazer. Olho para trás tentando descobrir se ainda estou em vantagem em relação ao meu agressor e noto que ele ainda está debilitado. Chego à escada de madeira. “Mas como vou abrir a segunda porta?”, só depois de pensar nesse detalhe é que vejo um pequeno molho de chaves no meio do corredor. Tinha caído da minha mão. Olho de novo para trás e o assassino está saindo do aposento onde eu era torturado diariamente. Começo a rastejar para o meio do corredor, pego as chaves e volto. Subo com muito esforço e meu cotovelo começa a sangrar de tanto roçar no concreto de cimento. Ainda desorientado por conta das várias pancadas que dei na cabeça dele, o homem mal consegue ficar de pé, tendo que se segurar nas paredes para não cair. Tento a primeira chave, entra, mas não dá para girar a fechadura. Tento outra, nada. Mesmo estando de costas para ele, eu ouço o barulho do homem se aproximando de mim. Na quarta chave a porta se abre.

Estou numa casa. Uma boa e confortável casa. Minha cabeça e meus braços estão para fora num corredor de piso cerâmica muito sofisticado. Não é uma casa qualquer. Sem delongas, contra todas as dores e lesões do meu corpo, me ergo soltando um grito até sentir meus pulmões se contraírem ao máximo. O homem já está bem próximo, quando num movimento rápido e mancando, fecho a porta e tranco com a chave.

Tento a porta de trás, mas está trancada. Tento o telefone, mas não tem linha. Nada do que penso fazer parece funcionar. Meu coração está a mil. O homem começa a bater na porta. Os estrondos são fortes. Provavelmente, a minha única alternativa é a porta principal à minha frente, no final do corredor onde me encontro. Aparentemente até lá são mais alguns passos. Tentando acalmar a excitação que sinto e a respiração ofegante, é possível ouvir uma agitação do lado de fora da casa. Começo a andar em direção da porta principal, passo pela porta que o agressor está batendo ainda com raiva. Estou mancando, esse empecilho não me deixa ser mais rápido e preciso. Chego à sala de estar. Estou chorando e sorrindo ao mesmo tempo, como se um pequeno filete de esperança estivesse brotando em minha mente. Falta em torno de três passos para chegar ao destino, a porta de saída daquele inferno. Dois. Um. Minhas mãos tocam a maçaneta, que diferente das outras começa a girar e destrancar aquele pesadelo. *“Eu vou poder colocar esse desgraçado atrás das grades”, penso.*

A pancada que sinto logo em seguida é forte e precisa, na região parietal do meu crânio. A visão fica turva na hora exata da pancada. Meus joelhos cedem de vez. Tudo fica mais lento do que já estava. Minha mente gira sem parar e as forças cessam. Tudo o que eu tinha de energia é gasto. Mas mesmo nesta condição, o homem continua a bater na porta. *“Quem me nocauteou, então?”*

Na medida do possível, consigo ver outra pessoa em pé me olhando. Com roupa parecida com a do assassino, um pouco mais baixa e feminina. Pega as chaves da minha mão e destranca a porta. Fim da linha para mim. O homem sai de lá enfurecido, mais que o habitual. Agora não é só um, mas dois agressores. Náusea. Um ardor desce por minha espinha me deixando com frio.

Ele segura meus pés e começa a deslizar-me pelo chão. Ao ver a luz que emana por baixo da porta ficar cada vez mais distante, eu choro, não tenho como me controlar. Sou arrastado escada abaixo violentamente, a pele contra o concreto, deixa vários arranhões e hematomas no meu corpo.

De volta a sala. A porta fechada. O homem mantém o consolo amarrado em sua cintura. Posição anal a postos. E enfurecidamente, me estupra. Essa vez não é como das outras, há raiva e ódio nos gemidos daquele homem. Eu já não tenho mais forças para gritar, então deixo que aconteça e choro. O outro agressor apenas observa como se fosse uma estátua.

Se algum dia eu conseguir sair daqui eu sei o que uma mulher sofre quando é estuprada. É a pior sensação do mundo. É como ter parte do seu corpo exposto. É como andar na rua sempre nu. É como ser violado, maltratado e não ter o que fazer. É como um animal vulnerável no abate. É pedir por socorro e saber que ninguém vai ouvir. Sinto as feridas do meu ânus abrirem novamente. Não posso fazer nada a não ser ficar ali e aguentar até que ele pare.

16 DE FEVEREIRO

SEXTO DIA SUMIDO

Nada mais dói em termos de sentimento. O corpo humano tem a incrível habilidade de se acostumar com as várias situações às quais é exposto. Depois de ser dilacerado por pelo menos uma hora ininterrupta, eles me deram água e comida. Comi como se estivesse há um mês sem comer. Depois disso caí num sono profundo. Não tive sonho ou pesadelo. Na verdade, tive sim. Sonhei que estava com Stacey num lugar escuro e frio.

— Seja forte – dizia ela com uma voz em eco.

— Estou tentando – disse eu num sussurro.

De repente Stacey sumiu. Então eu comecei a pensar sobre o casamento, que seria em alguns dias. Como minha mãe estaria lidando com meu sumiço? *Como deveriam estar as pessoas? O que estaria acontecendo lá fora? Será que estão me procurando?* Questionamentos. Eles me atormentavam sempre. De repente tudo some novamente e eu volto do meu pesadelo.

Acho que esta pequena lembrança de um sonho é a minha mente tentando personificar aquilo que eu mais gosto, para me manter são.

Abro os olhos. Meu corpo está mais sujo do que nunca. Há sangue seco pelas minhas pernas. O odor que meu corpo exala, principalmente pelas axilas, boca e virilha, me deixa agoniado e enojado. Meus lábios estão secos. Consigo verificar passando a língua neles. Meu coração começa a acelerar novamente. Passos. Descendo a escada.

A porta é escancarada e os agressores entram no aposento. É colocada uma venda nos meus olhos. Uma posição sexual é feita com minhas pernas abertas de frente novamente. Em menos de um minuto um consolo é inserido em meu ânus. Eu apenas espero que acabe o mais rápido possível. Mas dessa vez é diferente, no final um líquido gosmento é depositado em mim. Sêmen. Ele depositara o material genético dele em mim. O cheiro cítrico inconfundível confirma isso. Mesmo que eu morra esses miseráveis têm de ser apanhados.

— Então é isso – digo a ele –, você vai deixar seu rastro em mim... vão te pegar filho da mãe! Você agora não tem escapatória.

A venda é removida dos meus olhos. Meu peito e minha barriga estão melados com esperma. Um dos agressores se abaixa próximo ao meu braço direito e injeta uma substância. Segundos depois eu começo a ficar grogue. Tenho consciência, mas não consigo falar nem me mexer. *“Como ele ejaculou, se ele está me estuprando com um consolo? Não faz sentido isso”*.

Um deles tira a máscara. É uma mulher. Depois o outro, um homem. Demora dez segundos para os reconhecer.

— Por quê? — é a única palavra que sai da minha boca.

Sou enrolado num tipo de plástico e levado daquele local. Tudo está escuro enquanto eu sou arrastado. De repente um clarão toma conta da escuridão, é um resquício de liberdade que logo acaba. Quando me dou conta, estou na mala de um carro indo para Deus sabe onde.

RODRIGO MONTIBELLER

DETETIVE CIVIL

17 DE FEVEREIRO
SÉTIMO DIA SUMIDO

Sempre que a investigação avança Adriano me atualiza do andamento das coisas. O laboratório detectou que houve uma briga antes de Alexandre ser levado, as evidências apontam que ele foi arrastado da cozinha até à sala. É tudo tão lento e tão preguiçoso. Estamos há sete dias, e até ao momento nem sequer temos pistas do sequestro de Alexandre.

Eu não consigo me concentrar em nada a não ser na investigação. Meu coração palpita nervosamente a cada segundo que passa. Marta me observa durante todo o dia. Não consigo passar um minuto em um aposento da casa de tão nervoso que estou. O telefone está a tocar neste momento e meu coração gela.

O toque ecoa pela casa de forma ensurdecedora. Até chegar à mesa onde ele se encontra, tudo parece lento e arrastado. É como andar com dez quilos em cada perna.

— Alô? – digo meio ofegante passando a mão na testa para remover uma camada de gotículas de suor.

— Rodrigo. Aqui é o superintendente João – diz ele com a voz pesada e trêmula.

— O que aconteceu?

— Uma patrulha está passando na sua casa para trazer você aqui no escritório. Quando você chegar, conversaremos melhor.

— Mas o que aconteceu? Diz logo!

— Não. Quando você chegar, conversaremos – diz ele pausadamente e desliga o telefone.

— Merda! – solto na mesma hora que alguém bate na porta.

Abro a porta e vejo que há mais de uma viatura em frente à minha casa, os repórteres continuavam lá. A gritaria começa a ecoar e os flashes que cegam, a piscar. Eu semicerro os olhos para ver melhor o rosto do policial que se aproxima.

— Detetive Rodrigo – diz ele numa voz máscula e estendendo a mão para um cumprimento. – O senhor já deve estar sabendo que temos uma ordem para levá-lo ao escritório central, onde o superintendente João está esperando o senhor.

— Sim.

— Por favor, pegue seu distintivo e nos acompanhe.

O distintivo, esqueci dele. Corro até meu quarto, troco de roupa, pego minha carteira e documentos e vou com os policiais.

Passar no meio dos paparazzi não é tarefa fácil. Uma onda de pessoas gritando seu nome e

fazendo perguntas, que muitas das vezes machucam. É difícil. Tenho que me segurar para não avançar em cima de muitos deles e começar uma briga. Tudo vira sensacionalismo com essa mídia barata que ganha dinheiro em cima das dores dos outros.

Entro na viatura com empurrões e gritos no pé do ouvido. A porta fecha e eu apenas fico ali olhando para a frente. Encosto a cabeça no vidro e cubro meu rosto com a mão, para amenizar os flashes que estão me incomodando.

A viatura começa a andar e uma onda de pessoas segue-a. Parece uma multidão de zumbis atrás de sangue fresco. Muitos deles entram em seus carros e vão atrás da viatura onde me encontro. Não tem como impedir que eles nos sigam. Podemos contê-los, mas não impedi-los.

A viagem até o escritório segue silenciosa e pesarosa. O dia está nublado, parece que uma chuva torrencial cairia mais tarde. É perto do meio-dia quando chegamos no centro do Recife. As lojas abertas, mas com poucas pessoas desde que a crise econômica se alastrou pelo país. Algumas pessoas nas mais variadas paradas de ônibus, cada uma seguindo a sua vida. De repente, já estamos próximo da ponte Maurício de Nassau. Como eu amo essa ponte. É a mais bonita em minha opinião. Ela me faz lembrar tantas coisas: as idas ao Recife antigo para algum barzinho depois das aulas na faculdade quando era mais jovem, o desafio de ficar um minuto em cima do parapeito quando me formei e tantas outras lembranças. Mas o melhor de tudo é a visão do centro e a beleza que ela fornece para a cidade.

Baixo a janela do carro e o típico cheiro marítimo invade o veículo. Respiro fundo tentando colocar para dentro o máximo de oxigênio possível. Na verdade, estou tentando afastar o que eu já sabia que iria ouvir do superintendente João, uma tentativa de fuga inválida. Lágrimas começam a brotar no canto dos olhos enquanto o carro passa por cima da ponte. O vento faz com que as mesmas escurram numa linha reta até chegarem em minhas orelhas.

A viagem termina. O superintendente João se encontra de pé em frente à sede da polícia, me esperando. Seus olhos marejados e tristes denunciam o que eu não queria ouvir. Passo algum tempo no carro tentando me acalmar até que João vai ao meu encontro e abre a porta.

— Vamos – diz tentando controlar a voz.

— Fala logo.

— Preciso que você suba para que possamos conversar.

— Eu não quero conversar, eu quero que você fale logo!

Depois de tanto insistir, entro no edifício e sigo-o por escadas e corredores. Todos engolem em seco e baixam a cabeça quando nos veem. Há muita dor naquele local. Todos parecem saber o que está acontecendo menos eu. Na sala central, antes de entrar na sala de João, vejo a manchete num jornal que estava disposto em cima de uma das muitas mesas.

“Incompetência ou Lentidão? O que explica a morte do detetive Alexandre Belarmino?”

Pego a manchete e viro para João. Ele baixa a cabeça. Na mesma hora eu solto um grito.

Um grito tão alto que sinto minhas pregas vocais arderem. Todos ficam olhando. As atividades param, um clima pesado e tenso toma conta do local. As lágrimas descem copiosamente. Nunca ninguém me vira agir assim. Nem eu mesmo sabia que agiria assim. Muitas pessoas começam a chorar também.

— Onde ele está?

— Rodrigo... – começa João tentando me conter – eu acho melhor...

— Onde ele está?! – grito, fazendo-o interromper sua frase e engolir em seco. – Eu quero ir lá.

— Foi tudo muito rápido. Estava esperando...

— O quê? Todo mundo saber antes de mim?

— Não... Só queria que você...

— Não interessa! Eu quero ir lá, agora – falo batendo com a ponta do indicador na mesa enquanto as lágrimas molham meu rosto.

— Tudo bem. Nós vamos.

Ao sair do edifício da polícia, Verônica vem ao meu encontro com lágrimas nos olhos e me dá um abraço. O momento é registrado pelas câmeras do lado de fora do escritório. Todos me veem chorar ao sair do prédio. A cada passo e movimento que dou, um flash, e uma gritaria sem fim ecoa.

— Rodrigo! O que você tem a declarar? – grita um jornalista. – Você se sente culpado pela morte dele? Quais são os planos da polícia? É verdade que você vai se afastar? A população pode ficar tranquila ou é momento para desespero? – enquanto passo pela multidão de repórteres, vários microfones de várias emissoras são colocados na minha frente, na esperança que eu diga algo de conforto. Apenas me desvio deles e entro no carro.

Parece uma eternidade chegar ao local onde se encontra o corpo de Alexandre. Foi encontrado hoje pela manhã, nas proximidades da casa da Sra. Monte. Mas não foi utilizada a mesma cabana dessa vez. Estava afastado da rodovia. Havia muitas árvores e mato por todos os lados. Foi numa parte florestal por trás da mansão. Para chegar lá foram necessários uns quinze minutos de caminhada.

Com a respiração ofegante e suor no rosto chegamos ao local. Lá está Alexandre, jogado fora como um lixo qualquer. O corpo arranhado, os pulsos com cortes profundos, uma cueca que não tem a parte traseira. Ele está desprotegido, depositado num matagal. Há faixas amarelas, fotógrafos da polícia tirando fotos, especialistas colhendo amostras em provetas, tubos e sacos plásticos. Quando eu vejo a cena tudo gira na minha cabeça. Eu vomito, rápido e instantâneo. A pele está suja e malcuidada, a barba grande e sebosa. O fedor do corpo emana quando o vento forte bate nas árvores.

— Vamos conseguir pegá-lo desta vez, Rodrigo – diz José do laboratório passando por

mim. – Ele não foi tão esperto e deixou material genético. Eu farei o possível para adiantar isso o quanto antes.

— Ele foi estuprado também? – pergunto segurando o braço de José antes dele sair da minha frente.

Ele balança a cabeça em positivo e sai.

Chego mais perto do corpo, coloco um pano aromatizado no rosto para conseguir permanecer ali. Lá está ele. Tanta juventude morreu. As lágrimas já não me incomodam mais, elas saem sem fazer esforço. Calço um par de luvas, e chorando faço um breve exame no corpo.

Uma pancada próxima à nuca, arranhões de correntes pelo corpo, sem cortes profundos, sangue seco nas pernas. Abro as nádegas dele e vejo o quanto ele sofreu. O ânus está totalmente obstruído. Isso me faz virar o rosto e cuspir. Me levanto para ir embora. Eu não aguentaria ficar mais tempo ali. Eu só quero me deitar, pois tenho a sensação que vou desmaiar.

Tudo gira e eu desabo no chão.



Quando abro os olhos, estou em casa na minha cama. O dia já tinha ido embora. A única coisa que eu consigo pensar é: “Alexandre morreu”. Me levanto de repente como se tivesse acordado de um pesadelo.

— Calma – diz uma voz atrás de mim, demoro alguns segundos para reconhecer quem é. – Está tudo bem, eu vou cuidar de você – diz Verônica olhando para a janela.

— O que aconteceu? O que você faz aqui? – pergunto olhando ao redor e vendo que estou sem camisa, apenas de cueca. – O que você está fazendo aqui?

— Estou cuidando de você.

— Eu agradeço, mas preciso encontrar esse desgraçado – digo saindo de baixo do lençol e indo ao guarda-roupa procurar uma calça.

Expulso Verônica da minha casa e vou para o laboratório de análises clínicas da polícia. Passaram o dia todo buscando informações nos materiais genéticos.

— Alô? – digo atendendo o telefonema do superintendente, enquanto ligo o carro.

— Tenho um presente para você.

— É o que estou pensando?

— Sim. Venha logo.

— Onde você está?

— No laboratório de análises da polícia.

— Chego em dez minutos.

A ida é tranquila a não ser pelas notícias que estão sendo publicadas nos canais de rádio e TV. Todos me viram chorando, eu era notícia no país inteiro. A parte boa é que a multidão

sensacionalista tinha saído da porta da minha casa.

Consigo chegar ao laboratório sem apanhar trânsito pelo caminho e sem perseguidores. Estão todos lá, o superintendente, o detetive Adriano, seu parceiro, e José.

João me entrega o exame da necropsia, o qual tinha tudo o que já sabia. Estupro, sequestro, tentativa de fuga, leve desnutrição. Já perto do final está o nome da pessoa que lançou sêmen no corpo de Alexandre.

Michael Monte, o filho da Sra. Monte, aquela vadia que entrevistei o ano passado. A fúria e a raiva tomam conta de mim como um copo de suco gelado descendo esôfago abaixo. Eu amasso o laudo em minhas mãos, olho com os olhos marejados para todos eles e solto uma gargalhada de comemoração. Era como se o símbolo da vitória tivesse sido erguido em minha testa. “Eu vou te pegar, miserável”, penso. Respiro fundo e sorrio para o superintendente e ele retribui.

18 DE FEVEREIRO

A ESTRANHA PERFEITA

O mandado de prisão saiu horas depois do resultado. A mídia ainda não sabia quem era o responsável, apenas soltava notícias aleatórias sobre o caso e possíveis fontes mentirosas. Uma coletiva de imprensa fora marcada para mais tarde. Enquanto isso, eu estou me preparando para ir prender aquele filho da mãe. A notícia que tínhamos era que Michael tinha chegado de viagem há pouco tempo com a mãe.

Esperamos o momento certo. São duas da tarde quando vamos à mansão para o prender. Grande parte da mídia já sabe que vamos prender alguém, só não sabem quem.

A Sra. Monte fica perplexa e tenta impedir de todas as formas possíveis e imagináveis a prisão daquele monstro. O garoto parece aéreo e sem saber o que está de fato acontecendo. Só quando coloco as algemas é que ele tem uma reação. Uma violenta reação. São precisos três policiais para contê-lo, embora ele seja magricela, tem muita força.

— Meu filho é inocente! — grita a Sra. Monte na cara dos policiais que invadiam a sua residência. — Isso é um absurdo! Saiam daqui — dá ordens sem ninguém notar a sua presença. O mordomo chora quando o garoto começa a ser arrastado. Os repórteres que nos seguiam continuam com os flashes e perguntas aleatórias. O menino cede e deixa-se ser levado. Por trás de um rosto angelical e infantil está um monstro.

Por onde passamos as pessoas gritam para a viatura e falam mal dele. A notícia vira matéria do Jornal Nacional, o país inteiro acompanha a prisão do menino, que colocou medo na população. Mas o que mais me deixa intrigado é o motivo pelo qual ele fez isso.

A coletiva de imprensa acontece tranquilamente. Eu e o superintendente respondemos a todas as perguntas que são feitas pelos repórteres. Adriano fala da responsabilidade de ter que pegar um caso desse nível e comenta que nós da polícia estamos sempre prontos para defender a cidade e que a justiça sempre será feita. Belas palavras. Há um momento de comoção e um minuto de silêncio pela morte de Alexandre. Neste momento eu não consigo conter as lágrimas, que escorrem por meu rosto e pingam através do meu queixo. Dor. Eu só consigo sentir dor e raiva naquela hora. As câmeras estão voltadas para o meu rosto. Minha fraqueza agora é uma trama nacional. Todos estão comovidos. Stacey, será a dama que ficou viúva antes de casar. Alguns programas de televisão a procuram para fazer entrevistas.

O corpo de Alexandre é liberado pelo Instituto Médico Legal. A autópsia detectou o que já esperávamos. Faço questão de ir pessoalmente falar com o médico legista. Alexandre fora amarrado por correntes, os pulsos denunciavam isso, ele passara dias mal alimentado, estava com

uma leve desnutrição e perda de peso comparado aos registros na polícia em sua ficha cadastral. Os arranhões no corpo denunciavam que houve luta corporal, mas não há rastros de arranhões por unhas de outrem, as marcas na pele são arranhões do chão, pequenos pedaços de concreto e poeira foram detectados, ou seja, ele não foi mantido na floresta onde o corpo foi achado.

— Alexandre foi estuprado mais de três vezes por dia – diz Ricardo de Assis, um médico idoso, mas muito competente e que trabalha há muitos anos no IML. – Mas existe uma coisa que não está se encaixando.

— Como assim?

— O corpo de Alexandre foi achado na floresta ao ar livre, certo?

— Certo.

— Partes da virilha e da barriga estavam com sêmen seco que pertence indiscutivelmente a Michael Monte. O rapaz que foi preso. Certo?

— Certo.

— Acabei de fazer um exame mais detalhado e o sêmen encontrado no corpo de Alexandre não condiz com a situação.

— E por que não condiz?

— Porque o garoto não ejaculou nele. Seria burrice demais alguém se esconder tanto e ter tanto cuidado para não ser pego e deixar sêmen disposto em um local visível. Isso parece ter sido forjado.

— Mas como você chegou a essa conclusão?

— Primeiro. O sêmen foi jogado de forma porca e sem pensar, a não ser que ele quisesse ser de fato pego. Como uma pessoa deixa material genético na cena do crime e quando vai ser preso luta contra? Para um perfil psicopata, como foi traçado, não deveria ter tido luta contra a prisão.

— E mais alguém sabe disso?

— Sim.

— Quem?

— Stacey. A noiva dele.

— Como ela apareceu aqui antes de mim?

— Ela foi a primeira pessoa a aparecer.

— Mas com que autorização?

— Além de noiva ela também faz parte do departamento de homicídios. Ela tem livre acesso nesse caso – diz ele apontando para a porta da sala de exames. Stacey entra.

— Desde quando um detetive precisa de autorização para vir ver um corpo no IML? – questiona Stacey olhando para mim com a cara fechada.

— Stacey, já prendemos quem tínhamos que prender. Você deve descansar e deixar isso

com quem está responsável.

— E por que eu faria isso?

— Porque é o certo.

— O certo é prender a pessoa responsável pelo crime, não a errada. Você mesmo ouviu que a cena do crime foi forjada. O garoto não é o culpado.

— Stacey.

— Não me venha com desculpas! Você não pode fechar os olhos para essas evidências.

— E o que eu devo fazer? Chamar uma coletiva de imprensa, separar todo mundo e dizer para o país que cometemos um erro e que agora devemos voltar atrás porque foi descoberta uma teoria de que o responsável ainda está solto?

— Teoria? Como você pode olhar para essas evidências e deixar passar em branco? Foi detectada uma substância anticoagulante no sêmen. O material não pertence ao garoto. Ele foi incriminado por alguém que ainda está solto por aí.

— Substância anticoagulante?

— Sim – diz o médico tomando a palavra. – Esse sêmen estava guardado em algum lugar. Armazenado há algum tempo. Eu diria que num banco de esperma, para ser mais exato. Mas não há nada registrado no nome de Michael Monte. Essa é a parte do quebra-cabeça que não está se encaixando.

As informações me deixam aparentemente sem fôlego. Eu começo a suar. “Como prendemos o cara errado?”, penso. Tudo fazia sentido. Então o garoto realmente estava fora quando chegamos a casa dele para o prender.

— Stacey. O enterro de Alexandre é amanhã. Vamos descansar e enterrá-lo em paz. Depois nós podemos ver isso com calma. Mas por favor, não faça nada estúpido agora.

— Estupidez é prender alguém sem culpa e fingir que fez a coisa certa – diz ela com os olhos marejados. – O garoto é inocente e eu vou atrás do verdadeiro culpado.

Sai da sala rapidamente. O funeral de Alexandre estava marcado para o dia seguinte, no final da tarde. Vou para casa descansar os neurônios. Só quero banho e cama. Não demora para o sono chegar.

KNIFE -
HOW TO GET
AWAY WITH
MURDER

RODRIGO MONTIBELLER

DETETIVE CIVIL

18 DE FEVEREIRO
AS DUAS FACES DE UM CRIME

Meus olhos se abrem rapidamente, como se eu não estivesse dormindo. Olho para o relógio e vejo que ainda são cinco da manhã. Silêncio. Me levanto da cama sem cambalear. Hoje é o grande dia. Hoje é o dia em que preciso comemorar. Hoje é o dia do enterro de Alexandre. Estou extremamente feliz agora que ele está morto.

Eu acordei tão rápido hoje que é como se estivesse fingindo dormir. Fingir. Essa é a palavra que define minha vida. Uma vida de fingimento. É necessário muita disciplina e foco para manter as coisas no eixo e não perder o controle. Para escapar de um assassinato no Brasil é fácil.

Antes de ir em direção ao banheiro completamente nu, pego uma pequena caixa de som ao lado da cama e levo comigo. Enquanto organizo as ideias e pensamentos que estão borbulhando em minha mente, coloco *Awolnation* para tocar. “Sail”. O som psicodélico inicial me deixa com uma cara de malvado enquanto me encaro no espelho, até que a música explode revelando os graves e os sintetizadores.

Primeiro. Tenha um bom motivo. Talvez eu pense no porquê de ter feito tudo isso depois. É necessário um bom motivo que arrebate suas entranhas quando você pensar nele.

Segundo. Tenha uma profissão daquelas em que ninguém jamais, desconfiará que o assassino é você. Afinal você saberá como manipular os dados e como a polícia vai agir nas mais variadas situações.

Terceiro. Ganhe o respeito do povo. A população hipócrita brasileira é mantida através de heróis do bem. Quem ficaria contra um dos maiores detetives de carreira consolidada? Quem odiaria o homem que fez bem ao povo? Resposta: ninguém.

Quarto. Faça um planejamento de tudo o que for necessário para pôr seu plano em ordem. Corte a pele se possível, assim como estou fazendo agora em plena banheira, enquanto o sangue vermelho e viscoso escorre. Disciplina é fundamental. Foco.

Quinto. Observe as suas vítimas, os costumes, onde moram, o que fazem da vida. Sequestrar Jonas e Murilo foi muito fácil. Acompanhei a vida deles desde o final dos anos oitenta. Isso mesmo. O plano precisa ser infalível. Só após conhecê-los como um cachorro doméstico é que se deve pôr em prática aquilo que aprendemos. A polícia se encarregou de me ensinar a não deixar vestígios nem provas e como ocultar e manipular a cena do crime. “*Por isso que nunca prendemos o desgraçado*”. Penso nisso me olhando no espelho, com um leve sorriso

no canto da boca.

Sexto. Tenha um ajudante. Não dá para fazer tudo sozinho. É necessário alguém de confiança, que seja dominado, que esteja fazendo as coisas enquanto você finge ir atrás das pistas. Uma das vantagens de ser um psicopata é o poder de observação. Quando recrutei Verônica no final da década de noventa, ela era uma simples e meiga jovem. Mas pessoas manipuladoras como eu sabem onde há fragilidade. Foi simples. Descubra que sua ajudante teve uma infância de abuso e carência paternal. Preencha esse vazio, essa necessidade que exala em sua pele por onde passa, e você terá, não só uma ajudante, mas uma marionete que fará tudo o que você quiser e para sempre. Ela será eternamente agradecida por você preencher o vazio que faltava.

Sétimo. Mude seu nome. Não dá para deixar que pistas do passado atrapalhem o presente. Com a ajuda de Verônica foi possível manipular todo o arquivo da polícia a meu favor. Quando planejar um assassinato desse nível, é preciso mudar o nome o quanto antes. Quanto menos documentos no nome original, menos provas e mais difícil a investigação. Após o ensino médio consegui mudar meu nome. Como minha mãe sempre me rejeitou, ela não deixou meu pai colocar o sobrenome dela no meu. Nunca soube muito a origem da minha família da parte de pai. Mas sei que vem da Europa. Construa um anagrama e em alguns dias Igodror Libertelmon se tornará Rodrigo Montibeller. O sobrenome da sua mãe continuará no seu nome e as suspeitas serão minimizadas a zero.

Oitavo. Conte levemente com a sorte. Ela existe e pode ajudar em muitos casos. Alexandre morreu após eu descobrir que ele era filho da vítima que eu estava atrás há muitos anos. Luís Cézar Belarmino. Um ano antes de Alexandre entrar no departamento o pai dele morreu no hospital. A família acusou a equipe médica de negligência e processou o hospital pela morte súbita. Mas digamos que eu tenha adiantado o sofrimento de Luís Belarmino. É simples e fácil. Substâncias mortíferas são facilmente adquiridas no mercado negro. Através da polícia e de alguns outros casos que resolvi, tive acesso a esse mercado. Verônica fez as transações e eu pus em prática. Como Luís estava com câncer, não havia outra explicação a não ser a doença. Mas o melhor presente veio um ano depois quando Alexandre entrou no departamento. Com uma leve pitada de influência sobre o superintendente, arrastei Alexandre para minha equipe.

Nono. Crie suspeitos onde não existem. Isso fará a polícia perder tempo. Era fácil demais manipular Alexandre. A impulsividade dele fazia com que agisse equivocadamente. Pobre garoto. Sabendo que Michael Monte era um garoto problemático, por que não colocar a culpa em cima dele? Fácil. Quando Verônica descobriu que Michael frequentava festas de orgia, nada melhor do que levantar suspeitas suficientes para convencer o departamento a nos permitir ir lá investigar.

Décimo. Colete provas e armazene-as para que sirvam mais tarde. Quando nos separamos

na festa de orgia no litoral sul do estado, consegui achar Michael, enquanto Alexandre ia para o outro lado. Ele estava curtindo tudo e todos que chegassem perto dele. Numa prévia conversa de bate papo erótico com Verônica, fingindo ser uma prostituta, descobrimos seus desejos e preferências masculinas. Homens maduros e peludos, exatamente como eu estava naquela noite. Michael se entregou ao desejo e transamos. Um sexo sujo e baixo. Colete o esperma do futuro assassino em um coletor de urina horizontal, diga que é seu fetiche para que o idiota acredite. Enfie no ânus e saia do ambiente como se nada tivesse acontecido. Pronto. Agora você tem provas para colocar a culpa em alguém.

Décimo primeiro. Guarde as provas em local próprio para isso. Nada melhor do que uma clínica de fertilidade para guardar esperma, eles conseguem armazenar por meses. Alexandre sabia que eu e Verônica estávamos próximos e nos viu entrando na clínica de fertilidade. Mas foi bom deixar que ele pensasse que estava no controle.

Décimo segundo. Mude o plano se for necessário. A ideia original era Alexandre morrer e logo em seguida eu me mataria e a sociedade brasileira descobriria o monstro que eu sempre fora, pois não valia mais a pena viver com todos esses sentimentos borbulhando dentro de mim. Mas então percebi que morrer seria burrice demais depois de tudo que eu passei. Então, matar Alexandre seria o suficiente.

Décimo terceiro. Tenha um local para fazer as suas sujeiras. O meu porão. Meu local preferido da casa. Paredes de concreto e teto forrado. Ninguém escuta. Trazer Jonas e Murilo aqui foi fácil. Nos dois casos, Verônica fingiu ser uma mulher bobinha. Murilo e Jonas caíram como luvas nas mãos dela. Dizem que quando você é perverso é algo que está dentro de você, embora esse sentimento fique adormecido, um dia pode despertar. Os dois frequentavam festas privadas de sexo e sadomasoquismo. As esposas ficavam em casa pensando que eles estavam “viajando a trabalho”. As garotas legais são tão idiotas. As festas não eram como aquela festa a que eu e Alexandre fomos, as que eles iam eram festas mais reservadas e de menor magnitude. Verônica topou ir para um lugar reservado com os dois, mas não iria transar com nenhum, apenas estava testando a perversidade deles. Depois de muito insistir para ir embora dali, Murilo e Jonas seguraram Verônica de tal forma, que se ela não fosse tão sangue frio como eu sou, iria ser estuprada. Dias depois pegamos Jonas. Um ano depois pegamos Murilo.

Décimo quarto. Forje uma invasão domiciliar. Aprendemos muito com Jill Kessler Roberts em *Pânico 4*. Hollywood e sua máquina de transformar ideias ficcionais em realidade. Aprendemos muito com ela. Após dar um beijo prolongado nos lábios de Verônica ela me jogou de um lado para o outro dentro de casa. Tudo tem que ser milimetricamente calculado para que as pesquisas não deem em nada. E não deram. A parte mais difícil foi torcer a perna, tinha que ser uma torção forte e que deixasse visível que houve um combate. O amigo da humanidade, *google*, me informou que lesões nos joelhos são excelentes para deixar um rastro contínuo. Foi

então, que com muito cuidado, Verônica me golpeou na lateral do joelho. Com um pano na boca para tentar abafar o som fechei os olhos enquanto ela danificava meu ligamento colateral medial.

Décimo quinto. Consiga de forma contrabandeada hidróxido de amônia. O mercado clandestino é um excelente negócio. Principal componente químico fabricado nas indústrias da Sra. Monte. O componente apaga as provas e deixa o local sem pistas. A polícia irá ligar as pontas do crime, principalmente quando descobrir que o pai do filho, principal suspeito, estudou com as duas vítimas. É necessário levantar suspeitas. Então nada melhor do que saber que Alexandre Monte sofria na mão de Murilo e Jonas quando mais jovem.

Décimo sexto. Tenha um plano B. Sair com os corpos de Murilo e Jonas foi fácil. Nada de mídia, nada de pessoas em cima, nada de atenção. Mas Alexandre foi diferente. Eu precisava chamar toda a atenção possível. Pois enquanto todos estivessem olhando para mim, fotografando e fazendo perguntas e suposições, ninguém iria notar que atrás da minha casa, do outro lado da rua, em um corredor subsolo, Verônica levava o corpo de Alexandre para uma reserva florestal próximo à casa da Sra. Monte. Ainda bem que o corpo escultural e malhado de Verônica serviu para alguma coisa.

Décimo sétimo. Fingir emoções. Para convencer é necessário atuar. Mas atuar a ponto de ganhar um Oscar. O método Stanislavski diz que o verdadeiro ator tem domínio sobre seu corpo e suas emoções, afinal atuar é isso, fingir uma emoção para o público. No meu caso o público era o país inteiro. Eu era o centro das atenções, então minha atuação precisava ser perfeita, sem erros. Chore quando seu parceiro sumir, é necessário demonstrar empatia. Nenhum público resiste a empatia, ainda mais em casos nacionais. A minha comoção roubou as capas de jornais e revistas em todo o país. O choro de mentira nas entrevistas fez o país ficar aos meus pés.

Décimo oitavo. Com o auxílio das inúmeras cirurgias plásticas que existem, mude seu rosto de forma que com o passar dos anos qualquer traço com o passado não seja mais visível. Quando peguei o primeiro depoimento de Indiana, ela nunca imaginaria que era eu. “Por que você me deixou lá? Por que não chamou ajuda? Como pôde viver todos esses anos com esse segredo?”, pensava eu enquanto ela, dolorosamente falava do seu amado marido que eu tinha matado.

Não sei ao certo quando isso começou. Dizem que os psicopatas já nascem assim. Não me lembro. Talvez tenha sido quando eu matei o gato da vizinha aos cinco anos e consegui convencer todos que ele me tentara arranhar, mesmo ele nunca saindo de casa. Ou talvez tenha sido quando empurrei uma coleguinha de classe da escada aos quatro anos de idade e disse à professora que me desequilibrei quando descia. A menina saiu da escola com uma leve fratura no carpo. Eu me senti bem por aquilo. Era como se todos remassem no sentido do rio e eu era o único contra. Era observar algum jogo no colégio e torcer para que alguém saísse com uma torção. Eu sempre fui alimentado por esse gênero de sentimentos, mas ao longo dos anos,

consegui controlar-me. É necessário dominar tudo e todos ao seu redor.

Mas o ápice da minha loucura foi quando eu vi os assaltantes correndo com as armas e fui em direção deles sabendo que meu pai iria junto. O tiro foi certo nele. Minha mãe se debruçou sobre ele. Ela sabia que eu fizera isso de propósito, eu fiquei ali no chão vendo o sofrimento dela enquanto ele me olhava e estendia a mão. A sensação que tive foi de superioridade. Isso me fez soltar um leve sorriso no canto da boca. Marta me olhava com desprezo. A partir daí nossa relação foi altamente modificada. Modificada a ponto de eu sempre conseguir o que queria, e se não fosse por bem, iria por mal. Em torno de três anos atrás, quando todo o meu planejamento estava quase pronto, Marta queria me expulsar de casa. Em uma das muitas brigas que tive, torci dois dedos dela de propósito. Por ser idosa e por eu ser o Rodrigo Montibeller, ninguém acreditaria nas mentiras que elaalaria na emergência. Bom filho fora, demônio dentro de casa.

Conseguir as coisas do meu jeito era sempre fácil. A forma como o ser humano fica vulnerável em minhas mãos, me deixa fascinado e excitado muitas das vezes.

É estranho pensar nesse meu lado, acho que ele sempre esteve ali, adormecido, esperando só um clique. Hoje, olhando para esse sangue que escorre pela banheira e para essa pessoa que me tornei, vejo que esse monstro sempre esteve ali, atrás da porta, esperando o momento certo para se libertar.

Agora eu preciso continuar com essa carapaça. Logo mais estarei dando o adeus final a Alexandre. Enquanto isso tenho que estar abatido. Simulo a expressão de abatido em frente ao espelho. Agora tentando chorar. Em segundos, lágrimas escorrem dos meus olhos.

— Você é o melhor – diz Verônica saindo das cobertas e entrando no banheiro, me dando um abraço por trás.

Não lembrava que ela tinha dormido comigo. Na verdade, nunca lembrava de nada que ela fizesse. Poderia sumir agora para sempre e não faria falta. Talvez na hora do sexo. Ela sabe como fazer um sexo sujo e escroto. A necessidade de atenção e carinho me sufoca às vezes. Mas eu gosto dela, na verdade gosto da parte manipulável dela. Isso é sexy e doentio, mas saber que tenho uma pessoa que pode servir de tapa buraco, capacho, sempre que quero, me faz ter a certeza de que nunca vou abrir mão dela.

A última vez que vi Alexandre quando tirei a máscara foi marcante, farei questão de guardar em algum lugar do cérebro para nunca mais me esquecer. A expressão dele foi de desgosto e medo.

“— Por quê? – ele perguntou chorando.

— Some três amigos inseparáveis na década de setenta, mais um ensino médio de humilhação e perfil psicopata. Agora, divida por um estupro coletivo, no qual seu pai participou. Pronto. O resultado será de longa duração. Como uma dízima periódica.

— Mas por que eu? – perguntou tentando encontrar uma posição confortável entre as

correntes que o prendiam.

— Não há um porquê de fato. Existe um motivo, mas eu faço isso porque gosto.

Estuprei Alexandre com o consolo sexual mais uma vez. Dessa vez olhando para ele.

— Você acha mesmo que foi negligência do hospital pela morte de seu pai? – perguntei enquanto o objeto entrava e saía dele. – É só ter bons contatos e um pouco de influência, que conseguimos as coisas. O laudo final foi de paralisia cardíaca por causa de câncer – comecei a enfiar o objeto mais forte e com mais raiva. – Mas você sabia que cloreto de potássio para o coração? Imagine que alguém deve ter entrado no hospital e injetado no soro, enquanto sua querida mãe saiu para o almoço. Foi exatamente quando ela voltou que ele começou a passar mal e morreu. Não foi?

Alexandre já não tinha mais forças. Ele apenas virou o rosto para o lado contrário e deixou que o estupro continuasse. Os braços estavam abertos em forma de cruz. Os pelos das axilas estavam grandes e suados, exalando um odor típico de quem não toma banho há dias. Verônica abaixou ao lado dele e removeu a máscara. Alexandre apenas franziu a testa e os seus lábios tremeram, respirando fundo para conter a profunda mágoa que estava sentindo.

— Não vai doer – disse ela mostrando uma seringa. Os braços musculosos de Alexandre deixavam o trabalho de encontrar a veia periférica mais fácil.

Alexandre morreu ali. Acorrentado, com um consolo inserido no ânus. Deu para perceber quando a morte veio e levou sua alma, pois a respiração foi parando e diminuindo. A última lágrima caiu. Ele morreu olhando para mim.

Logo em seguida nós transamos ao som de *Elastic Heart*. O tipo de sexo que nos deixa sem fôlego e com cheiro de perversão no ar. Verônica e eu ficamos observando Alexandre morto, enquanto nos recuperávamos do sexo brutal que tinha acabado de acontecer”.

O toque de Verônica me traz de volta dos pensamentos de como Alexandre tinha morrido. Transamos mais uma vez. O tipo de sexo sujo e desbocado.



Duas horas antes de Alexandre finalmente fazer em paz, eu e Verônica fomos limpar o porão onde ele ficara confinado nos últimos dias. Estava um cheiro insuportável de suor, sujeira e sexo. Quem imaginaria que a cena do crime fica dentro da casa do principal investigador? Resposta: ninguém. Enquanto limpávamos as coisas sujas, brincávamos relembando o sofrimento de Alexandre enquanto estava em nosso poder. Imitamos as caras e bocas que ele fazia enquanto era penetrado pelo consolo de borracha.

— Não! Por favor! – imita Verônica, como uma cena teatral enquanto faz uma cara de perversão e solta uma gargalhada.

— Eu faço o que você quiser, mas, por favor, não faça isso comigo – digo imitando um

gemido enquanto finjo tirar as correntes.

Brincamos durante todo o tempo em que arrumamos a pequena sala escondida em baixo da casa. Foi ideia minha criar esse espaço no qual só eu e Verônica temos acesso. Marta já tentou entrar nele algumas vezes, mas depois de alguns empurrões e maus tratos, aprendeu a lição de que não deve mexer nas minhas coisas e nem abrir a boca para falar do sofrimento que passa comigo. Desde o dia em que a empurrei contra a parede, no qual foram necessários dez dias para o galo que se formou na sua testa voltar ao normal, ela nunca mais quis descer as escadas e ver o que eu aprontava lá embaixo. Mas ela também sabe que ninguém pode mexer com ela. Se algo acontecer com Marta, por consequência de alguém, com certeza eu matarei. Ela é minha e só eu posso machucá-la.

Meia hora faltando para o enterro de Alexandre, o porão que era um cativeiro humano, depois da arrumação, transforma-se em um simples quarto.

Eu e Verônica estávamos olhando um para o outro pelo espelho do banheiro. O plano perfeito. Descemos a escada e damos de encontro com Marta. O rosto abatido e triste, ela sabia que estávamos escondendo algo. Mas ninguém acreditaria na velha. Meus planos são de colocá-la num asilo assim que a aposentadoria sair. Com um olhar cínico e sádico, vou em direção a ela e abro os braços para um abraço. Ela tenta afastar-se, mas não consegue. Com Marta presa em meus braços, depois de tantos anos sem um abraço, pude sentir o quão frágil ela era. Os ossos quebrariam se eu a espremesse um pouco mais. Quando ficamos de frente um para o outro, eu apoio minhas mãos no joelho para ficarmos na mesma altura. Lágrimas escorrem do seu rosto murcho e desolado, as suas expressões refletem desgosto e repulsa. Olhamos um para o outro, como se tivéssemos aberto as portas das nossas mentes. De um lado, uma mãe destruída com o tempo e desgostosa com a vida e com o filho, do outro, um homem com rosto de herói, mas com uma mente perversa e que colocaria a vida de qualquer um em risco.

— O que você se tornou? – pergunta Marta em lágrimas. – Eu nunca rejeitei você. Sempre soube quem você era e por isso eu me afastei e continuo me afastando. Você não vai ficar impune, Rodrigo. Um dia, todos vão saber quem você é de verdade.

A sinceridade dela me deixa confuso, pela primeira vez na vida. Eu não consigo responder, porque de certa forma ela está certa. Eu apenas agia, mas nunca parei para pensar em como as pessoas se sentiriam quando descobrissem a decepção que sou. Mas não me importo.

Marta sempre soube que, por mais malvado que fosse com ela, nunca seria capaz de matá-la. Ela é a única pessoa no mundo que eu nunca mataria. É estranho, mas sinto algo por ela. Ainda que distante, mas sinto.

— Vamos – diz Verônica. – Senão vamos chegar atrasados.

— Essa é a ideia – digo sem tirar os olhos de Marta. – Quando chegarmos todos os olhos vão estar em mim, de certeza. As lágrimas vão correr no meu rosto, os flashes dos jornalistas vão

pegar as imagens, e mais uma vez as pessoas entrarão em comoção, quando perceberem que o grande Rodrigo Montibeller está debilitado por seu parceiro brutalmente morto.

Quando chegamos ao cemitério está tudo pronto. Flores brancas espalhadas, uma multidão de amigos e familiares, o garoto era realmente popular, um pelotão com armas apontadas para o céu. A mãe de Alexandre está inconsolável. Agora sem o marido e sem o filho. Pensar nisso me faz prender um riso que quase atrapalha a minha atuação. Eu e Verônica trocamos olhares antes de sairmos do carro, respiramos fundo e ação.

O rosto sofrido e choroso começa a ser fotografado. O superintendente vem ao nosso encontro. Então eu deito meu rosto sobre seu ombro deixando que minhas lágrimas caiam em sua roupa. Ele dá tapinhas nas minhas costas. Ninguém nunca me viu assim, por isso o consolo. Tudo está na mais perfeita harmonia. Tudo tinha saído exatamente como planejei há muitos anos. Ter a sensação de poder sobre a vida das pessoas me faz sentir incomparável. Estar ali no funeral de Alexandre, com tudo milimetricamente arquitetado, me deixa em êxtase. O culto religioso começa, alguns amigos prestam homenagem, familiares falam sobre ele, a mãe, mesmo se acabando em lágrimas ainda vem me agradecer pela companhia, enquanto eu aceno de longe e finjo chorar nos braços de Verônica, que compartilha da mesma dor fingida. Através da lente preta é possível ver todos sem ser visto. Só então, depois de muito observar a multidão, enquanto o caixão seguia sua trilha para o fim, eu avisto Stacey, quieta e abatida. Não interagindo com ninguém, a não ser com sua mãe, que a acompanha e apoia.

O caixão começa a descer lentamente, entrando na terra. Por um breve instante tive a sensação de que Alexandre olhava para mim através do vidro do caixão, mas é apenas impressão. Quando o caixão é tapado com a terra, as pessoas começam a dispersar. Vou até Stacey dar os meus pêsames.

— Stacey – digo chegando próximo a ela. – Meus pêsames, eu sei que é difícil, mas...

— Como você consegue? – pergunta ela.

— Consigo o quê?

— Fingir tudo isso. Eu sei de tudo, Rodrigo. – A informação me faz franzir a testa.

— Não estou entendendo o que você está falando.

— Você manipulou todos, fingiu que foi atacado em sua própria casa, apagou os arquivos da polícia e usou sua influência para obter resultados pessoais. A mentira tem pernas curtas e pessoas como você não ficam impunes. Eu fui atrás do seu laudo do hospital. Como que um agressor machuca exatamente o ligamento colateral medial sem deixar sequelas? Você pode enganar a todos, mas não a mim. Eu sei o que fez e juro por Deus que não vou deixar isso barato. Você seria perfeito se não deixasse furos demais para trás. Se o médico legista informa que o sêmen encontrado não foi ejaculado naquele momento e de repente o laudo some. Tem alguma coisa errada. Eu não tenho medo de você e sei que devo ter cuidado o suficiente para lidar com

isso. Michael Monte não é o culpado, Alexandre, Jonas e Murilo foram mortos por um *serial killer* e esse cara é você. Mas a minha pergunta é: por quê, o que está ganhando com isso?

— Eu... — digo fazendo uma careta — não sei do que você está falando. Eu sei que a dor de perder alguém é insuportável, mas não entendo porque você deixa se enganar assim. — Aproximo meu rosto dela, baixo os óculos para olhar diretamente para ela, nossos olhos se encontram, meu rosto passa de frágil e assustado para malvado e maléfico. — Mas mesmo que tudo isso fosse verdade, quem acreditaria em você? — digo baixo, quase num sussurro.

Stacey vem para cima de mim. Começa a xingar-me e eu estou feliz por dentro, pois agora ninguém mais acreditará nela. Será taxada de louca. As provas já tinham sido excluídas. Com certeza estará nas matérias dos jornais. E mais uma vez eu sairei como a vítima. Pobre Rodrigo, atacado pelo descontrole emocional da noiva de Alexandre.

Quando dou por mim, a mãe de Alexandre vem me pedir desculpas. São necessários alguns policiais para tirar Stacey de cima de mim. O superintendente dá uma bronca nela na frente de todos. Com certeza será afastada do cargo por um tempo. Talvez as pessoas achem que ela está louca.

Verônica me levanta do chão demonstrando empatia para que as pessoas achem o gesto louvável. Aos poucos percebo que todos em volta me amparam enquanto os flashes continuam. Stacey é retirada do funeral aos gritos enquanto parte dos jornalistas fotografa.

— Rodrigo — diz o superintendente João depois de me recompor. — Você precisa de férias.

Começamos a andar pelo asfalto até chegarmos à saída.

— Você sabe que não são férias que preciso. Meu tempo já passou, eu preciso me aposentar.

— Preciso que você reveja essa sua decisão.

— Não preciso de tempo para pensar. Já é algo que decidi.

— Será que podemos negociar?

— Não.

— Então, por favor, tire suas férias e pense nisso. Eu juro que farei uma proposta decente para você, quando voltar. Eu ainda preciso de você. E a população também precisa. — Ele fica me olhando esperando uma resposta.

— Tudo bem. Eu vou pensar. Mas não garanto que vá mudar nada que já tenha decidido.

— Certo.

Eu e Verônica entramos no carro. Alguns repórteres queriam depoimentos, e antes de sair e comprar uma passagem internacional para aproveitar as férias, baixo o vidro do carro.

— Rodrigo! — diz um jornalista. — Como você se sente agora que o autor dessas barbaridades foi preso?

— Eu só tenho um aviso a dar à população. — Olho para a câmera que está apontada em

minha direção. – A justiça foi feita, mais uma vez conseguimos neutralizar o culpado e prender o assassino. Eu agradeço o apoio do povo e serei eternamente agradecido por fazer parte disso.

Fecho o vidro, alguns outros repórteres começam a aglomerar-se. Dou partida no carro e me afasto da multidão.

— Dubai ou Singapura? – pergunta Verônica.

— Qualquer um dos dois. Ou os dois.

— E a sua mãe?

— Ela vai ficar bem.

— Stacey sabe da verdade. O que vamos fazer com ela?

— Nada até o momento. Se ela se tornar uma ameaça maior, podemos pensar em algo. Mas no momento eu só quero ir embora daqui.

IGODROR LIBERTELMON

ESTUDANTE

27 DE DEZEMBRO DE 1975

A MORTE CONVIDA PARA DANÇAR

O sol aparece escaldante naquela manhã. É o grande dia. O dia em que finalmente teremos o baile de formatura. Não é tão comum fazer esse tipo de festa, mas como estudo em um colégio que segue o padrão internacional eles levam a sério as festas. Temos direito a tudo, igual aos colégios de fora. Anuário, fotos, baile e culto ecumênico.

Penso no que vou falar com Indiana para dar um beijo nela. Dias atrás soube que o relacionamento dela com Murilo tinha acabado. Bem feito. Nenhum daqueles babacas a merece, são garotos mimados que se acham os melhores do mundo. Ela sabe que eu gosto dela. Lembro como se fosse ontem quando meu fichário caiu no segundo ano e ela viu as mensagens e juras de amor que tinha na última página, mas o que mais me chamou a atenção foi a reação dela. Indiana apenas sorriu timidamente e me devolveu o papel. Deu um beijo em minha bochecha e saiu.

— Ei Mané! – diz Alexandre Monte me tirando das lembranças. Ele senta ao meu lado na arquibancada da quadra enquanto boa parte da turma ajuda a montar o cenário. – Você deveria parar de olhar para ela desse jeito. Parece um psicopata – diz ele dando um tapa no meu peito e soltando uma risada.

— Cala a boca!

— Acho que ela gosta de você, mas você é desengonçado demais para ela. Tem que ajustar esse visual – diz ele passando a mão no meu cabelo.

Minha aparência é normal. Sou um jovem magricela e alto, com os cabelos grandes e bagunçados. Poderia ser confundido com um jovem relaxado. Mas eu gosto do meu estilo. Sinto-me bem assim. Mesmo as pessoas falando mal pelas costas, ou os cochichos que acontecem quando passo de cabeça baixa pelo corredor, nada se compara às “brincadeiras” de Murilo, Jonas e Luís.

Luís toca violão no intervalo, as pessoas param para ver seu show, tem um grande talento. Mas as coisas em casa, pelo que ouvi outro dia, não são boas. O pai é alcoólatra, a mãe não tem tempo para ele e um dos seus irmãos fugiu de casa, embora ele tenha um irmão gêmeo ele não estuda conosco. Murilo é o mais rebelde, tem aquele cabelo engomado, tão lambido que parece um capacete, a calça boca de sino e os bíceps para fora da jaqueta jeans, deixam as meninas excitadas atrás dele. Vem de uma família desestruturada, o pai é um grande engenheiro, mas vive traindo a mãe dele. Foi expulso de quase todos os colégios que passou só aqui que ele permaneceu, mesmo o colégio sendo rígido. Jonas é o mais tranquilo, mas posso dizer que ele é

uma “Maria vai com outras”. Faz tudo que Murilo pede, não, ordena. Eles os três, juntos, já foram os responsáveis por várias malícias dentro do colégio. Certa vez entupiram os vasos sanitários com papel, mas como ninguém da coordenação viu, nenhum dos alunos teve coragem de denunciar. Outra vez colocaram laxante no bebedouro da sala dos professores, algumas turmas ficaram com mais de dois dias sem aula. Mas o pior de tudo foi o que eu já sofri com eles. Cabeça atolada na privada, apelidos vergonhosos, empurrões na aula de educação física para que todos rissem da minha cara. Uma vez no primeiro ano eu fui no banheiro, sempre me escondendo com medo de dar de frente com um deles, consegui achar o último box livre do banheiro perto da quadra, quando abri a porta e estava prestes a sair, os três tinham me seguido.

“— Para onde a mocinha vai, hein? – disse Murilo fazendo voz de menina e fechando a porta do banheiro.

— Ele está com medinho – Jonas disse soltando uma gargalhada. – Não precisa ficar assim, Igozinho, não vamos te machucar.

— O que vocês querem? – falei com muito receio e gaguejando, ajeitando os óculos fundo de garrafa que usava.

Murilo me virou de costas, de forma que fiquei de frente para o espelho. Ele se aproximou por trás e eu senti o corpo dele pressionado ao meu.

— Murilo, chega! – disse Jonas.

— É cara, o que é que você está fazendo? – perguntou Luís.

— Eu soube que você tem sentimentos por Indiana – disse ele sussurrando em meu ouvido e se esfregando por trás de mim, meu coração batia mais rápido que o normal. – Se eu souber que você tentou alguma coisa com ela, você estará morto.

Não deu tempo de ele continuar o assédio, pois eu consegui me soltar e sair correndo pela quadra de volta ao pátio.

— Corre, piranha! – um deles gritou de longe.”

Esse foi meu ensino médio. Bullying, bullying e mais bullying. Todas as situações me deixavam arrasado e humilhado. Era algo que mexia comigo. O que me deixava com mais raiva era que, mesmo Marta sabendo que coisas assim aconteciam comigo, ela parecia gostar. Certa vez ela foi notificada do murro que Murilo me deu no rosto. Mas não falou nada. Apenas rasgou e deitou fora o papel da coordenação. E dias depois lá estava eu sofrendo no colégio novamente.

A maior raiva que Murilo teve de mim foi quando ele descobriu que Indiana aceitou ir ao baile comigo. Mas ele não conseguiu fazer nada, pois Indiana se responsabilizou em dar um fora nele na frente de todo mundo. A atitude dela custou dois murros no meu rosto e a expulsão de Murilo. Depois do fim dela, e por ser extremamente popular, as pessoas começaram a me aceitar mais. Eu sentia que meu lado ruim estava mais fraco que usualmente. Era como se estivesse me libertando disso no final daquele ano.

No final da tarde a quadra está impecável. Os professores começam a elogiar a turma e dizer que essa noite será uma noite memorável.

— Não se esqueçam de que hoje é o dia em que vocês podem e devem comemorar – diz a professora Jeane no microfone em cima do palanque, antes dele soltar um fino som que fez doer o tímpano de todos. – Mas cuidado com as brincadeiras e com as pessoas, lembrem-se que nós, professores, estaremos aqui para supervisionar tudo. No mais, aproveitem.

O final do diálogo é engolido por uma salva de palmas e gritos de vários adolescentes felizes e que se abraçam e choram de emoção. Hora de ir tomar banho.



O paletó que eu estou vestindo é quadriculado e cor de creme. Alexandre chega minutos depois com um paletó quase igual ao meu, mas diferente o suficiente para não nos confundirmos. Nesta noite eu prometi a mim mesmo que serei um Igodror totalmente diferente, dançarei o que tiver de dançar, rirei o máximo que conseguir e irei brincar e me divertir como nunca fiz em todo o ensino médio.

Indiana está linda, com um vestido rosa curto na metade da coxa, uma bota de cano alto branca e uma faixa da mesma cor na testa. Radiante em todos os sentidos possíveis. As luzes que caem sobre nós, as pessoas ao redor, a votação do rei e rainha do baile. O momento mágico que eu sempre esperei em toda minha vida vem quando estamos no centro da pista de dança, com *John Lennon* a cantar “Imagine”. Passo dez segundos olhando para os lábios rosados de Indiana, mas parece mais tempo. “*You can say I’m dreamer*”. A língua macia e carnuda dela entra na minha boca. O som fica abafado e eu apenas ouço os gritos da multidão. É definitivamente a noite mais feliz da minha vida. A noite segue com muitos beijos, música e festividade.



No final da festa eu, Indiana e Alexandre vamos até o acostamento, próximo ao estacionamento. É uma caminhada de, pelo menos, dez minutos, pela estrada de barro, cercada por árvores e mato dos dois lados. De repente uma luz aparece, não uma apenas, mas três. Três motos. Os motoristas chegam próximos a nós, já estamos longe da escola.

— Então quer dizer que você prefere ele a mim? – diz Murilo tirando o capacete e descendo da moto, jogando-a no gramado que contornava a rua de barro. Jonas e Luís fazem o mesmo. – O que ele tem que eu não tenho, hein? — Murilo, para! Isso não tem graça, de quem são essas motos? Você não tem idade para estar dirigindo.

— São do meu pai e eu peguei emprestado.

— Por isso que você só se mete em confusão – responde Indiana.

— Isso não vem ao caso agora. Você tá se achando o máximo, né? – diz ele apontando para mim. – Conseguiu realizar seu sonho, veadinho?

— Eu... eu... — gaguejei.

— Sabe o que você merece? Isso aqui — diz ele dando um soco forte no meu rosto, vou direto ao chão. Minha sobancelha se abre e o sangue escorre pelo corte. Indiana tenta me ajudar, mas é impedida por Jonas.

Eles largam Indiana na estrada e me levam e a Alexandre mata adentro. Meus óculos caem em algum lugar, um dos meus olhos não enxerga nada por conta do sangue que escorre e do inchaço. Estou sendo arrastado entre tropeços e grunhidos de choro. Após andarmos cerca de quinze minutos chegamos em uma cabana abandonada. Eu me lembro que já tinha ido ali outras vezes. Essa cabana fica próxima da casa de Alexandre, no mesmo terreno, alguns metros mais atrás. A última vez que fomos ali foi no primeiro ano, os pais de Alexandre tinham proibido e inutilizado a cabana meses depois.

Murilo me joga com toda a força para dentro da cabana. Recebo vários golpes no peito, na cintura e nas costas. Estou praticamente todo machucado e arruinado. Quando penso que aquilo tinha acabado, Luís puxa uma pequena mesa de madeira para o centro e Jonas me tira do chão colocando-me em decúbito ventral. Alexandre chora no canto.

— Cala boca, sua puta! — grita Murilo ferozmente apertando as bochechas de Alexandre. — Se você contar a alguém, o próximo é você. Entendeu? — Alexandre afirma com a cabeça.

Está um calor infernal, quando sinto Jonas abaixar minhas calças e me deixar nu. Tento sair daquela posição, mas estou todo dolorido por causa dos golpes. Engulo em seco e começo a chorar.

É tudo muito perturbador. Eles me estupram rindo e tirando onda comigo. Mesmo eu chorando e pedindo para parar. Os formatos diferentes dos pênis doem cada vez que eles se revezam. Minhas pernas estão sem forças, meu corpo parece sucumbir e eu já não tenho mais forças para gritar. Eles ejaculam em mim como se fosse um alvo. Não fui estuprado apenas uma vez por três pessoas diferentes, mas muitas vezes por cada um deles.

— Você quer ser o próximo, Alexandre? — diz Murilo enquanto me penetra fortemente. Ele responde que não com os olhos em súplica como se aqueles três garotos tivessem o poder da vida e da morte naquele momento. — Então vá embora e não diga a ninguém, se eu souber de algo, você tá morto.

Então Alexandre vai embora da minha vida, sem nem sequer chamar ajuda ou comentar com alguém, cresceu e viveu o resto dos dias sem me procurar. Fui abandonado por aquele que pensava ser meu único amigo. A única pessoa em quem confiava.

E assim eu vejo Alexandre dar um último olhar para mim, a porta se fecha e eu apenas choro. Naquele momento a aliança se desfaz. A amizade, a admiração, tudo. Alexandre para mim virou um inimigo. Eu tinha que lidar com duas dores ao mesmo tempo, a de ser estuprado e a de ser traído.

Depois de pelo menos cinco revezamentos de cada um deles, os garotos cansam. E continuam rindo, como se nada estivesse acontecendo. Passo alguns minutos escorado sobre a mesa com a bunda à mostra enquanto eles riem do quanto eu estava “arrombado”. Eu apenas choro, estou sem forças, quero minha mãe ou meu pai, alguém que possa me tirar dali. Caio no chão e começo a arrastar-me para o fundo da cabana enquanto eles brincam de quem era o pênis mais grosso, quem tinha tirado mais sangue, ou quem tinha arrombado e gozado mais.

Eu conheço a cabana, eles não. Há uma janela no fundo. Uma janela baixa que dá para pular. Eles estão tão entretidos nas piadas que se esquecem de mim. É a minha chance, a última coisa que posso implorar para meus músculos fazerem.

O barulho de quando caio da janela chama a atenção deles. Começam a me procurar em meio à escuridão. Eu corro o mais rápido que posso com o resquício das forças que meus músculos conseguem. O instinto de sobrevivência é ativado em meu corpo, a adrenalina em meu sangue faz as dores pararem por um período. Eu vou cambaleando entre árvores, musgo, gramas e pedras. De vez em quando paro para respirar, uma inspiração forte e precisa, que dilata o diafragma. Depois continuo a correr. De longe eu ouço os gritos de desespero deles. Não tenho noção de onde estou nem para onde vou. Eu sei que continuando por este caminho chegarei à estrada, ainda que seja longe.

Depois de muitos metros, a estrada está bem na minha frente. Quando a alcanço os primeiros raios de sol já estão aparecendo. Eu já não sinto mais nada. Apenas ando e respiro. O cheiro de suor e sangue me dá enjoo, mas não posso vomitar neste momento, será mais perda de energia.

Quando chego no asfalto vejo de longe um caminhão. Para chamar a atenção, eu me jogo no meio da pista e fico ali, esperando que ele passe por cima de mim, para acabar com meu sofrimento.

Um homem com pouco mais de 40 anos me ergue nos braços.

— Meu Deus! O que fizeram com você, meu filho? – pergunta olhando com compaixão e pena para mim.

O homem quer me levar para o hospital, mas eu insisto que me leve para casa. Ele só concorda quando eu digo que chegando no hospital diria que ele teria me estuprado e espancado. O semblante de pena e compaixão muda para raiva e desprezo. O caminhão para na frente da minha casa. Eu desço devagar e cauteloso.

Marta me espera no sofá. Quando ela me vê, fica me encarando um minuto. Aposto que neste momento ela está a pensar: “bem feito, seu merda!”. Durante os anos que se passaram, Marta nunca perguntou o que tinha acontecido, ela nunca me levou no hospital, nem procurou saber como foi a festa, passamos a viver como dois fantasmas.

Vou para o meu quarto. Sento na banheira branca e reluzente. Aproveitando a dor que já

está em meu corpo, com uma gilete, corto pela primeira vez minha virilha. “Foco”. Escrevo em minha pele. Me encaro no espelho, e com o rosto deformado, o ânus dolorido e hematomas pelo corpo, um leve e maléfico sorriso aparece. Então percebo que teria que construir uma vida em prol da minha vingança.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pela oportunidade de estar realizando o sonho de lançar um livro no Brasil. Nunca pensei que fosse possível, mas Deus nos surpreende. Obrigado. Logo em seguida vem a minha mãe Marlene e minha irmã Hemilly, que nunca duvidaram e sempre me apoiaram em todas as etapas até aqui. Vocês são minha base e meu amor profundo, serei eternamente grato.

Agradeço a editora PenDragon, por acreditar e apostar nos autores desconhecidos, e seus profissionais que trabalham com tanto amor para deixar o resultado o melhor possível.

Tia Adriana, pela força e vontade de que tudo desse certo. Rosana Perlim, pelos meses incríveis me apoiando e me acalmando, dizendo que tudo daria certo.

Mirelle, Arely, Regina e Maisa, por serem mais que amigas e apoiarem as minhas empreitadas. Aos demais amigos e colegas, que esperaram o livro ficar pronto para adquirir.

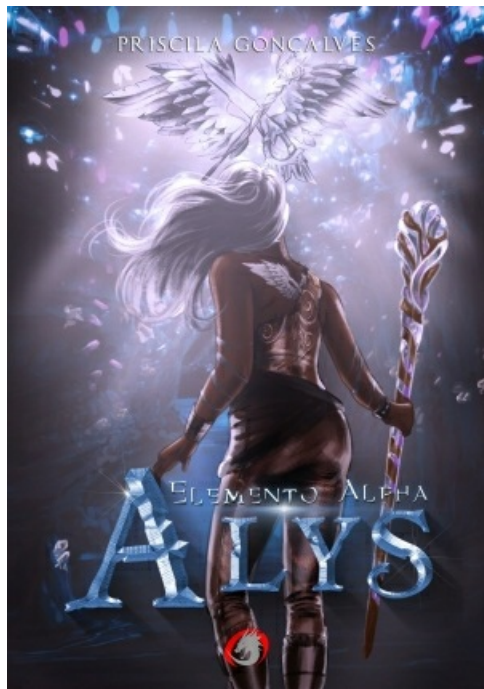
Priscila Gonçalves, pela paciência em me alertar e ser tão franca e honesta sobre todo o processo.

E não menos importante, aos leitores que compraram o livro, sem vocês não existe público e não existe história para contar. Deixo meu muito obrigado, serei eternamente agradecido.



**Editora
PenDragon**

Conheça nosso catálogo
Vendas: www.editorapendragon.com.br



ALYS

Gonçalves, Priscila

9788569782872

354 páginas

[Compre agora e leia](#)

Alys era só uma garota supervalorizando seus pequenos problemas adolescentes. Até que uma simples incursão abriu mais que o mundo que ela desejava conhecer. Abriu os seus olhos pra verdadeira natureza dos metais Nifrity e as responsabilidades de ser a única pessoa capaz de mantê-los em segurança. Agora, ela precisará desenrolar o emaranhado de segredos em que sua vida foi mantida, aprender a dominar seus poderes e encontrar seu guardião antes que a escuridão chegue. Uma aventura fantástica repleta de mistérios, aprendizado e superação, que levarão uma garota a se transformar em uma guerreira e encontrar o seu lugar no mundo.

[Compre agora e leia](#)



Erros... Nas Entrelinhas

Ripardo, Brenda

9788569782537

340 páginas

[Compre agora e leia](#)

Samantha é capitã do time das líderes de torcida e namora Devin, o quarterback do time de futebol. Mas para ela, as coisas não haviam sido fáceis, já que era o tipo de garota invisível. Logo no primeiro dia de aula ela conhece Benjamin, um garoto recém-chegado na cidade, cujo contato inspirador, desperta novamente nela o amor pela música, que há anos permanecia adormecido. Benjamin é diferente, envolvente, e faz com que os sentimentos de Samantha em relação a ele cresçam, e embora ela tente lutar contra isso, o destino parece sempre querer uni-los. O intenso envolvimento de ambos a deixa certa de que ele é o seu verdadeiro amor. Entretanto, nada parece estar a salvo, pois Samantha acaba cometendo erros e ferindo os sentimentos das pessoas que a cercam. Ela terá como lição que os segredos nem sempre estão seguros e que tomar certas decisões, podem trazer sérias consequências.

[Compre agora e leia](#)



Lendárias

Angel, Cristy S.

9788569782575

212 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em sua busca pela libertação de uma maldição, Kahlán, a líder das lendárias, é capturada pela legião em uma emboscada para ser levada ao rei das terras do norte. Na jornada, repleta de perigos e segredos através da floresta negra, têm seus poderes removidos por um bracelete mágico. Enquanto isso, o restante de seu clã guerreiro terá de decidir se partirá em sua busca ou se desvendará um novo mistério no forte das bruxas. Nesse meio tempo, a jovem e encantadora Líder é levada como prisioneira pelo comandante da legião, o belo Lian Ruthven, mas o que ambos não sabem, é que seus destinos estão mais ligados do que poderiam imaginar.

[Compre agora e leia](#)



A Casa das Hostesses

Felipe, Déborah

9788569782407

158 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que você faria se tudo o que planejou para a sua vida desmoronasse em um segundo? Para onde iria quando seu coração é partido e nada mais parece verdadeiro? Quem buscar quando você busca aconchego e conforto numa noite de tempestade? As hostesses podem cuidar de você... A Casa das Hostesses não se parece com um lugar que Souji frequentaria normalmente. A música é muito alta, as pessoas parecem menos inibidas, as luzes dançam muito rápido, as bebidas se parecem mais com poções mágicas... e as garotas... bom, ele não sabe ao certo como é que um trabalho como aquele funciona. Mas aquele lugar misterioso surgiu em seu caminho como se fosse um encontro marcado pelo Destino... Takeshi Souji sempre conduziu sua vida sobre três pilares: seu trabalho na empresa Takeshi, que um dia será sua; seu noivado com Juury, sua namorada do colégio e seus amigos de infância. Porém, dois desses pilares desmoronam quando ele descobre que sua noiva tem um caso com seu pai, deixando-o completamente sem chão. A Casa das Hostesses é um prédio de aparência antiga que germina como se fizesse parte do solo. Ninguém perceberia aquele lugar se não o estivesse procurando, e talvez isso faça parte de seu charme, como um lugar que sabe exatamente quem deseja conhecer a cada noite, como se fosse uma das hostesses que trabalha ali... A todos que estão para conhecer esse novo mundo... Sejam bem-vindos à Casa das Hostesses.

[Compre agora e leia](#)



Como Nascem os Monstros

Jhordan, Jean
9788595940543
134 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Uma família feliz, um assalto aleatório, uma mudança. Um assassinato e suas dolorosas consequências. Até onde o desejo de vingança pode nos levar? Leonardo era um pai de família exemplar e um médico bem-sucedido. Num passeio com a família para comemorar o aniversário da sua filha única, Lara, tem seu carro roubado e sua filha levada por engano. Mal sabia ele que aquela angústia de ter sua filha sequestrada não chegaria aos pés dos sofrimentos que viveria anos depois, na nova cidade que resolvera se instalar após o assalto. Com o coração amargurado, amparado por pequenas pistas que Lara inocentemente havia deixado, Leonardo se guia por um caminho obscuro e sem volta, procurando a vingança que supostamente aplacaria a dor de seu coração, uma dor sem limites. Sem limites também foi sua vingança. "Como nascem os monstros" é um relato cru e doloroso sobre dor, sobre perda, sobre atos e consequências. Você saberá o que a dor é capaz de fazer com a mente e o coração de pessoas de bem, mas que em certo momento perdem as forças diante do peso do sofrimento."

[Compre agora e leia](#)